



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO EM ARTES E COMUNICAÇÃO
COLEGIADO DO BACHARELADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO

Projeto Pedagógico do Curso



Porto Seguro/BA
Maio 2022

Campus Sosígenes Costa
BR 367 km 10 CEP 45810-000
<https://ufsb.edu.br/cfartes/graduacao/sim>

Reitora da UFSB

Joana Angélica Guimarães da Luz

Pró-Reitor de Gestão Acadêmica

Francesco Lanciotti Junior

Coordenador de Apoio Administrativo do Campus Sosígenes Costa

Fagner Joaquim Barbosa de Souza

Decano do Centro de Formação em Artes e Comunicação

Hamilton Richard Alexandrino Ferreira dos Santos

Coordenador do Bacharelado em Som, Imagem e Movimento - SIM

Bernard Pêgo Belisário

Colegiado do SIM

Aleamar Silva Araújo Rena

Ariane de Souza Stolfi

Augustin Maurice Marie Gondallier de Tugny

Bernard Pêgo Belisário

Juliana Coelho Gontijo

Leonardo da Silva Souza

Marcelo Simon Wasem

Núcleo Docente Estruturante do SIM

Ariane de Souza Stolfi

Augustin Maurice Marie Gondallier de Tugny

Bernard Pêgo Belisário

Juliana Coelho Gontijo

Marcelo Simon Wasem

SUMÁRIO

1. DADOS DA INSTITUIÇÃO	5
2. IDENTIFICAÇÃO DO CURSO	6
3. BASES LEGAIS DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO	6
4. CONTEXTO E JUSTIFICATIVA	10
5. PRINCÍPIOS E ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL	14
6. POLÍTICAS INSTITUCIONAIS NO ÂMBITO DO CURSO	16
7. PERFIL DO CURSO	16
7.1 Fundamentação teórica	17
7.2 Objetivos do curso	20
8. PERFIL DO EGRESSO E MATRIZ DE COMPETÊNCIAS	21
9. ARQUITETURA CURRICULAR	23
9.1 Formação Geral	23
9.2 Formação Específica	23
9.3 Área de Concentração	30
9.4 Matriz Curricular	31
9.5 Diagramas e representações dos percursos	36
10. PROPOSTA PEDAGÓGICA	44
11 ATIVIDADES AUTÔNOMAS COMPLEMENTARES	46
12. ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO	49
13. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	55
14. SISTEMA DE CREDITAÇÃO	56
15. ACESSO AO CURSO, MOBILIDADE ACADÊMICA E APROVEITAMENTO DE ESTUDOS	56
15.1 Acessibilidade e diversidade	56
15.2 Formas de Ingresso no Curso	57
15.3 Mobilidade Acadêmica e Aproveitamento de Estudos	57
16. REGIME DE MATRÍCULA E INSCRIÇÕES EM CCS	57
17. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	57
18. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO	59
19. GESTÃO DO CURSO	60
19.1 Corpo docente	60
19.2 Colegiado do curso	60
19.3 Núcleo Docente Estruturante	62
20. INFRAESTRUTURA	62

20.1 Infraestrutura Física	62
20.2 Infraestrutura Acadêmica	63
21. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
22 EMENTÁRIO	81

1. DADOS DA INSTITUIÇÃO

IES: Universidade Federal do Sul da Bahia

Sigla: UFSB

CNPJ: 18.560.547/000107

Categoria Administrativa: Pública Federal

Organização Acadêmica: Universidade

Lei de Criação: Lei 12.818, de 05 de junho de 2013

Endereço do sítio: <http://www.ufsb.edu.br>

Para operação institucional da oferta diversificada dos cursos em Regime de Ciclos, a estrutura institucional da UFSB compreende três esferas de organização, respeitando a ampla cobertura regional da instituição, com a seguinte distribuição de unidades acadêmicas:

Centros de Formação

CF Artes e Comunicação

CF Ciências Ambientais

CF Ciências da Saúde

CF Ciências Agroflorestais

CF Desenvolvimento Territorial

CF Tecno-Ciências e Inovação

CF Ciências Humanas e Sociais

CF Políticas Públicas e Tecnologias Sociais

Institutos de Humanidades, Artes e Ciências

IHAC Campus Sosígenes Costa

IHAC Campus Jorge Amado

IHAC Campus Paulo Freire

Rede de Colégios Universitários

Litoral Sul (Coaraci, Ibicaraí, Ilhéus e Itabuna)

Costa do Descobrimento (Porto Seguro e Sta. Cruz Cabrália)

Extremo Sul (Teixeira de Freitas e Itamaraju)

Campus Jorge Amado

BR 415 km 39 - Ferradas - CEP 45613-204 - Itabuna/BA

Campus Sosígenes Costa

BR 367 km 10 - Zona Rural - CEP 45810-000 - Porto Seguro/BA

Campus Paulo Freire

Pça. Joana Angélica 250 - São José - CEP 45996-115 - Teixeira de Freitas/BA

2. IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

Curso: Bacharelado em Som, Imagem e Movimento

Diplomação: Bacharel/a em Som, Imagem e Movimento; com habilitações em Arte e Produção Sonora, Artes Visuais ou Audiovisual

Carga horária total do curso: 2700 horas (2880 horas para habilitação em Audiovisual)

Tempo mínimo para integralização: 5 quadrimestres

Tempo máximo para integralização: 10 quadrimestres

Estágio: Estágio Obrigatório - 180 horas

Turno de oferta: Noturno

Número de vagas por turno: 30 vagas

Campus de oferta: CSC/Porto Seguro

3. BASES LEGAIS DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

A oferta do Curso Som, Imagem e Movimento responde ao previsto na **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, ao determinar que:

“Art. 53. No exercício de sua autonomia, são asseguradas às universidades, sem prejuízo de outras, as seguintes atribuições:

I – criar, organizar e extinguir, em sua sede, cursos e programas de educação superior previstos nesta Lei, obedecendo às normas gerais da União e, quando for o caso, do respectivo sistema de ensino;

II – fixar os currículos dos seus cursos e programas, observadas as diretrizes gerais pertinentes”.

O presente PPC responde assim ao previsto na Resolução nº 04/2017 da UFSB que dispõe sobre os procedimentos para a criação de cursos no âmbito da Universidade. Dentro desta perspectiva, o Decanato do Centro de Formação em Artes e Comunicação publicou ainda as Portarias 003/2017 (Renovar composição da Comissão para Elaboração do PPC do curso de segundo ciclo SIM / Som, Imagem e Movimento) e 004/2017 (Instituir Colegiado *pro tempore* do curso de segundo ciclo SIM / Som, Imagem e Movimento).

Por seu caráter único no panorama universitário brasileiro, a proposição do curso SIM, com habilitações em Arte e Produção Sonora, Artes Visuais e Audiovisual, considera, para fins das diferentes possibilidades de integralização curricular, as orientações e apontamentos presentes:

a) na Resolução CNE/CES n. 10, de 27 de junho de 2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Cinema e Audiovisual e dá outras providências;

b) na Resolução n. 1, de 16 de janeiro de 2009, que aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais e dá outras providências;

c) na Resolução n. 2, de 8 de março de 2004, que aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Música e dá outras providências.

Além disso, os documentos normativos que regem as informações constantes no projeto pedagógico e para o desenvolvimento das atividades do curso de Bacharelado em Som, Imagem e Movimento completam-se com a legislação abaixo citada:

- Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999 – Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.
- Lei no 10.098 de 19 de dezembro de 2000 – Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.
- Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003 – Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.
- Lei no 11.645, de 10 de março de 2008 – Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".
- Lei no 11.788, de 25 de setembro de 2008 – Dispõe sobre o estágio de estudantes.
- Lei no 12.711, de 29 de agosto de 2012 – Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.
- Decreto n. 4.281, de 25 de junho de 2002 – Regulamenta a Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências.
- Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005 – Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Superior. Referenciais Orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares e Similares. 2010. Disponível em: http://www.ufabc.edu.br/images/stories/comunicacao/bacharelados-interdisciplinares_referenciais-orientadores-novembro_2010-brasilia.pdf
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17810&Itemid=866
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm
- BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria Normativa nº 40, de 12 de dezembro de 2007. Institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação, avaliação

e supervisão da educação superior no sistema federal de educação, e o Cadastro e-MEC de Instituições e Cursos Superiores e consolida disposições sobre indicadores de qualidade, banco de avaliadores (Basis) e o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e outras disposições. Disponível em: <http://www2.mec.gov.br/sapiens/portarias/port40.pdf>

- BRASIL. Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior. Resolução n° 1, de 17 de junho de 2010. Normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=6885&Itemid
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução n° 2, de 18 de junho de 2007. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/rces002_07.pdf

Documentos legais obrigatório para todos os cursos de graduação (com exceção das Diretrizes Curriculares Nacionais e Diretrizes, orientações e/ou normativas do órgão de classe profissional, ambos, relacionados ao curso)

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm

Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do curso e/ou similares aprovados pelo Conselho Nacional de Educação. (Quando houver)

Diretrizes, orientações e/ou normativas do órgão de classe profissional relacionado ao curso (Conselho, Federação, etc.) (Quando houver);

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Superior. Referenciais Orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares e Similares. 2010. Disponível em: http://www.ufabc.edu.br/images/stories/comunicacao/bacharelados-interdisciplinares_referenciais-orientadores-novembro_2010-brasilia.pdf

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Parecer CNE/CES n° 266, de 5 jul. 2011. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16418&Itemid=866

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n° 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n° 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e

bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Parecer CNE/CP nº 003, de 10 mar. 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17810&Itemid=866

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002. Regulamenta a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4281.htm

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria Normativa nº 40, de 12 de dezembro de 2007. Institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal de educação, e o Cadastro e-MEC de Instituições e Cursos Superiores e consolida disposições sobre indicadores de qualidade, banco de avaliadores (Basis) e o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e outras disposições. Disponível em: <http://www2.mec.gov.br/sapiens/portarias/port40.pdf>

BRASIL. Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior. Resolução nº 1, de 17 de junho de 2010. Normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=6885&Itemid

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto nº 5.622. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/Decreto/D5622compilado.htm

Obrigatório para cursos de Bacharelado (Primeiro e Segundo ciclo)

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 2, de 18 de junho de 2007. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/rces002_07.pdf

4. CONTEXTO E JUSTIFICATIVA

No cenário da Educação Nacional, de acordo com o INEP e dados do Educacenso 2013, o Estado da Bahia apresenta a maior concentração de docentes atuantes na rede de Educação Básica sem formação em licenciatura, ou complementação pedagógica, ou mesmo sem ensino médio; 58.826 professores atuam na docência sem a primeira licenciatura, 31.758 professores necessitam de complementação pedagógica e 571 de ensino médio. Ao implantar-se em área extensa do Sul da Bahia (cerca de 40.384 km²), compreendendo 48 municípios na costa meridional do Estado da Bahia, abrigando uma população de 1.520.037 (segundo o Censo de 2010), onde maior parte dos municípios é de pequeno porte – apenas o município de Itabuna ultrapassa 200 mil habitantes, e cinco outros (Ilhéus, Teixeira de Freitas, Porto Seguro, Eunápolis e Itamaraju) têm mais de 50 mil habitantes – temos um cenário ainda mais precário, tratando-se de uma região com elevados níveis de desigualdade social, marcados pela ascensão da violência no campo e na cidade, bem como pela precariedade da formação para o trabalho e pela oferta restrita de empregos. Em face dessas carências, justifica-se plenamente a iniciativa de implantar na região uma instituição universitária da rede federal de educação superior, de porte médio e com desenho institucional ajustado a esse contexto de carências e demandas.

A Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) tem uma característica institucional que a torna particularmente singular em relação às novas universidades federais. De modo geral, as universidades criadas a partir do REUNI, constituem desmembramento de outras IFES. Na Bahia, temos, por exemplo, a Universidade Federal do Recôncavo (UFRB) e a Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) que surgiram do desmembramento da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tutora de ambas durante o período inicial de reorganização institucional. A UFSB, no entanto, não é fruto do desmembramento da UFBA, embora tenha sido tutorada por esta.

Por se tratar de uma Universidade criada recentemente, iniciou suas atividades com uma Comissão Interinstitucional de Implantação que formulou o documento-base intitulado Plano Orientador que, até o momento, cumpre a função legal de Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), no qual se encontram seu marco conceitual, antecedentes e a análise do contexto de implantação, a arquitetura curricular da formação em ciclos; a estrutura dos Colégios Universitários (CUNI), considerada a maior inovação estrutural-acadêmica da UFSB, seus modelos pedagógicos, organizacional e de gestão. Este Plano Orientador apresenta, em documento anexo, uma Carta de Fundação, que explicita sua razão de ser e, ainda, quatro princípios que presidem todas as ações, atividades, programas e projetos pedagógicos desta universidade: eficiência acadêmica, integração social, compromisso com a educação básica e desenvolvimento regional.

Recentemente, emerge no Brasil o modelo de ciclos de formação com modularidade progressiva. Tal modelo tem como base cursos de formação geral em primeiro ciclo, pré-requisito para formação profissional de graduação, em segundo ciclo, ou para formação em pós-graduação em ciências, humanidades ou artes, no terceiro ciclo. O regime de ciclos abre uma possibilidade real de mudanças na preparação do profissional para o mundo contemporâneo, com a expectativa de fazê-lo participar da construção de um mundo onde prevaleçam princípios éticos de equidade e solidariedade.

Esse modelo de formação, em regime de ciclos, apresenta-se com forte ênfase no reconhecimento e na valorização dos saberes e práticas tradicionais e populares. Isso permite consolidar uma visão interdisciplinar e solidária durante a formação universitária, para que os egressos possam realizar uma prática mais efetiva construindo uma relação estendida com as situações contextualizadas de atuação em comunidade.

Além disso, o regime de ciclos pode ampliar possibilidades de contato do estudante com tecnologias avançadas de ensino-aprendizagem, promovendo um diálogo qualificado com outros centros de educação e pesquisa, mediante programas metapresenciais de educação continuada, que vêm sendo pouco explorados nas universidades brasileiras, mas que abrem portas para discussão e aprimoramento das práticas em diversos campos do conhecimento.

O processo formativo do primeiro ciclo orienta-se para a formação de cidadãos críticos, socialmente referenciados, capacitados a intervir na realidade a partir de uma perspectiva interdisciplinar e intercultural, mobilizando conhecimentos e atitudes que tornem as experiências vividas no dia a dia da prática artística em estímulos para o aprendizado permanente. Os cursos de segundo ciclo são baseados em estratégias pedagógicas específicas para a promoção de uma formação científica e social, numa dimensão crítica e produtiva, usando os recursos disponíveis e as condições da contemporaneidade, mediante processos orientados por competências, habilidades e conteúdos, em ambientes reais de ensino-aprendizagem e produção em equipe, numa perspectiva colaborativa. Em termos estritamente acadêmicos, o novo modelo proposto de educação em ciclos, corresponde ao desafio de formar profissionais em ciências, humanidades ou artes nas diversas condições da produção contemporânea.

Um dos princípios da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), expresso no Plano Orientador, é a consolidação de “interface sistêmica com a Educação Básica – ao fomentar formação interdisciplinar e flexível de quadros docentes para os níveis médio, fundamental e infantil de ensino.” Para tornar realidade este princípio, esta universidade tem como diretriz a integração estruturante da Educação Superior com a Educação Básica mediante estratégias de articulação interinstitucional. Esse movimento visa superar, por meio de parceria com a Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC) e com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), enorme e histórica lacuna na formação de professores em todo o Estado, tendo como foco a região Sul da Bahia, território de abrangência desta nova universidade.

A Universidade Federal do Sul da Bahia, institui-se com a missão de produzir e compartilhar conhecimentos, saberes e práticas, formando cidadãos, profissionais e intelectuais dotados de consciência crítica e responsabilidade social. Reafirma, desse modo, seu engajamento com a transformação das realidades econômica, social e política da região, do país e do mundo, na perspectiva de uma cidadania planetária.

A Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), criada em 2013, segue um documento-base formulado por sua Comissão Interinstitucional de Implantação, intitulado Plano Orientador[1], que, até o momento, cumpre a função legal de Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). Nele, encontram-se seu marco conceitual,

anteriores e a análise do contexto de implantação, a arquitetura curricular da formação em ciclos, além de um documento anexo, a Carta de Fundação, que explicita sua razão de ser e seus quatro princípios basais: eficiência acadêmica, integração social, compromisso com a educação básica e desenvolvimento regional.

O Bacharelado em Som, Imagem e Movimento e o contexto

É a partir desses princípios gerais da instituição que se constrói a relação do curso de segundo ciclo Som, Imagem e Movimento com o contexto histórico-espacial em que se insere, preenchendo importante lacuna acadêmica no que concerne à formação profissional no campo das Artes na região Sul da Bahia. Trata-se de uma área de abrangência composta de 48 municípios – em sua maioria, de pequeno porte, exceto por Itabuna, que ultrapassa 200 mil habitantes, e Ilhéus, Teixeira de Freitas, Porto Seguro, Eunápolis e Itamaraju, que têm mais de 50 mil habitantes –, ocupando 40.384 km, situada na costa meridional do território baiano, com uma população de 1.520.037 habitantes (dados do Censo 2010).

É uma região de grande riqueza cultural, porém, com indicadores educacionais bastante precários. Cerca de 290 mil estudantes encontram-se matriculados em 1878 estabelecimentos de ensino fundamental e 66 mil estudantes no ensino médio, em 165 escolas públicas, em sua maioria da rede estadual. No âmbito da educação superior, seja em instituições públicas ou particulares, não há opções de estudo na área do SIM em toda a região, restando apenas duas graduações em áreas adjacentes ou mais restritas: Comunicação Social, com habilitação em Rádio e TV, na UESC, e Licenciatura em Música, ainda não iniciada, na UNEB (nos campi de Teixeira de Freitas e Eunápolis). Só bem mais distante, para além de 500 quilômetros de Porto Seguro, há os cursos de Artes Plásticas, Design e Música, da UFBA (Salvador/BA); Cinema e Audiovisual, da UESB (Vitória da Conquista/BA), Artes Visuais e Cinema e Audiovisual, da UFRB (Cachoeira/BA); Música, da UEFS (Feira de Santana/BA); e de Artes Visuais, Artes Plásticas, Design, Comunicação Social – Audiovisual e Música, da UFES (Vitória/ES). Face às carências aqui delineadas, justifica-se plenamente a iniciativa de implantar na região uma graduação em Som, Imagem e Movimento.

A ausência na região de cursos superiores nas áreas de conhecimento abrangidas pelo SIM, por si só, seria razão suficiente para justificar a criação do que aqui se apresenta. Contudo, a proposta do SIM se reveste de importância ainda maior em se considerando o perfil do público atingido e sua relação com as artes abordadas. Primeiro, quanto ao público, nota-se uma singularíssima diversidade sociocultural, formada no trânsito entre o rural, o urbano e o periférico, entre o sudeste e o nordeste do país, entre numerosas comunidades ribeirinhas, quilombolas e indígenas e estruturas indubitavelmente modernas, como as da atividade comercial das cidades de Teixeira de Freitas, Eunápolis e Itabuna, ou do turismo em Porto Seguro, Ilhéus e Itacaré. Essa característica regional faz emergir em profusão manifestações culturais igualmente diversas, indo desde a intensa produção musical e gráfica, mais próximas das modernas estruturas urbanas, até a radicalidade do documentário e do cinema indígena. As instituições culturais do sul da Bahia também são muitas e plurais. No caso específico da cidade-sede do curso, por exemplo, há o Centro de Cultura de Porto Seguro, a recém-inaugurada unidade do SESC, o sofisticado Anfiteatro Mozarteum e uma série de grandes eventos já consolidados, tais como Arraial Cine Fest, Música em Trancoso, Carnaporto e São João Elétrico.

Contudo, grande parte das manifestações culturais que ocorrem na região de Porto Seguro ainda traz demasiada ênfase no aspecto turístico e mercadológico, muitas vezes deixando em último plano um compromisso com o desenvolvimento do campo das Artes em si, seja no âmbito de uma sensibilização ou (in)formação cultural da população local, seja no âmbito da promoção de debates, reflexões e atividades que no longo prazo podem enriquecer a

cultura regional, diversificar o campo de práticas estéticas e gerar ainda mais espaços e eventos de fruição artística. Os cursos de Artes da UFSB – e aqui incluímos o SIM – devem, deste modo, assumir com a cultura artística de Porto Seguro e região um compromisso que, não sendo indiferente às demandas e às características de um mercado particular, busque contribuir para fomentar políticas e ocorrências artístico-culturais atentas ao desenvolvimento humano, ambiental e político e geradoras de diversidade e respeito às riquezas simbólicas das diversas minorias – econômicas, religiosas ou étnicas – que habitam esse território.

Esse compromisso, que ao mesmo tempo reconhece a potência da efervescência cultural regional e a necessidade de proteção à diversidade e fomento das práticas, deve-se somar à opção inclusiva da UFSB, com um abrangente sistema de 75% de cotas para os cursos de segundo ciclo que busca espelhar a diversidade das ruas, seja étnico-racial, seja socioeconômica, o que a situa, definitivamente, num espaço diferente do dos grupos social, cultural e economicamente hegemônicos no Brasil. Esse perfil está intimamente relacionado com a nossa opção pelas artes do som, da imagem e da imagem em movimento, não só porque estas têm mobilizado enormemente a juventude em questão, mas também porque constituem um campo fundamental de luta pela autonomia cultural e política nas Américas, conforme nota Gruzinsky[2], ao identificar no uso massivo das imagens um ardiloso instrumento da moderna dominação dos povos nativos e diaspóricos. Tal uso, porém, não se constitui univocamente e “de cima para baixo”, como nas famosas análises de Adorno e Horkheimer[3], na medida em que, além de servir aos propósitos dominantes de uma indústria cultural global, também é taticamente apropriado e empregado por uma ação comunicativa em rede, eminentemente popular, situada nos lugares marginalizados pela globalização, conforme argumenta Santos[4]. Em caminho semelhante, Martin-Barbero observa que o protagonismo cultural dos meios tecnológicos de comunicação na América Latina não se restringiu à dominação, comportando, contrariamente, uma relevante carga de resistência que transparece, mesmo nos veículos dominantes, “um resto não simulável, não digerível, que a partir da alteridade cultural resiste à homogeneização generalizada”[5].

Um exemplo nacionalmente consagrado das potencialidades que se quer liberar com a implantação deste curso no contexto específico do Sul da Bahia é o da eclosão da cultura híbrida do Mangue-beat em Recife, no início dos 1990, que teve como expressão mais visível o trabalho musical, performático e imagético de Chico Science & Nação Zumbi[6]. Retomar os maiores feitos do Mangue-beat, sobretudo na música e no cinema, não é tarefa difícil, a começar pelos álbuns *Da lama ao Caos* (disco de Chico Science & Nação Zumbi, 1994), *Aforciberdelia* (*idem*, 1996), *Samba Esquema Noise* (disco de Mundo Livre S/A, 1994), *Fuá na Casa de Cabral* (disco de Mestre Ambrósio, 1998), *Samba pra Burro* (disco de Otto, 1998), *Baile Perfumado* (filme de Lírio Ferreira e Paulo Caldas, 1996), *O rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas* (filme de Paulo Caldas e Marcelo Luna, 2000), *Amarelo Manga* (filme de Cláudio Assis, 2002).

Citar esses acontecimentos em Pernambuco, contudo, talvez seja desnecessário, ante as manifestações bem menos famosas, mas não menos significativas, de que já dispomos na própria UFSB em seu curto tempo de existência. É o caso, por exemplo, do cantor e performer Michael Jackson do Arrocha, que, em vídeos co-produzidos pelo colega Daniel Duran, faz uma irreverente sobreposição entre o imaginário do ídolo pop norte-americano e a cultura da periferia de Porto Seguro. É também o caso do coletivo Turma da Sandy, formado por 5 estudantes em Teixeira de Freitas, que se propõe a debater a problemática de gênero no interior da Bahia em pungentes curta-metragens. Podemos citar, por fim, o trabalho do músico e vídeo artista Raone Calixto, que produz em áudio e vídeo uma série de novos artistas de Itabuna e redondezas, da MPB ao rap, mantendo um ousado projeto de divulgação coletiva batizado de “Âmagô”.

Em todos esses casos – em que o som, a imagem e a imagem em movimento se combinam e recombinaem de acordo com os interesses dos jovens artistas – e em muitos outros que vêm ganhando corpo na UFSB, confirma-se o argumento de Santos, em que o lugar, para além da referência pragmática ao mundo, se revela “o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade”.

De outro lado ainda, o SIM se propõe a desenvolver e ampliar, a partir das experiências do BI e LI no primeiro ciclo em Artes, espaços para a pesquisa, a inclusão e do desenvolvimento de saberes artísticos tradicionais e marginais – seja no campo da produção sonora, seja no âmbito da produção visual – cujos exemplos locais variam das técnicas da pintura corporal e produção de objetos nas comunidades indígenas, passando pela grande diversidade de modos de expressão e criação nas artes gráficas em Porto Seguro e região (como a grande profusão de modos e técnicas de uso da tipografia e ilustração nas paredes dos comércios de bairros como o Baianão), indo até a produção e exibição do cinema periférico, étnico e marginal. É nesse lugar híbrido e dinâmico, entre os desdobramentos das tecnologias contemporâneas e os saberes tradicionais, entre as referências de um quadro linguístico e simbólico hegemônico e as possibilidades subversivas abertas pelas práticas periféricas, que buscamos criticamente nos colocar, na esperança de que o SIM possa colaborar de forma significativa para uma maior democratização e enriquecimento da produção artística, simbólica e cultural da região Sul da Bahia.

[1]

<http://www.ufsba.ufba.br/sites/ufsba.ufba.br/files/Plano%20Orientador%20UFSB%20Final.pdf>
f. Acesso em: 10 abril 2015.

[2] GRUZINSKY, Serge: A guerra das palavras. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

[3] ADORNO, Theodor, HORKHEIMER, Max: “A indústria cultural – o Iluminismo como mistificação das massas” in Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

[4] SANTOS, Milton: A natureza do espaço: técnica e tempo, Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 258.

[5] MARTIN-BARBERO, Jesus: Dos meios às mediações. Rio de Janeiro: Edufrj, 2002, p. 257.

[6] Cf.: VARGAS, Heron: Híbridismos musicais de Chico Science e Nação Zumbi. Cotia: Ateliê, 2007.

5. PRINCÍPIOS E ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL

A UFSB compreende o ensino superior como tarefa civilizadora e emancipatória, a um só tempo formadora e transformadora do ser humano. Nossa jovem universidade foi concebida para atender às exigências educacionais do mundo contemporâneo, bem como às especificidades culturais, sociais, artísticas e econômicas da Região Sul do Estado da Bahia, sem negligenciar o desenvolvimento nacional e planetário. Anima esta Universidade a possibilidade de recriação da educação pública brasileira como vetor de integração social e como fator de promoção da condição humana, aspectos pouco valorizados no modelo educacional vigente.

A razão de ser desta instituição está alicerçada na solidariedade e no compartilhamento de conhecimentos, habilidades, desejos, impasses e utopias que, em suma, constituem a riqueza imaterial que chamamos de saberes ou espírito de uma época. Nessa perspectiva, pauta-se nos seguintes princípios político-institucionais: eficiência acadêmica, com uso otimizado de recursos públicos; compromisso inegociável com a sustentabilidade; ampliação do acesso à educação como forma de desenvolvimento social da região; flexibilidade e criatividade pedagógica, com diversidade metodológica e de áreas de

formação; interface sistêmica com a Educação Básica; articulação interinstitucional na oferta de educação superior pública na região e promoção da mobilidade nacional e internacional de sua comunidade.

A matriz político-pedagógica funda-se em três aspectos: regime curricular quadrimestral, propiciando otimização de infraestrutura e de recursos pedagógicos; arquitetura curricular organizada em ciclos de formação, com modularidade progressiva e certificações independentes a cada ciclo, além de articulação entre graduação e pós-graduação; combinação de pluralismo pedagógico e uso intensivo de recursos tecnológicos de informação e comunicação.

A UFSB funciona em regime letivo quadrimestral (três quadrimestres por ano) com períodos letivos de 72 dias, totalizando 216 dias letivos a cada ano. Esse regime inclui os dias de sábado para atividades de orientação e avaliação, com horários concentrados em turnos específicos e oferta de atividades e programas à noite.

O calendário anual da UFSB é composto da seguinte forma:

Quadro 1:

Quadrimestre	Duração	Período
Outono	72 dias	Fevereiro – março – abril – maio
Recesso	14 dias	Fim de maio
Inverno	72 dias	Junho – julho – agosto – setembro
Recesso	14 dias	Meados de setembro
Primavera	72 dias	Setembro – outubro – novembro – dezembro
Férias	45 dias	Natal e mês de janeiro (integral)

A estrutura institucional da UFSB conta com quatro níveis de organização, correspondendo a ciclos e níveis de formação:

Colégio Universitário (CUNI)

Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC)

Centros de Formação Profissional (CF)

Complexos Integrados de Educação, compreendendo: Colégios Universitários, Centros de Ensino Médio Integral, Centros Estaduais Noturnos de Educação e Núcleos de Formação de Professores da Educação Básica.

Como a organização institucional baseia-se em forte interligação entre níveis e ciclos de formação, a estrutura administrativa reflete essa interconexão estruturante da própria estrutura multicampus. Fortemente pautada na utilização de tecnologias digitais, a gestão da UFSB tem como base uma estrutura administrativa enxuta e descentralizada, autonomizando os campi, sem, entretanto, perder a articulação de gestão com os diversos setores da Administração Central. Ou seja, tanto no plano acadêmico quanto administrativo, combinam-se, de modo orgânico, a descentralização da gestão de rotina com a centralização dos processos de regulação, avaliação e controle de qualidade.

Para ampliar a oferta de vagas públicas no nível superior de formação, em paralelo e em sintonia com a melhoria dos indicadores pertinentes ao ensino básico, a UFSB oferece cobertura no território da Região Sul da Bahia através da Rede Anísio Teixeira de Colégios Universitários (CUNIs) que apresentamos acima. Os CUNIs funcionam preferencialmente

em turno noturno, em instalações da rede estadual de Ensino Médio. Para viabilizar uma integração pedagógica efetiva, com aulas, exposições e debates, transmitidos em tempo real e gravados em plataformas digitais, cada ponto da Rede CUNI conta com um pacote de equipamentos de tele-educação de última geração, conectado a uma rede digital de alta velocidade.

O ingresso na UFSB se dá nos CUNIS, via seleção ABI, e pelo Enem/SiSU, de duas maneiras: (a) diretamente nas quatro opções de BI ou (b) em Área Básica de Ingresso (ABI) para LI, com opção de conclusão no BI. Há reserva de vagas para egressos do ensino médio em escola pública, com recorte étnico-racial equivalente à proporção censitária do Estado da Bahia, sendo metade dessas vagas destinadas a estudantes de famílias de baixa-renda. Nos campi, a cota mínima é de 55% e, na rede de Colégios Universitários, de 85%.

6. POLÍTICAS INSTITUCIONAIS NO ÂMBITO DO CURSO

O SIM possui em curso, desde o início, um programa de estágio em dois de seus laboratórios, o Som e Imagem e o laboratório de Artes Visuais. Neles estudantes de todas as suas habilitações podem desenvolver estágios supervisionados previstos neste PPC. Estão previstas ainda parcerias para estágio com o Centro de Cultura de Porto Seguro, e estúdios de produção sonora, produtoras de vídeo e agências de comunicação ou produção artística da região de Porto Seguro. Outros convênios com outras instituições pelo país e fora serão igualmente gestados e colocados em curso.

Há ainda em curso o projeto Imagens da Diferença, que oferece aos estudantes bolsas para a implementação da metodologia Inventar com a Diferença nas escolas vinculadas à UFSB, no caso de Porto Seguro, o CIEPS (Centro Integrado de Educação de Porto Seguro). Esse projeto conta com o financiamento de uma bolsa do programa Inventar com a Diferença, da UFF. Ao término dessa bolsa, a equipe do SIM pretende buscar novas fontes de financiamento para que o trabalho com o cinema e os direitos humanos nas escolas sejam uma frente constante de desenvolvimento.

Além disso, contamos com professores doutores pesquisadores que desenvolvem projetos de pesquisa com bolsas PIBIC.

A monitoria acadêmica está sendo implementada na UFSB por meio de uma resolução específica, e será implementada no SIM assim que a resolução estiver em vigor.

O SIM contará ainda com um Festival Anual de Som, Imagem e Corpo, em parceria com o curso de segundo ciclo do CFAC Artes do Corpo em Cena.

Haverá também uma revista digital em PDF do curso na qual os/as estudantes e professores/as, bem como participantes externos, poderão publicar seus trabalhos artísticos e acadêmicos.

7. PERFIL DO CURSO

O bacharelado profissionalizante SIM – Som, Imagem e Movimento oferece ao/à estudante uma formação a partir do encontro das práticas artísticas no campo do som, da imagem e da imagem em movimento, tendo as mídias e mídias eletrônicas como referência nos processos de criação.

Tradicionalmente, os cursos de formação superior em Artes no Brasil têm tratado as práticas artísticas da imagem, do som e da imagem em movimento como esferas separadas, sendo as práticas do vídeo, da imagem, do desenho, etc. abarcadas pelas Artes Visuais, e as práticas sonoras, pela Música. Se Som e Imagem são às vezes campos pensados de forma conjugada, como acontece no caso dos cursos de Audiovisual, o Som não possui aí o mesmo status que a Imagem enquanto campo de criação.

O que dizer, portanto, das muitas tendências contemporâneas da arte que pensa e exerce a prática artística nesse encontro, nessa intercalação, nessa complementação entre som, imagem e o movimento? O curso de bacharelado SIM – Som, Imagem e Movimento da UFSB ofertado em três grandes eixos – Arte e Produção Sonora, Artes Visuais e Audiovisual – se formula no âmbito desse universo de criações, técnicas, procedimentos, pensamento sensível e crítico que vão implicar o som, a imagem e o movimento num horizonte de práticas artísticas reconhecíveis e expressivas na arte contemporânea. Isso é feito ao mesmo tempo que se permite ao estudante navegar pelo leque de CCs do SIM na composição de suas habilitações específicas (Artes Visuais, Arte e Produção Sonora e Audiovisual) ou de uma formação mais geral em Som, Imagem e Movimento, sem a ênfase das habilitações.

Deste modo, o SIM oferece ao estudante a possibilidade de uma formação aberta, na qual pode escolher seu percurso livremente dentro da extensa rede de CCs ou seguir uma habilitação em um campo de práticas mais (re)conhecido. Tem-se assim quatro opções de formação:

- ❖ Bacharelado em Som, Imagem e Movimento - Audiovisual
- ❖ Bacharelado em Som, Imagem e Movimento - Arte e Produção Sonora
- ❖ Bacharelado em Som, Imagem e Movimento - Artes Visuais
- ❖ Bacharelado em Som, Imagem e Movimento (sem habilitação)

Ao ser pensado em sintonia com o curso de Artes do Corpo em Cena, o SIM coloca em evidência a palavra movimento, que pode se referir não somente ao movimento da imagem ou das máquinas, mas também do corpo em cena e sua conjugação com as artes da imagem, do vídeo e do som. Nesse sentido, uma significativa parte da carga horária do SIM (360 horas) pode ser cursada junto do currículo do curso Artes do Corpo em Cena, em dias da semana especialmente pensados em ambos os cursos para essa troca. Ainda, para as instalações espaciais que envolvam o som, a imagem e o movimento, podemos falar em uma aproximação entre o movimento interativo do corpo do fruidor da obra de arte e a obra instalada. Deste modo, a criação sonora e a performance podem se encontrar num campo de práticas contemporâneo extremamente rico e diversificado.

7.1 Fundamentação teórica

O ambiente estético e artístico na modernidade e na contemporaneidade vem sendo afetado de múltiplas formas pelas tecnologias da comunicação desde pelo menos o séc. XIX. Se integramos aqui a mídia impressa, veremos que as interações entre os processos e técnicas da comunicação social e a arte datam-se dos séculos XVII e XVIII, com o nascimento e popularização do romance, do folhetim e da Literatura moderna por toda a Europa ocidental e suas colônias. O Cinema, o Rádio, as diversas plataformas de gravação de áudio, vídeo e imagens que emergem no período de 100 anos compreendido entre 1850 e 1950 atravessam visceralmente o estatuto das Artes ocidentais, abalando suas fundações e abrindo caminho para uma inédita zona de encontros, desencontros, tensões e trocas entre os processos técnicos da comunicação massiva e as práticas artísticas.

Essas possibilidades ampliadas de expressão e divulgação, extremamente dependentes do desenvolvimento tecnológico das sociedades contemporâneas, transformaram nossos modos de perceber e, conseqüentemente, nossa maneira de produzir sentidos e de construir narrativas, e abalaram profundamente as práticas canônicas das Artes. Entendendo o termo imagem de maneira expandida, como construção mental oriunda da experiência e aberta à multissensorialidade, as novas tecnologias instauram regimes de imagens inéditos. Estes podem ser ilustrados pelo grande número de poéticas artísticas e fenômenos culturais que lidam com exorbitantes quantidades e qualidades de estímulos das mais diversas naturezas. O campo perceptivo, como território por excelência de intervenção da arte, é reconstruído a partir de certa sincronização dos sentidos, para usar um termo de Serguei Eisenstein, impulsionada por inéditas formas de organização tempo-espaço impostas pelas novas tecnologias.

Nas Artes Visuais uma tal multiplicidade de formas e expressões técnicas e tecnológicas se faz hoje cada vez mais presente, colocando em cheque a clássica concepção deste campo como restrito à pintura e/ou à gravura. Com a presença cada vez mais intensa do vídeo, das interfaces de interação, dos sensores de telepresença e de movimento corporal, das interfaces digitais de desenho e animação, das interfaces de impressão 3D, etc., temos um campo sensorial imagético expandido e fortemente mediado pela tecnologia, e que não pode mais ser ignorado pelas propostas contemporâneas de graduação em Artes Visuais.

Mesmo no campo da música contemporânea, as expansões de suas dependências pelo campo da instalação, do uso espacial, da performance e, por fim, da implicação das mídias eletrônicas tem sido fato marcante no campo daquilo que tem sido chamado de Arte Sonora. Como coloca Iazzetta e Campesato,

Por arte sonora entendemos a reunião de gêneros artísticos que estão na fronteira entre música e outras artes, nos quais o som é material de referência dentro de um conceito expandido de composição, gerando um processo de hibridização entre som, imagem, espaço e tempo. Entre outras questões, a concepção estética desse repertório vai ao encontro da reflexão e inclusão de elementos que geralmente possuem um valor secundário, ou mesmo inexistente na criação musical tradicional, tais como o espaço, a visualidade, a performance e a plasticidade. A partir daí decorre um conjunto de obras que estão inseridas em gêneros que se agrupam em torno do termo arte sonora – *soundscape*, *sounddesign*, *soundsculpture*, instalação sonora – e que se referem ao trabalho de artistas híbridos que lidam com concepções criativas que buscam integrar noções de som, tempo, espaço, imagem e movimento.

Essas produções caracterizam-se ainda por uma “forte mediação das tecnologias eletrônicas e digitais, pela mistura de meios de expressão, pela utilização do espaço como elemento fundamental no discurso”. [1]

O bacharelado profissional Som, Imagem e Movimento (SIM) instaura-se com a consciência da função do artista como mediador de estímulos, ou melhor, como propositor de novos sentidos num mundo edificado por uma experiência sensível complexa, multiplanar e fortemente atravessada pela técnica e pela tecnologia. O SIM insere-se, deste modo, no amplo e complexo contexto contemporâneo no que concerne à experiência e a percepção, ou ainda no campo daquelas práticas artísticas que Arlindo Machado descreveu como artemídia. Para Machado,

Se é verdade que toda arte é feita com os meios de seu tempo, a artemídia representa a expressão mais avançada da criação artística

atual. Hoje, cada vez mais, os artistas lançam mão de câmeras, computadores, sintetizadores para construir suas imagens, suas músicas, seus textos, seus ambientes. De repente, nos damos conta de uma multiplicação vertiginosa de trabalhos realizados com pesada mediação tecnológica. [2]

Mas Machado observa ainda que as Artes contemporâneas não devem receber de forma passiva o manancial técnico e tecnológico que nos é apresentado no contexto contemporâneo, profundamente marcado pela fusão entre técnica, sensibilidade e consumo. A Arte assume, aí, o papel central de reconstituir os possíveis entre o encontro homem-máquina, ressensibilizando os atores implicados nesse processo, do artista aos coletivos, do público à crítica. Naturalmente,

as técnicas, os artifícios, os dispositivos de que se utiliza o artista para conceber, construir e exibir seus trabalhos não são apenas ferramentas inertes, nem mediações inocentes, indiferentes aos resultados, que se poderiam substituir por quaisquer outras. Eles estão carregados de conceitos, eles têm uma história, eles derivam de condições produtivas bem determinadas. A artemídia, como qualquer arte fortemente determinada pela mediação técnica, coloca o artista diante do desafio permanente de se contrapor ao determinismo tecnológico, de recusar o projeto industrial já embutido nas máquinas e aparelhos, evitando assim que sua obra resulte simplesmente num endosso dos objetivos de produtividade da sociedade tecnológica. [3]

Para Machado a artemídia deve assim traçar “uma diferença nítida entre o que é, de um lado, a mera produção industrial de desenhos agradáveis para as mídias de massa e, de outro, a busca de uma ética e uma estética para a era eletrônica” [4].

Em “Do Tecnocosmos à Tecno-arte”, Rogério da Costa nota que

a subjetividade, sendo desde sempre produzida, deve ser compreendida no fluxo inquietante onde proliferam fragmentos e traços de expressão, territórios existenciais em formação. Nesse sentido, o não-humano é parte integrante deste fluxo e as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação devem ser vistas como elementos que operam no coração mesmo da subjetividade humana. É preciso então captar, enriquecer e reinventar a subjetividade levando em conta esta zona fluida que a circunda e a constitui, ou então vê-la tornar-se um mero aparelho coletivo a serviço das forças de homogeneização. Por que criticar o suposto naturalismo da subjetividade? Porque só entendendo-a como produzida é possível intervir criticamente (artisticamente) nos agenciamentos que a constituem! [5]

Assim a produção de arte hoje deve concorrer efetivamente para a instauração de possibilidades de enunciação que permitam a recomposição da subjetividade, seja no âmbito coletivo ou individual, liberando-a dos pressupostos industriais de reproduções do sentido serializadas e atreladas à ausência de um viés crítico nos usos:

Se há um vazio subjetivo produzido pelo capitalismo, se nos encontramos hoje cada vez mais envoltos na solidão gerada pela desertificação dos espaços de troca – reduzidos à relação de consumo e reivindicação trabalhista –, esse vazio só pode ser suprimido pela apropriação subjetiva e material do tecnocosmos. E se a arte é um verdadeiro vetor de subjetivação, então sua tarefa parece ser a de

instaurar esta zona de hibridização, esta região de passagem que faz a dobra do humano não-humano, desterritorializando nossa percepção antes de reconectá-la sobre outros possíveis. [6]

As proposições e preocupações de Machado, somadas às reflexões de Costa, nos oferecem caminhos para se pensar tanto as potencialidades abertas pela técnica e a tecnologia, cada vez mais dependentes do âmbito do digital, bem como seus perigos, limitações e necessárias estratégias de ação para minar os efeitos despolitizadores e hegemônicos. O desafio para um curso profissionalizante no campo das Artes com fortes interfaces com as mídias e tecnologias da imagem e do som como o SIM, descendente de um bacharelado ou licenciatura interdisciplinares cujo enfoque sociopolítico se evidencia em componentes curriculares que tratam das questões ameríndias, afrodescendentes, periféricas, etc., é precisamente achar o ponto de uma formação atenta ao manancial técnico e estético a ser usufruído pelos seus estudantes, ao mesmo tempo que estar ciente das demandas pedagógicas para que o formando do SIM preveja as armadilhas políticas e econômicas de um tal ambiente e saiba conduzir suas práticas e atividades artísticas e profissionais de forma autônoma, livre, emancipadora.

[1] CAMPESATO, Lílian; IAZZETTA, Fernando. Som, espaço e tempo na arte sonora. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM) Brasília – 2006.

[2] MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia: aproximações e distinções. *Galáxia*, n. 4, 2002, p. 19.

[3] MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia: aproximações e distinções. *Galáxia*, n. 4, 2002, p. 24.

[4] MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia: aproximações e distinções. *Galáxia*, n. 4, 2002, p. 24.

[5] COSTA, Rogério. Do tecnocosmos à tecno-arte. In: DOMINGUES, Diana. *A arte no séc. XXI*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. P. 64.

[6] COSTA, Rogério. Do tecnocosmos à tecno-arte. In: DOMINGUES, Diana. *A arte no séc. XXI*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. P. 65.

7.2 Objetivos do curso

7.2.1 Objetivo geral

O Bacharelado em Som, Imagem e Movimento é um curso de graduação com o propósito de formar – em abordagem simultaneamente artístico-humanística, científico-tecnológica e pedagógica – profissionais com habilidades, competências e autonomia para o exercício técnico-criativo com as dimensões materiais da imagem e do som em suas diversas possibilidades socialmente reflexivas de aplicação e conjunção no campo de produção artística e cultural.

7.2.2 Objetivos específicos

Entre os objetivos específicos, pretende-se:

- a. Promover uma formação crítica e cidadã voltada à intervenção artística responsável e atenta aos âmbitos local, nacional e internacional.
- b. Ressaltar as alternativas interdisciplinares, interprofissionais, interepistêmicas e interculturais do manejo das dimensões imagética e sonora da produção artística.

- c. Formar estudantes para um largo espectro de atuação nos campos imagético, sonoro ou audiovisual, preparando-os para vinculações e investimentos comunitários, militantes, massivos e/ou vanguardistas.
- d. Estimular a disposição e preparo das/dos estudantes para uma inserção multidimensional na vida social e laboral.
- e. Possibilitar a continuidade e aprofundamento da formação da/do estudante através do direcionamento acadêmico requerido para futuro ingresso em curso de pós-graduação.

8. PERFIL DO EGRESSO E MATRIZ DE COMPETÊNCIAS

O bacharel em Som, Imagem e Movimento da UFSB deverá apresentar um perfil que reflete e amplia, no âmbito de uma atuação profissional mais específica, o perfil do primeiro ciclo de sua formação, na Licenciatura ou no Bacharelado Interdisciplinares em Artes. Trata-se não somente de contiguidade, mas também de complementaridade em relação às práticas interdisciplinares, interepistêmicas e interculturais anteriormente desenvolvidas, agora com a agregação de uma ampla gama de recursos estéticos, técnicos e conceituais específicos do trabalho com as artes do som, da imagem e da imagem em movimento. Preserva-se aí, ainda, a forma consciente, democrática, ética e qualificada com que lida com diferentes saberes e práticas das comunidades tradicionais ou periféricas ao seu redor, sendo capaz de reconhecer sua complexidade sociocultural e tendo como horizonte o potencial transformador da atuação em ambientes digitais e em rede.

Esse artista-cidadão crítico, autônomo, autor e pesquisador de sua própria prática reconhece-se como sujeito em processo de formação permanente e se abre às práticas não hegemônicas das artes do som, da imagem e da imagem em movimento, com vistas a uma relação estendida com as possibilidades de realização estética e engajamento na contemporaneidade.

O egresso pode atuar em diferentes setores (comunidades, mercados, instituições governamentais e não-governamentais, coletivos artísticos, espaços de cultura) e campos que se relacionam à produção sonora, visual e audiovisual, tais como criação de filmes de ficção ou documentário, animação, fotografia, desenho de som, fonografia, editoração em mídias eletrônicas, instalações ambientais, criação artística autoral, criação artística para diferentes mídias e meios de comunicação, etc.

De forma mais detalhada, a formação no presente curso contempla os seguintes eixos:

- a. Técnica e formação profissional – conjunta e/ou com habilitações específicas – em som, imagem e imagem em movimento, habilitando o estudante a atuar profissionalmente nas áreas de Direção, Roteiro, Produção, Ambientação, Edição/Montagem, Finalização de projetos artísticos nas áreas em questão.
- b. Realização nas artes do som, imagem e imagem em movimento, com o desenvolvimento de projetos de produção de obras de diferentes gêneros e formatos, destinados à exposição, exibição ou veiculação nas mídias contemporâneas, em um diálogo horizontal com o campo das comunicações e mídias eletrônicas.
- c. Teoria, análise e crítica de som, imagem e imagem em movimento, voltada para a pesquisa acadêmica nos campos da estética, da história, da crítica e da preservação.

- d. Economia e política das artes do som, da imagem e da imagem em movimento, com vistas à gestão, à produção, à distribuição, à exibição, às políticas públicas para o setor, à legislação, à organização de mostras e acervos e às questões oriundas do seu campo ético e político.

As competências e as habilidades desejadas, integrantes do perfil profissional citado acima, são as seguintes:

- Compreender criticamente o panorama das artes e das mídias contemporâneas, identificando nos processos em curso modos de subjetivação e dominação tecnológica e cultural, bem como potencialidades criativas e emancipatórias para comunidades e atores sociais diversos;
- Assimilar criticamente conceitos que permitam a apreensão e a formulação de teorias;
- Empregar tais conceitos e teorias em análises críticas da realidade, posicionando-se segura e autonomamente do ponto de vista ético-político;
- Dominar conjunta e/ou separadamente as linguagens sonoras, visuais e audiovisuais, experimentando e inovando no seu uso;
- Dominar os processos de produção, gestão e interpretação sonoras, visuais e audiovisuais, em sua perspectiva de atualização tecnológica;
- Resolver problemas profissionais de sua área de atuação, formulando alternativas factuais e conceituais diante de questões concretas;
- Desenvolver pesquisa científica e tecnológica nas artes do som, da imagem e da imagem em movimento, objetivando a criação, a compreensão, a difusão e o desenvolvimento da cultura sonora e visual;
- Saber trabalhar em equipe, desenvolvendo relações que facilitem a realização coletiva de uma obra ou produto;
- Conhecer a legislação do campo da produção em som, imagem e imagem em movimento;
- Dominar o processo de distribuição e exibição de obras e produtos, entendendo como funciona a indústria e os circuitos regionais, nacionais e internacionais das artes e mídias;
- Conhecer as fases do processo criador no âmbito do som, da imagem e da imagem em movimento, em suas aplicações conjuntas e/ou separadas;
- Ter domínio de processos e perspectivas interdisciplinares para gerar composições e recomposições tendo como horizonte as linguagens literária, fotográfica, sonora, audiovisual e gráfica e identificando as características particulares dos diferentes suportes midiáticos que as carregam;
- Estimular criações sonoras e visuais (instituídas ou emergentes) e sua divulgação como manifestação do potencial artístico, objetivando o estímulo à inventividade, o engajamento ético-político e o aprimoramento da sensibilidade estética dos diversos atores sociais e comunidades;

- Atuar nos diferentes espaços artísticos e culturais disponíveis no entorno do egresso;
- Refletir criticamente sobre sua prática profissional.

9. ARQUITETURA CURRICULAR

Quadro 2:

MATRIZ CURRICULAR SIM: [ADV] [APS] [ARV]					CH
CARGA HORÁRIA:					2700
OBRIGATÓRIOS					1140
1º CICLO					330
2º CICLO					510
ATIVIDADES ORIENTADAS / SUPERVISIONADAS					300
OPTATIVOS/LIVRES					1440
GRUPO ESCOLHA RESTRITA 1º CICLO					360
GRUPO HABILITAÇÃO 2º CICLO					900
GRUPO OPTATIVOS DO SIM 2º CICLO					720
ATIVIDADES COMPLEMENTARES					180
					300

* [ADV] Habilitação em Audiovisual; [APS] Habilitação em Arte e Produção Sonora; [ARV] Habilitação em Artes Visuais.

9.1 Formação Geral

N/A

9.2 Formação Específica

O/a estudante do SIM possui algumas alternativas de construção de seu percurso curricular e acadêmico, dentro das diversas ofertas de componentes curriculares do SIM ou de outros cursos. Ele pode:

- 1) Construir um percurso com enfoque maior em um eixo de criação, dando ênfase ou à Arte ou Produção Sonora, ou às Artes Visuais ou ao Audiovisual. Cada uma dessas ênfases, se cursadas com a carga específica mínima, conduz a uma habilitação. A CH total mínima para a habilitação em Arte e Produção Sonora ou Artes Visuais é **2700** horas. A CH total mínima para a habilitação em Audiovisual é **2880** horas.
- 2) Construir, dentro da matriz do SIM, uma formação que circula entre as 3 diferentes áreas de concentração: Arte ou Produção Sonora, Artes Visuais e Audiovisual. Nesse caso, sem se apegar a uma área específica dentro do SIM, sua titulação será Bacharelado em Som, Imagem e Movimento. A CH total mínima para o bacharelado em Som, Imagem e Movimento é **2700** horas.

O SIM está dividido em 7 eixos de componentes curriculares:

Percurso no Primeiro Ciclo

- > Obrigatórios do Primeiro Ciclo

- > Optativos de escolha restrita do Primeiro Ciclo

Núcleo comum do SIM (incluindo Estágio Obrigatório Supervisionado)

Habilitação em Arte e Produção Sonora

Habilitação em Artes Visuais

Habilitação em Audiovisual

Laboratórios de projeto

Optativos do SIM

Percurso no Primeiro Ciclo

O eixo Percurso no Primeiro Ciclo define os CCs que o/a estudante precisa cursar do primeiro ciclo do Bacharelado e Licenciatura em Artes da UFSB. Este eixo divide-se em dois:

Obrigatórios do Primeiro Ciclo

Engloba os seguintes CCs do primeiro ciclo BI e LI Artes, totalizando 330 horas:

Quadro 3:

Arte e tecnologia	60
Produção cultural e arte-curadoria	60
Alteridade e cinema nas Américas	60
Cinema, criação e educação audiovisual	30
Modos de escuta e criação sonora	60
Arte, história e historicidades nas Américas	30
Artes e comunicação nas sociedades contemporâneas	30
TOTAL DE HORAS OFERTADAS PELOS BI E LI	330
CH A SER CUMPRIDA	330

Optativos de Escolha Restrita do Primeiro Ciclo

Grupo de CCs do Bacharelado e Licenciatura Interdisciplinares em Artes da UFSB do qual o/a estudante deve escolher 360 horas para cursar, de um total de 570 horas. Esse grupo engloba os seguintes CCs do BI e LI Artes:

Quadro 4:

Poéticas negrodscendentes	30
Teorias e práticas de tradução	60
Arte, comunidades e espacialidades	60
Artes da grafia, escrituras, inscrições de si e do outro	60
Fruições estéticas para além dos “centros”	60
Estéticas ocidentais nas Américas	60

Estéticas negrodscendentes	60
Estética dos povos originários das Américas	60
Poéticas ameríndias no Brasil: literatura, cinema e grafismo	60
Libras	60
TOTAL DE HORAS OFERTADAS PELOS BI E LI	570
CH A SER CUMPRIDA	360

Núcleo Comum do SIM

O eixo Núcleo Comum do SIM é composto por 810 horas de CCs obrigatórios para a formação em todas as habilitações/formações do SIM.

Quadro 5:

NÚCLEO COMUM	CH
Teorias do som	60
Teorias da imagem	60
Teorias da imagem em movimento	60
Som, imagem e movimento nas artes contemporâneas	30
Autoria, direitos autorais e legislação	30
Curadoria, memória e arquivamento	30
Estágio supervisionado 1	60
Estágio supervisionado 2	60
Estágio supervisionado 3	60
Laboratório de projetos: territórios	60
Laboratório de projetos: tecnopolíticas	60
Laboratório de projetos: corporalidades	60
Laboratório de projetos: narrativas	60
TCC 1	60
TCC 2	60
TOTAL DE HORAS OFERTADAS PELO SIM	810
CH A SER CUMPRIDA	810

Habilitações

Para as áreas específicas de cada habilitação, o SIM oferece um número de horas das quais o/a estudante deve cursar uma parte: 720 horas para as habilitações em Arte e Produção Sonora e Artes Visuais, e 900 horas para a habilitação em Audiovisual.

Quadro 6:

HABILITAÇÃO EM ARTE E PRODUÇÃO SONORA	CH
ESCOLHER 720 HS MÍN.: horas excedentes podem contar como optativos	
OFICINA: práticas em criação sonora	30
Arte, documento e processos de criação	60
Acústica	30
Projeto e produção	60
Arqueologia do som	60
Trilha sonora e desenho de som (LAB)	60
Direção e criação (LAB)	60
Arte final em som (LAB)	30
Captação e edição digital de áudio (LAB)	60
Gravação, captura e edição digital de vídeo (LAB)	60
Criação e composição sonora (LAB)	60
Mixagem e masterização (LAB)	60
Roteiro e narrativas em imagem, som e hipermídia (LAB)	60
Áudio-vídeo, interfaces físicas e instalação (LAB)	60
Publicação, exibição e distribuição (LAB)	30
Vídeo musical: a imagem para o som (LAB)	60
Sons e materialidades (LAB)	30
Arte e acessibilidade: audiodescrição, audiolivros e dublagem	30
Oficina de técnica e expressão vocal	30
A linguagem da luz nas artes do corpo em cena*	60
Oficina de canto para a cena*	30
Tecnologias do som e da imagem aplicadas à cenografia, ambientações e instalações*	60
TOTAL DE HORAS OFERTADAS PELO SIM	1080
CH A SER CUMPRIDA	720

*Ofertadas em parceria com o curso Artes do Corpo em Cena (CFAC)

Quadro 7:

HABILITAÇÃO EM ARTES VISUAIS	CH
ESCOLHER 720 HS MÍN.: horas excedentes podem contar como optativos	
OFICINA: práticas em artes gráficas	30
OFICINA: práticas em fotografia e vídeo	30

Arte, documento e processos de criação	60
Arqueologia da imagem e da imagem em movimento	60
Projeto e produção	60
Luz e espaço	30
Cor, forma, imagem (LAB)	60
Criação editorial (LAB)	60
Direção e criação (LAB)	60
Arte final em artes gráficas (LAB)	30
Tipografia (LAB)	30
Imagem fotográfica (LAB)	60
Técnicas de animação (LAB)	60
Artes gráficas: materiais, suportes e recursos técnicos (LAB)	60
Práticas do desenho (LAB)	60
Arte final em vídeo (LAB)	30
Gravação, captura e edição digital de vídeo (LAB)	60
Ilustração (LAB)	30
Roteiro e narrativas em imagem, som e hipermídia (LAB)	60
Áudio-vídeo, interfaces físicas e instalação (LAB)	60
Vídeo musical: a imagem para o som (LAB)	60
Montagem e edição (LAB)	60
Publicação, exibição e distribuição (LAB)	30
Arte e acessibilidade: audiodescrição, audiolivros e dublagem	30
Videodança e vídeo-performance*	60
Estudos sobre cenografia e figurino*	60
Tecnologias do som e da imagem aplicadas à cenografia, ambientações e instalações*	60
TOTAL DE HORAS OFERTADAS PELO SIM	1350
CH A SER CUMPRIDA	720

*Ofertadas em parceria com o curso Artes do Corpo em Cena (CFAC)

Quadro 8:

HABILITAÇÃO EM AUDIOVISUAL	CH
ESCOLHER 900 HS MÍN.: horas excedentes podem contar como optativos	
OFICINA: práticas em fotografia e vídeo	30

OFICINA: práticas em criação sonora	30
Arte, documento e processos de criação	60
Arqueologia do som	60
Arqueologia da imagem e da imagem em movimento	60
Acústica	30
Projeto e produção	60
Luz e espaço	30
Trilha sonora e desenho de som (LAB)	60
Direção e criação (LAB)	60
Cor, forma, imagem (LAB)	60
Técnicas de animação (LAB)	60
Arte final em som (LAB)	30
Arte final em vídeo (LAB)	30
Imagem fotográfica (LAB)	60
Captação e edição digital de áudio (LAB)	60
Criação e composição sonora (LAB)	60
Mixagem e masterização (LAB)	60
Gravação, captura e edição digital de vídeo (LAB)	60
Roteiro e narrativas em imagem, som e hipermídia (LAB)	60
Áudio-vídeo, interfaces físicas e instalação (LAB)	60
Montagem e edição (LAB)	60
Publicação, exibição e distribuição (LAB)	60
Vídeo musical: a imagem para o som (LAB)	60
Literatura e cinema: estudos de tradução intersemiótica e roteirização	30
Arte e acessibilidade: audiodescrição, audiolivros e dublagem	30
A linguagem da luz nas artes do corpo em cena*	60
Videodança e vídeo-performance*	60
Estudos sobre cenografia e figurino*	60
Tecnologias do som e da imagem aplicadas à cenografia, ambientações e instalações*	60
TOTAL DE HORAS OFERTADAS PELO SIM	1560
CH A SER CUMPRIDA	900

*Ofertadas em parceria com o curso Artes do Corpo em Cena (CFAC)

Optativos do SIM

Quadro 9:

OPTATIVOS DO SIM	CH
Além da CH do Grupo da Habilitação, o/a estudante deve cursar quaisquer 180 horas de CCs do SIM, independente da Habilitação	
ACÚSTICA	30
ARQUEOLOGIA DA IMAGEM E DA IMAGEM EM MOVIMENTO	60
ARQUEOLOGIA DO SOM	60
ARTE E ACESSIBILIDADE: AUDIODESCRIÇÃO, AUDIOLIVROS E DUBLAGEM	30
ARTE FINAL EM ARTES GRÁFICAS (LAB)	30
ARTE FINAL EM SOM (LAB)	30
ARTE FINAL EM VÍDEO (LAB)	30
ARTE, DOCUMENTO E PROCESSOS DE CRIAÇÃO	60
ARTES GRÁFICAS: MATERIAIS, SUPORTES E RECURSOS TÉCNICOS	60
ÁUDIO-VÍDEO, INTERFACES FÍSICAS E INSTALAÇÃO (LAB)	60
CAPTAÇÃO E EDIÇÃO DIGITAL DE ÁUDIO (LAB)	60
COR, FORMA, IMAGEM (LAB)	60
CRIAÇÃO E COMPOSIÇÃO SONORA (LAB)	60
CRIAÇÃO EDITORIAL (LAB)	60
DIREÇÃO E CRIAÇÃO (LAB)	60
GRAVAÇÃO, CAPTURA E EDIÇÃO DIGITAL DE VÍDEO (LAB)	60
ILUSTRAÇÃO (LAB)	30
IMAGEM FOTOGRÁFICA (LAB)	60
LITERATURA E CINEMA: ESTUDOS DE TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA E ROTEIRIZAÇÃO	30
LUZ E ESPAÇO	30
MIXAGEM E MASTERIZAÇÃO (LAB)	60
MONTAGEM E EDIÇÃO (LAB)	60
OFICINA: PRÁTICAS EM ARTES GRÁFICAS	30
OFICINA: PRÁTICAS EM CRIAÇÃO SONORA	30
OFICINA: PRÁTICAS EM FOTOGRAFIA E VÍDEO	30
PRÁTICAS DO DESENHO (LAB)	60
PROJETO E PRODUÇÃO	60
PUBLICAÇÃO, EXIBIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO (LAB)	30
ROTEIRO E NARRATIVAS EM IMAGEM, SOM E HIPERMÍDIA (LAB)	60
SONS E MATERIALIDADES (LAB)	30
TÉCNICAS DE ANIMAÇÃO (LAB)	60
TIPOGRAFIA (LAB)	30

TRILHA SONORA E DESENHO DE SOM (LAB)	60
VÍDEO MUSICAL: A IMAGEM PARA O SOM (LAB)	60
A LINGUAGEM DA LUZ NAS ARTES DO CORPO*	60
CH A SER CUMPRIDA	180

Para o Bacharelado em Som, Imagem e Movimento (sem habilitações)

O/a estudante que deseja graduar-se apenas em Som, Imagem e Movimento (bacharelado) precisará cumprir 900 horas entre CCs das 3 habilitações, não havendo necessidade de cumprir a carga de Optativos do SIM.

9.3 Área de Concentração

Não se aplica.

9.4 Matriz Curricular

Quadro 10:

MATRIZ CURRICULAR SIM	[ADV]	[APS]	[ARV]	CH
	2880	2700	2700	2700
OBRIGATÓRIOS				1140
PRIMEIRO CICLO				330
ARTE E TECNOLOGIA				60
ALTERIDADE E CINEMA NAS AMÉRICAS				60
PRODUÇÃO CULTURAL E ARTE-CURADORIA				60
ARTES E COMUNICAÇÃO NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS				30
ARTE, HISTÓRIA E HISTORICIDADE NAS AMÉRICAS				30
MODOS DE ESCUTA E CRIAÇÃO SONORA				60
CINEMA, CRIAÇÃO E EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL				30
SEGUNDO CICLO				510
TEORIAS DA IMAGEM				60
TEORIAS DO SOM				60
TEORIAS DA IMAGEM EM MOVIMENTO				60
SOM, IMAGEM E MOVIMENTO NAS ARTES CONTEMPORÂNEAS				30
AUTORIA, DIREITOS AUTORAIS E LEGISLAÇÃO				30
CURADORIA, MEMÓRIA E ARQUIVAMENTO				30
LABORATÓRIO DE PROJETOS: TERRITÓRIOS				60
LABORATÓRIO DE PROJETOS: TECNOPOLÍTICAS				60
LABORATÓRIO DE PROJETOS: NARRATIVAS				60
LABORATÓRIO DE PROJETOS: CORPORALIDADES				60
ATIVIDADES ORIENTADAS / SUPERVISIONADAS				300
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO I				60
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO II				60
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO III				60
TCC 1				60
TCC 2				60
OPTATIVOS/LIVRES	1440			1260
GRUPO ESCOLHA RESTRITA 1º CICLO				360
ARTE, COMUNIDADE E ESPACIALIDADES				60
POÉTICAS AMERÍNDIAS NO BRASIL: LITERATURA, CINEMA E GRAFISMO				30
POÉTICAS NEGRODESCENDENTES				30
ARTES DA GRAFIA, ESCRIVÊNCIAS, INSCRIÇÕES DE SI E DO OUTRO				30
ESTÉTICA DOS POVOS ORIGINÁRIOS DAS AMÉRICAS				60
TEORIAS E PRÁTICAS DE TRADUÇÃO				60
ESTÉTICAS NEGRODESCENDENTES				60
ESTÉTICAS OCIDENTAIS NAS AMÉRICAS				60

FRUIÇÕES ESTÉTICAS PARA ALÉM DOS "CENTROS"				60
SEGUNDO CICLO - COMPONENTES CURRICULARES OPTATIVOS	[ADV]	[APS]	[ARV]	-
GRUPOS DAS HABILITAÇÕES	900	720	720	720
GRUPO OPTATIVOS DO SIM				180
PUBLICAÇÃO, EXIBIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO (LAB)	[ADV]	[APS]	[ARV]	30
DIREÇÃO E CRIAÇÃO (LAB)	[ADV]	[APS]	[ARV]	60
PROJETO E PRODUÇÃO	[ADV]	[APS]	[ARV]	60
VÍDEO MUSICAL: A IMAGEM PARA O SOM (LAB)	[ADV]	[APS]	[ARV]	60
ROTEIRO E NARRATIVAS EM IMAGEM, SOM E HIPERMÍDIA (LAB)	[ADV]	[APS]	[ARV]	60
GRAVAÇÃO, CAPTURA E EDIÇÃO DIGITAL DE VÍDEO (LAB)	[ADV]	[APS]	[ARV]	60
ARTE E ACESSIBILIDADE: AUDIODESCRIÇÃO, AUDIOLIVROS E DUBLAGEM	[ADV]	[APS]	[ARV]	30
ARTE, DOCUMENTO E PROCESSOS DE CRIAÇÃO	[ADV]	[APS]	[ARV]	60
ÁUDIO-VÍDEO, INTERFACES FÍSICAS E INSTALAÇÃO (LAB)	[ADV]	[APS]	[ARV]	60
CAPTAÇÃO E EDIÇÃO DIGITAL DE ÁUDIO (LAB)	[ADV]	[APS]	-	60
ARQUEOLOGIA DO SOM	[ADV]	[APS]	-	60
ACÚSTICA	[ADV]	[APS]	-	30
MIXAGEM E MASTERIZAÇÃO (LAB)	[ADV]	[APS]	-	60
OFICINA: PRÁTICAS EM CRIAÇÃO SONORA	[ADV]	[APS]	-	30
ARTE FINAL EM SOM (LAB)	[ADV]	[APS]	-	30
CRIAÇÃO E COMPOSIÇÃO SONORA (LAB)	[ADV]	[APS]	-	60
TRILHA SONORA E DESENHO DE SOM (LAB)	[ADV]	[APS]	-	60
ARQUEOLOGIA DA IMAGEM E DA IMAGEM EM MOVIMENTO	[ADV]	-	[ARV]	60
COR, FORMA, IMAGEM (LAB)	[ADV]	-	[ARV]	60
OFICINA: PRÁTICAS EM FOTOGRAFIA E VÍDEO	[ADV]	-	[ARV]	30
IMAGEM FOTOGRÁFICA (LAB)	[ADV]	-	[ARV]	60
ARTE FINAL EM VÍDEO (LAB)	[ADV]	-	[ARV]	30
MONTAGEM E EDIÇÃO (LAB)	[ADV]	-	[ARV]	60
LUZ E ESPAÇO	[ADV]	-	[ARV]	30
TÉCNICAS DE ANIMAÇÃO (LAB)	[ADV]	-	[ARV]	60
PRÁTICAS DO DESENHO (LAB)	-	-	[ARV]	60
ILUSTRAÇÃO (LAB)	-	-	[ARV]	30
ARTES GRÁFICAS: MATERIAIS, SUPORTES E RECURSOS TÉCNICOS	-	-	[ARV]	60
ARTE FINAL EM ARTES GRÁFICAS (LAB)	-	-	[ARV]	30
TIPOGRAFIA (LAB)	-	-	[ARV]	30
CRIAÇÃO EDITORIAL (LAB)	-	-	[ARV]	60
OFICINA: PRÁTICAS EM ARTES GRÁFICAS	-	-	[ARV]	30
SONS E MATERIALIDADES (LAB)	-	[APS]	-	30
LITERATURA E CINEMA: ESTUDOS DE TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA E ROTEIRIZAÇÃO	[ADV]	-	-	30
ARTES DO CORPO EM CENA				
TECNOLOGIAS DO SOM E DA IMAGEM APLICADAS À CENOGRAFIA, INSTALAÇÕES E AMBIENTAÇÕES	[ADV]	[APS]	[ARV]	60

A LINGUAGEM DA LUZ NAS ARTES DO CORPO	[ADV]	[APS]	-	60
OFICINA DE LEITURA EXPRESSIVA E NARRAÇÃO ORAL	[ADV]	[APS]	-	30
VIDEODANÇA E VÍDEO-PERFORMANCE	[ADV]	-	[ARV]	60
ESTUDOS SOBRE CENOGRAFIA E FIGURINO	[ADV]	-	[ARV]	60
OFICINA DE CANTO PARA A CENA	-	[APS]	-	30
OFICINA DE POÉTICAS DA ORALIDADE	-	[APS]	-	30
OFICINA DE TÉCNICA E EXPRESSÃO VOCAL	-	[APS]	-	30
ATIVIDADES COMPLEMENTARES				300

* [ADV] Habilitação em Audiovisual; [APS] Habilitação em Arte e Produção Sonora; [ARV] Habilitação em Artes visuais.

Quadro 11:

GRUPO DE OPTATIVOS	
HABILITAÇÃO EM AUDIOVISUAL	
	CARGA HORÁRIA MÍNIMA: 900
PUBLICAÇÃO, EXIBIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO (LAB)	30
DIREÇÃO E CRIAÇÃO (LAB)	60
PROJETO E PRODUÇÃO	60
VÍDEO MUSICAL: A IMAGEM PARA O SOM (LAB)	60
ROTEIRO E NARRATIVAS EM IMAGEM, SOM E HIPERMÍDIA (LAB)	60
GRAVAÇÃO, CAPTURA E EDIÇÃO DIGITAL DE VÍDEO (LAB)	60
ARTE E ACESSIBILIDADE: AUDIODESCRIÇÃO, AUDIOLIVROS E DUBLAGEM	30
ARTE, DOCUMENTO E PROCESSOS DE CRIAÇÃO	60
ÁUDIO-VÍDEO, INTERFACES FÍSICAS E INSTALAÇÃO (LAB)	60
CAPTAÇÃO E EDIÇÃO DIGITAL DE ÁUDIO (LAB)	60
ARQUEOLOGIA DO SOM	60
ACÚSTICA	30
MIXAGEM E MASTERIZAÇÃO (LAB)	60
OFICINA: PRÁTICAS EM CRIAÇÃO SONORA	30
ARTE FINAL EM SOM (LAB)	30
CRIAÇÃO E COMPOSIÇÃO SONORA (LAB)	60
TRILHA SONORA E DESENHO DE SOM (LAB)	60
ARQUEOLOGIA DA IMAGEM E DA IMAGEM EM MOVIMENTO	60
COR, FORMA, IMAGEM (LAB)	60
OFICINA: PRÁTICAS EM FOTOGRAFIA E VÍDEO	30
IMAGEM FOTOGRÁFICA (LAB)	60
ARTE FINAL EM VÍDEO (LAB)	30
MONTAGEM E EDIÇÃO (LAB)	60
LUZ E ESPAÇO	30
TÉCNICAS DE ANIMAÇÃO (LAB)	60

LITERATURA E CINEMA: ESTUDOS DE TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA E ROTEIRIZAÇÃO	30
ARTES DO CORPO EM CENA	
TECNOLOGIAS DO SOM E DA IMAGEM APLICADAS À CENOGRAFIA, INSTALAÇÕES E AMBIENTAÇÕES	60
A LINGUAGEM DA LUZ NAS ARTES DO CORPO	60
OFICINA DE LEITURA EXPRESSIVA E NARRAÇÃO ORAL	30
VIDEODANÇA E VÍDEO-PERFORMANCE	60
ESTUDOS SOBRE CENOGRAFIA E FIGURINO	60

Quadro 12:

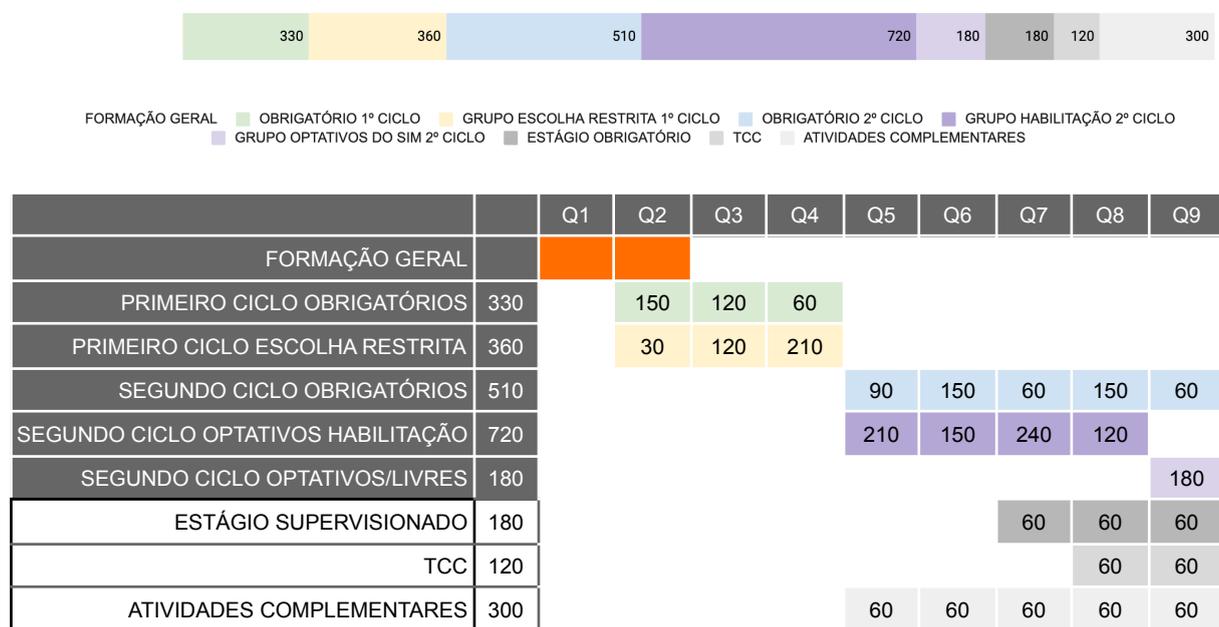
GRUPO DE OPTATIVOS	
HABILITAÇÃO EM ARTE E PRODUÇÃO SONORA	
	CARGA HORÁRIA MÍNIMA: 720
PUBLICAÇÃO, EXIBIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO (LAB)	30
DIREÇÃO E CRIAÇÃO (LAB)	60
PROJETO E PRODUÇÃO	60
VÍDEO MUSICAL: A IMAGEM PARA O SOM (LAB)	60
ROTEIRO E NARRATIVAS EM IMAGEM, SOM E HIPERMÍDIA (LAB)	60
GRAVAÇÃO, CAPTURA E EDIÇÃO DIGITAL DE VÍDEO (LAB)	60
ARTE E ACESSIBILIDADE: AUDIODESCRIÇÃO, AUDIOLIVROS E DUBLAGEM	30
ARTE, DOCUMENTO E PROCESSOS DE CRIAÇÃO	60
ÁUDIO-VÍDEO, INTERFACES FÍSICAS E INSTALAÇÃO (LAB)	60
CAPTAÇÃO E EDIÇÃO DIGITAL DE ÁUDIO (LAB)	60
ARQUEOLOGIA DO SOM	60
ACÚSTICA	30
MIXAGEM E MASTERIZAÇÃO (LAB)	60
OFICINA: PRÁTICAS EM CRIAÇÃO SONORA	30
ARTE FINAL EM SOM (LAB)	30
CRIAÇÃO E COMPOSIÇÃO SONORA (LAB)	60
TRILHA SONORA E DESENHO DE SOM (LAB)	60
SONS E MATERIALIDADES (LAB)	30
ARTES DO CORPO EM CENA	
TECNOLOGIAS DO SOM E DA IMAGEM APLICADAS À CENOGRAFIA, INSTALAÇÕES E AMBIENTAÇÕES	60
A LINGUAGEM DA LUZ NAS ARTES DO CORPO	60
OFICINA DE LEITURA EXPRESSIVA E NARRAÇÃO ORAL	30
OFICINA DE CANTO PARA A CENA	30
OFICINA DE POÉTICAS DA ORALIDADE	30
OFICINA DE TÉCNICA E EXPRESSÃO VOCAL	30

Quadro 13:

GRUPO DE OPTATIVOS	
HABILITAÇÃO EM ARTES VISUAIS	
	CARGA HORÁRIA MÍNIMA: 720
PUBLICAÇÃO, EXIBIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO (LAB)	30
DIREÇÃO E CRIAÇÃO (LAB)	60
PROJETO E PRODUÇÃO	60
VÍDEO MUSICAL: A IMAGEM PARA O SOM (LAB)	60
ROTEIRO E NARRATIVAS EM IMAGEM, SOM E HIPERMÍDIA (LAB)	60
GRAVAÇÃO, CAPTURA E EDIÇÃO DIGITAL DE VÍDEO (LAB)	60
ARTE E ACESSIBILIDADE: AUDIODESCRIÇÃO, AUDIOLIVROS E DUBLAGEM	30
ARTE, DOCUMENTO E PROCESSOS DE CRIAÇÃO	60
ÁUDIO-VÍDEO, INTERFACES FÍSICAS E INSTALAÇÃO (LAB)	60
ARQUEOLOGIA DA IMAGEM E DA IMAGEM EM MOVIMENTO	60
COR, FORMA, IMAGEM (LAB)	60
OFICINA: PRÁTICAS EM FOTOGRAFIA E VÍDEO	30
IMAGEM FOTOGRÁFICA (LAB)	60
ARTE FINAL EM VÍDEO (LAB)	30
MONTAGEM E EDIÇÃO (LAB)	60
LUZ E ESPAÇO	30
TÉCNICAS DE ANIMAÇÃO (LAB)	60
PRÁTICAS DO DESENHO (LAB)	60
ILUSTRAÇÃO (LAB)	30
ARTES GRÁFICAS: MATERIAIS, SUPORTES E RECURSOS TÉCNICOS	60
ARTE FINAL EM ARTES GRÁFICAS (LAB)	30
TIPOGRAFIA (LAB)	30
CRIAÇÃO EDITORIAL (LAB)	60
OFICINA: PRÁTICAS EM ARTES GRÁFICAS	30
ARTES DO CORPO EM CENA	
TECNOLOGIAS DO SOM E DA IMAGEM APLICADAS À CENOGRAFIA, INSTALAÇÕES E AMBIENTAÇÕES	60
VIDEODANÇA E VÍDEO-PERFORMANCE	60
ESTUDOS SOBRE CENOGRAFIA E FIGURINO	60

9.5 Diagramas e representações dos percursos

Quadro 14:



Os diagramas abaixo representam percursos quadrimestrais simplificados a título de exemplificação. Não se trata então do planejamento propriamente dito da oferta dos Componentes Curriculares nos quadrimestres letivos.

Quadro 15:

REPRESENTAÇÃO DO PERCURSO POR QUADRIMESTRE SIM - SEM HABILITAÇÃO		2700
Q1 - QUADRIMESTRE 1		
EXPERIÊNCIAS DO SENSÍVEL [FG]		
UNIVERSIDADE E SOCIEDADE [FG]		
CAMPO DAS CIÊNCIAS: SABERES E PRÁTICAS [FG]		
MATEMÁTICA E ESPAÇO [FG]		
EXPRESSÃO ORAL EM LÍNGUA INGLESA [FG]		
Q2 - QUADRIMESTRE 2		180
INTRODUÇÃO AO RACIOCÍNIO COMPUTACIONAL [FG]		
OFICINA DE TEXTOS ACADÊMICOS E TÉCNICOS EM ARTES [FG]		
LEITURA, ESCRITA E SOCIEDADE [FG]		
ALTERIDADE E CINEMA NAS AMÉRICAS		60
MODOS DE ESCUTA E CRIAÇÃO SONORA [GAA / GAAT]		60
ARTE, HISTÓRIA E HISTORICIDADE NAS AMÉRICAS [GAA / GAAT]		30
POÉTICAS NEGRODESCENDENTES [GAA / GAAT]		30

Q3 - QUADRIMESTRE 3	240
PRODUÇÃO CULTURAL E ARTE-CURADORIA [GAA / GAAT]	60
ARTES E COMUNICAÇÃO NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS [GAA / GAAT]	30
CINEMA, CRIAÇÃO E EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL [GAA / GAAT]	30
ESTÉTICAS OCIDENTAIS NAS AMÉRICAS [GAA / GAAT]	60
ESTÉTICAS NEGRODESCENDENTES [FE II]	60
Q4 - QUADRIMESTRE 4	270
ARTE E TECNOLOGIA [GAA / GAAT]	60
ARTE, COMUNIDADE E ESPACIALIDADES [FE I]	60
POÉTICAS AMERÍNDIAS NO BRASIL: LITERATURA, CINEMA E GRAFISMO [GAA / GAAT]	30
TEORIAS E PRÁTICAS DE TRADUÇÃO [GAA / GAAT]	60
ESTÉTICA DOS POVOS ORIGINÁRIOS DAS AMÉRICAS [FE II]	60
Q5 - QUADRIMESTRE 5	300
LABORATÓRIO DE PROJETOS: CORPORALIDADES	60
SOM, IMAGEM E MOVIMENTO NAS ARTES CONTEMPORÂNEAS	30
PUBLICAÇÃO, EXIBIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO (LAB)	30
PROJETO E PRODUÇÃO	60
VÍDEO MUSICAL: A IMAGEM PARA O SOM (LAB)	60
DIREÇÃO E CRIAÇÃO (LAB)	60
Q6 - QUADRIMESTRE 6	300
LABORATÓRIO DE PROJETOS: TERRITÓRIOS	60
TEORIAS DA IMAGEM	60
CURADORIA, MEMÓRIA E ARQUIVAMENTO	30
ROTEIRO E NARRATIVAS EM IMAGEM, SOM E HIPERMÍDIA (LAB)	60
GRAVAÇÃO, CAPTURA E EDIÇÃO DIGITAL DE VÍDEO (LAB)	60
ARTE E ACESSIBILIDADE: AUDIODESCRIÇÃO, AUDIOLIVROS E DUBLAGEM	30
Q7 - QUADRIMESTRE 7	360
TEORIAS DO SOM	60
ARTE, DOCUMENTO E PROCESSOS DE CRIAÇÃO	60
ÁUDIO-VÍDEO, INTERFACES FÍSICAS E INSTALAÇÃO (LAB)	60
COR, FORMA, IMAGEM (LAB)	60
PRÁTICAS DO DESENHO (LAB)	60
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO I	60
Q8 - QUADRIMESTRE 8	390
LABORATÓRIO DE PROJETOS: TECNOPOLÍTICAS	60
TEORIAS DA IMAGEM EM MOVIMENTO	60
AUTORIA, DIREITOS AUTORAIS E LEGISLAÇÃO	30

ARQUEOLOGIA DA IMAGEM E DA IMAGEM EM MOVIMENTO	60
ARTE FINAL EM ARTES GRÁFICAS (LAB)	30
TIPOGRAFIA (LAB)	30
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO II	60
TCC 1	60
Q9 - QUADRIMESTRE 9	360
LABORATÓRIO DE PROJETOS: NARRATIVAS	60
CRIAÇÃO EDITORIAL (LAB)	60
IMAGEM FOTOGRÁFICA (LAB)	60
OPTATIVA LIVRE DO SIM	60
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO III	60
TCC 2	60
	300
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	300

Quadro 16:

REPRESENTAÇÃO DO PERCURSO POR QUADRIMESTRE SIM - ARTE E PRODUÇÃO SONORA		2700
Q1 - QUADRIMESTRE 1		
EXPERIÊNCIAS DO SENSÍVEL [FG]		
UNIVERSIDADE E SOCIEDADE [FG]		
CAMPO DAS CIÊNCIAS: SABERES E PRÁTICAS [FG]		
MATEMÁTICA E ESPAÇO [FG]		
EXPRESSÃO ORAL EM LÍNGUA INGLESA [FG]		
Q2 - QUADRIMESTRE 2		180
INTRODUÇÃO AO RACIOCÍNIO COMPUTACIONAL [FG]		
OFICINA DE TEXTOS ACADÊMICOS E TÉCNICOS EM ARTES [FG]		
LEITURA, ESCRITA E SOCIEDADE [FG]		
ALTERIDADE E CINEMA NAS AMÉRICAS		60
MODOS DE ESCUTA E CRIAÇÃO SONORA [GAA / GAAT]		60
ARTE, HISTÓRIA E HISTORICIDADE NAS AMÉRICAS [GAA / GAAT]		30
POÉTICAS NEGRODESCENDENTES [GAA / GAAT]		30
Q3 - QUADRIMESTRE 3		240
PRODUÇÃO CULTURAL E ARTE-CURADORIA [GAA / GAAT]		60
ARTES E COMUNICAÇÃO NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS [GAA / GAAT]		30
CINEMA, CRIAÇÃO E EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL [GAA / GAAT]		30
ESTÉTICAS OCIDENTAIS NAS AMÉRICAS [GAA / GAAT]		60
ESTÉTICAS NEGRODESCENDENTES [FE II]		60

Q4 - QUADRIMESTRE 4	270
ARTE E TECNOLOGIA [GAA / GAAT]	60
ARTE, COMUNIDADE E ESPACIALIDADES [FE I]	60
POÉTICAS AMERÍNDIAS NO BRASIL: LITERATURA, CINEMA E GRAFISMO [GAA / GAAT]	30
TEORIAS E PRÁTICAS DE TRADUÇÃO [GAA / GAAT]	60
ESTÉTICA DOS POVOS ORIGINÁRIOS DAS AMÉRICAS [FE II]	60
Q5 - QUADRIMESTRE 5	300
LABORATÓRIO DE PROJETOS: CORPORALIDADES	60
SOM, IMAGEM E MOVIMENTO NAS ARTES CONTEMPORÂNEAS	30
PUBLICAÇÃO, EXIBIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO (LAB)	30
PROJETO E PRODUÇÃO	60
VÍDEO MUSICAL: A IMAGEM PARA O SOM (LAB)	60
DIREÇÃO E CRIAÇÃO (LAB)	60
Q6 - QUADRIMESTRE 6	300
LABORATÓRIO DE PROJETOS: TERRITÓRIOS	60
TEORIAS DA IMAGEM	60
CURADORIA, MEMÓRIA E ARQUIVAMENTO	30
ROTEIRO E NARRATIVAS EM IMAGEM, SOM E HIPERMÍDIA (LAB)	60
GRAVAÇÃO, CAPTURA E EDIÇÃO DIGITAL DE VÍDEO (LAB)	60
ARTE E ACESSIBILIDADE: AUDIODESCRIÇÃO, AUDIOLIVROS E DUBLAGEM	30
Q7 - QUADRIMESTRE 7	360
TEORIAS DO SOM	60
ARTE, DOCUMENTO E PROCESSOS DE CRIAÇÃO	60
ÁUDIO-VÍDEO, INTERFACES FÍSICAS E INSTALAÇÃO (LAB)	60
MIXAGEM E MASTERIZAÇÃO (LAB)	60
CAPTAÇÃO E EDIÇÃO DIGITAL DE ÁUDIO (LAB)	60
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO I	60
Q8 - QUADRIMESTRE 8	390
LABORATÓRIO DE PROJETOS: TECNOPOLÍTICAS	60
TEORIAS DA IMAGEM EM MOVIMENTO	60
AUTORIA, DIREITOS AUTORAIS E LEGISLAÇÃO	30
ARQUEOLOGIA DO SOM	60
ARTE FINAL EM SOM (LAB)	30
SONS E MATERIALIDADES (LAB)	30
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO II	60
TCC 1	60
Q9 - QUADRIMESTRE 9	360

LABORATÓRIO DE PROJETOS: NARRATIVAS	60
TÉCNICAS DE ANIMAÇÃO (LAB)	60
IMAGEM FOTOGRÁFICA (LAB)	60
OPTATIVA LIVRE DO SIM	60
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO III	60
TCC 2	60
	300
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	300

Quadro 17:

REPRESENTAÇÃO DO PERCURSO POR QUADRIMESTRE SIM - ARTES VISUAIS		2700
Q1 - QUADRIMESTRE 1		
EXPERIÊNCIAS DO SENSÍVEL [FG]		
UNIVERSIDADE E SOCIEDADE [FG]		
CAMPO DAS CIÊNCIAS: SABERES E PRÁTICAS [FG]		
MATEMÁTICA E ESPAÇO [FG]		
EXPRESSÃO ORAL EM LÍNGUA INGLESA [FG]		
Q2 - QUADRIMESTRE 2		180
INTRODUÇÃO AO RACIOCÍNIO COMPUTACIONAL [FG]		
OFICINA DE TEXTOS ACADÊMICOS E TÉCNICOS EM ARTES [FG]		
LEITURA, ESCRITA E SOCIEDADE [FG]		
ALTERIDADE E CINEMA NAS AMÉRICAS		60
MODOS DE ESCUTA E CRIAÇÃO SONORA [GAA / GAAT]		60
ARTE, HISTÓRIA E HISTORICIDADE NAS AMÉRICAS [GAA / GAAT]		30
POÉTICAS NEGRODESCENDENTES [GAA / GAAT]		30
Q3 - QUADRIMESTRE 3		240
PRODUÇÃO CULTURAL E ARTE-CURADORIA [GAA / GAAT]		60
ARTES E COMUNICAÇÃO NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS [GAA / GAAT]		30
CINEMA, CRIAÇÃO E EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL [GAA / GAAT]		30
ESTÉTICAS OCIDENTAIS NAS AMÉRICAS [GAA / GAAT]		60
ESTÉTICAS NEGRODESCENDENTES [FE II]		60
Q4 - QUADRIMESTRE 4		270
ARTE E TECNOLOGIA [GAA / GAAT]		60
ARTE, COMUNIDADE E ESPACIALIDADES [FE I]		60
POÉTICAS AMERÍNDIAS NO BRASIL: LITERATURA, CINEMA E GRAFISMO [GAA / GAAT]		30
TEORIAS E PRÁTICAS DE TRADUÇÃO [GAA / GAAT]		60

ESTÉTICA DOS POVOS ORIGINÁRIOS DAS AMÉRICAS [FE II]	60
Q5 - QUADRIMESTRE 5	300
LABORATÓRIO DE PROJETOS: CORPORALIDADES	60
SOM, IMAGEM E MOVIMENTO NAS ARTES CONTEMPORÂNEAS	30
PUBLICAÇÃO, EXIBIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO (LAB)	30
PROJETO E PRODUÇÃO	60
VÍDEO MUSICAL: A IMAGEM PARA O SOM (LAB)	60
DIREÇÃO E CRIAÇÃO (LAB)	60
Q6 - QUADRIMESTRE 6	300
LABORATÓRIO DE PROJETOS: TERRITÓRIOS	60
TEORIAS DA IMAGEM	60
CURADORIA, MEMÓRIA E ARQUIVAMENTO	30
ROTEIRO E NARRATIVAS EM IMAGEM, SOM E HIPERMÍDIA (LAB)	60
GRAVAÇÃO, CAPTURA E EDIÇÃO DIGITAL DE VÍDEO (LAB)	60
ARTE E ACESSIBILIDADE: AUDIODESCRIÇÃO, AUDIOLIVROS E DUBLAGEM	30
Q7 - QUADRIMESTRE 7	360
TEORIAS DO SOM	60
ARTE, DOCUMENTO E PROCESSOS DE CRIAÇÃO	60
ÁUDIO-VÍDEO, INTERFACES FÍSICAS E INSTALAÇÃO (LAB)	60
TECNOLOGIAS DO SOM E DA IMAGEM APLICADAS À CENOGRAFIA, INSTALAÇÕES E AMBIENTAÇÕES	60
CAPTAÇÃO E EDIÇÃO DIGITAL DE ÁUDIO (LAB)	60
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO I	60
Q8 - QUADRIMESTRE 8	390
LABORATÓRIO DE PROJETOS: TECNOPOLÍTICAS	60
TEORIAS DA IMAGEM EM MOVIMENTO	60
AUTORIA, DIREITOS AUTORAIS E LEGISLAÇÃO	30
ARTES GRÁFICAS: MATERIAIS, SUPORTES E RECURSOS TÉCNICOS	60
ARTE FINAL EM ARTES GRÁFICAS (LAB)	30
OFICINA: PRÁTICAS EM ARTES GRÁFICAS	30
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO II	60
TCC 1	60
Q9 - QUADRIMESTRE 9	360
LABORATÓRIO DE PROJETOS: NARRATIVAS	60
TÉCNICAS DE ANIMAÇÃO (LAB)	60
IMAGEM FOTOGRÁFICA (LAB)	60
OFICINA: PRÁTICAS EM ARTES GRÁFICAS	30
TIPOGRAFIA (LAB)	30

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO III	60
TCC 2	60
	300
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	300

Quadro 18:

REPRESENTAÇÃO DO PERCURSO POR QUADRIMESTRE SIM - AUDIOVISUAL		2880
Q1 - QUADRIMESTRE 1		
EXPERIÊNCIAS DO SENSÍVEL [FG]		
UNIVERSIDADE E SOCIEDADE [FG]		
CAMPO DAS CIÊNCIAS: SABERES E PRÁTICAS [FG]		
MATEMÁTICA E ESPAÇO [FG]		
EXPRESSÃO ORAL EM LÍNGUA INGLESA [FG]		
Q2 - QUADRIMESTRE 2		180
INTRODUÇÃO AO RACIOCÍNIO COMPUTACIONAL [FG]		
OFICINA DE TEXTOS ACADÊMICOS E TÉCNICOS EM ARTES [FG]		
LEITURA, ESCRITA E SOCIEDADE [FG]		
ALTERIDADE E CINEMA NAS AMÉRICAS		60
MODOS DE ESCUTA E CRIAÇÃO SONORA [GAA / GAAT]		60
ARTE, HISTÓRIA E HISTORICIDADE NAS AMÉRICAS [GAA / GAAT]		30
POÉTICAS NEGRODESCENDENTES [GAA / GAAT]		30
Q3 - QUADRIMESTRE 3		240
PRODUÇÃO CULTURAL E ARTE-CURADORIA [GAA / GAAT]		60
ARTES E COMUNICAÇÃO NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS [GAA / GAAT]		30
CINEMA, CRIAÇÃO E EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL [GAA / GAAT]		30
ESTÉTICAS OCIDENTAIS NAS AMÉRICAS [GAA / GAAT]		60
ESTÉTICAS NEGRODESCENDENTES [FE II]		60
Q4 - QUADRIMESTRE 4		270
ARTE E TECNOLOGIA [GAA / GAAT]		60
ARTE, COMUNIDADE E ESPACIALIDADES [FE I]		60
POÉTICAS AMERÍNDIAS NO BRASIL: LITERATURA, CINEMA E GRAFISMO [GAA / GAAT]		30
TEORIAS E PRÁTICAS DE TRADUÇÃO [GAA / GAAT]		60
ESTÉTICA DOS POVOS ORIGINÁRIOS DAS AMÉRICAS [FE II]		60
Q5 - QUADRIMESTRE 5		300
LABORATÓRIO DE PROJETOS: CORPORALIDADES		60
SOM, IMAGEM E MOVIMENTO NAS ARTES CONTEMPORÂNEAS		30

PUBLICAÇÃO, EXIBIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO (LAB)	30
PROJETO E PRODUÇÃO	60
VÍDEO MUSICAL: A IMAGEM PARA O SOM (LAB)	60
DIREÇÃO E CRIAÇÃO (LAB)	60
Q6 - QUADRIMESTRE 6	300
LABORATÓRIO DE PROJETOS: TERRITÓRIOS	60
TEORIAS DA IMAGEM	60
CURADORIA, MEMÓRIA E ARQUIVAMENTO	30
ROTEIRO E NARRATIVAS EM IMAGEM, SOM E HIPERMÍDIA (LAB)	60
GRAVAÇÃO, CAPTURA E EDIÇÃO DIGITAL DE VÍDEO (LAB)	60
ARTE E ACESSIBILIDADE: AUDIODESCRIÇÃO, AUDIOLIVROS E DUBLAGEM	30
Q7 - QUADRIMESTRE 7	360
TEORIAS DO SOM	60
ARTE, DOCUMENTO E PROCESSOS DE CRIAÇÃO	60
ÁUDIO-VÍDEO, INTERFACES FÍSICAS E INSTALAÇÃO (LAB)	60
MONTAGEM E EDIÇÃO (LAB)	60
CAPTAÇÃO E EDIÇÃO DIGITAL DE ÁUDIO (LAB)	60
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO I	60
Q8 - QUADRIMESTRE 8	390
LABORATÓRIO DE PROJETOS: TECNOPOLÍTICAS	60
TEORIAS DA IMAGEM EM MOVIMENTO	60
AUTORIA, DIREITOS AUTORAIS E LEGISLAÇÃO	30
ARQUEOLOGIA DA IMAGEM E DA IMAGEM EM MOVIMENTO	60
ARTE FINAL EM VÍDEO (LAB)	30
LITERATURA E CINEMA: ESTUDOS DE TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA E ROTEIRIZAÇÃO	30
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO II	60
TCC 1	60
Q9 - QUADRIMESTRE 9	360
LABORATÓRIO DE PROJETOS: NARRATIVAS	60
TÉCNICAS DE ANIMAÇÃO (LAB)	60
IMAGEM FOTOGRÁFICA (LAB)	60
OPTATIVA LIVRE DO SIM	60
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO III	60
TCC 2	60
Q10 - QUADRIMESTRE 10	180
COR, FORMA, IMAGEM (LAB)	60
VÍDEO-DANÇA E VÍDEO-PERFORMANCE	60

ARQUEOLOGIA DO SOM	60
	300
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	300

10. PROPOSTA PEDAGÓGICA

O SIM – Som, Imagem e Movimento, como curso de segundo ciclo que dá continuidade a uma formação interdisciplinar, se propõe a expandir as bases de uma formação artística ampla e arejada, mas ao mesmo tempo aprofundar em práticas, conceitos e teorias específicas das artes do som, da imagem e da imagem em movimento. É o momento na formação do/da estudante em que o amplo horizonte de possibilidades se define melhor em um campo mais específico. Além desse foco mais restrito, práticas e técnicas específicas da produção da imagem e do som são aprofundadas e tratadas com muito mais dedicação.

É dessa concepção fundadora que este PPC apresenta um amplo leque de práticas e técnicas em forma de Componentes Curriculares chamados de Laboratórios, identificados na matriz pela abreviação LAB, entre parênteses, e que permitirá ao/à estudante aprofundar os conhecimentos abordados superficialmente durante o LI e/ou BI.

Lista de LABs do SIM

Cor, forma, imagem (LAB)	60
Trilha sonora e desenho de som (LAB)	60
Direção e criação (LAB)	60
Arte final em som (LAB)	30
Captação e edição digital de áudio (LAB)	60
Gravação, captura e edição digital de vídeo (LAB)	60
Criação e composição sonora (LAB)	60
Mixagem e masterização (LAB)	60
Roteiro e narrativas em imagem, som e hipermídia (LAB)	60
Áudio-vídeo, interfaces físicas e instalação (LAB)	60
Publicação, exibição e distribuição (LAB)	30
Vídeo musical: a imagem para o som (LAB)	60
Sons e materialidades (LAB)	30
Arte final em som (LAB)	30
Arte final em vídeo (LAB)	30
Imagem fotográfica (LAB)	60
Vídeo musical: a imagem para o som (LAB)	60
Montagem e edição (LAB)	60
Áudio-vídeo, interfaces físicas e instalação (LAB)	60
Técnicas de animação (LAB)	60
Criação editorial (LAB)	60
Arte final em artes gráficas (LAB)	30
Tipografia (LAB)	30
Ilustração (LAB)	30

Esses espaços de exercícios práticos, criativos e permeados por saberes e técnicas do fazer são complementados pelos Laboratórios de Projetos, focados em 4 dispositivos temáticos mais 2 TCCs com temáticas livres:

Territórios	60
Tecnopolíticas	60
Corporalidades	60

Narrativas	60
TCC 1	60
TCC 2	60

Aqui a escolha dos temas não é aleatória, e permite aprofundar aspectos importantes da formação do/da estudante na UFSB e no SIM, como, no caso do *Lab. de Projetos – Territórios*, o vínculo e o pensamento sobre a localidade, o global e a importância do território na constituição do sentido e das condições políticas do mundo em que vivemos, e na constituição dos processos de criação artística contemporâneos. A temática da tecnologia e da política aparece no *Lab. de Projetos – Tecnopolíticas* e visa, por sua vez, dar vazão, em forma de projetos artísticos, às reflexões que implicam mutuamente a arte e a tecnologia e que já foram tecidas na contextualização, justificativa e fundamentação teórica deste PPC. *Lab. de Projetos – Corporalidades* busca a sensibilização do artista para a presença do corpo nas artes do som e da imagem, bem como explorar as possibilidades estéticas aí abertas. Aqui trata-se ainda de aprofundar as relações e realizações conjuntas entre o SIM e o curso Artes do Corpo em Cena, já evidenciadas no Perfil do Curso deste PPC. Por fim, o *Lab. de Projetos – Narrativas* busca oferecer ao/à estudante a oportunidade de trabalhar teorias das narrativas, teorias do roteiro, a contação de histórias, o documentário, o ficcional, a criação da cena, do cenário, da animação, etc. no âmbito de um projeto artístico individual ou coletivo.

Nesses espaços de desenvolvimentos de projetos coletivos ou individuais, teoria e prática são indissociáveis. Os aspectos técnicos abordados nos LABs são aqui trazidos para o contexto de cada projeto, a partir de suas singularidades, da motivação e do desejo de estudantes e docentes, visando potencializar a ação pedagógica e artístico-investigativa, o que inclui necessariamente a pesquisa. Constrói-se assim uma experiência significativa para a formação em Artes, em que ao mesmo tempo práticas pedagógicas no âmbito da criação artística e desenvolvimento de projetos dialogam com componentes curriculares teóricos e práticos e com os Estágios Supervisionados.

Um elemento essencial da proposta dos Laboratórios de Projetos consiste no desenvolvimento de ações em parcerias, internas e externas, operadas em diferentes níveis institucionais. O estudante será incentivado a ir a campo, a conhecer o entorno, e tecer vínculos e parcerias com comunidades, artistas, instituições no desenvolvimento de seus projetos. Nota-se que também o Estágio Supervisionado é um elemento importante que oferece essa possibilidade de atuação do/a estudantes além do espaço da Universidade.

Um outro aspecto importante da proposta pedagógica se dá na interação de CCs entre o curso Artes do Corpo em Cena e SIM. Uma parte significativa dos CCs em nossa matriz é ofertada em parceria com o Artes do Corpo em Cena. São eles:

Videodança e vídeo-performance	60
Estudos sobre cenografia e figurino	60
Tecnologias do som e da imagem aplicadas à cenografia, ambienta	60
Oficina de leitura expressiva e narração oral	30
A linguagem da luz nas artes do corpo em cena	60
Oficina de técnica e expressão vocal	30
Oficina de canto para a cena	30
Oficina de poéticas da oralidade	30

Flexibilidade e autonomia

Como sujeito ativo do processo de aprendizagem, o estudante deve ser acompanhado e motivado a desenvolver a autonomia nas suas escolhas e direcionamentos durante o curso, visto que essa é uma condição básica para a consolidação da sua competência para

aprender a aprender. A conquista de tal competência é absolutamente necessária a sujeitos que atuarão em uma realidade complexa em permanente transformação. Assim, será possível para o/a estudante se posicionar mediante a escolha de Componentes Curriculares, dentre uma proporção significativa de conteúdos de natureza optativa durante o curso, possibilitando-lhe definir, em parte, o seu percurso de aprendizagem. Com esse intuito, no SIM não há pré-requisitos, e o número de CCs obrigatórios foi reduzido ao máximo. Enquanto o/a estudante pode formar-se em uma habilitação, embora ainda lançando mão de um percurso mais flexível, ele/ela pode optar por não focar numa habilitação, ganhando mais liberdade para compor seus percursos formativos.

Na relação com colegas, assim como com os docentes e servidores técnico-administrativos, é fundamental que o/a estudante esteja aberto à interação, compartilhe o respeito às diferenças, desenvolva habilidade de lidar com o outro em sua totalidade, incluindo suas emoções. Entende-se que a experiência de ser universitário deve ser vivenciada em sua plenitude, envolvendo a participação em entidades de categoria, instâncias decisórias, grupos de pesquisa, projetos de cooperação técnica e de integração social, eventos socioculturais e artísticos, entre outros fóruns de discussão e diferentes atividades.

11 ATIVIDADES AUTÔNOMAS COMPLEMENTARES

A validação das Atividades Autônomas Complementares no SIM – Som, Imagem e Movimento deve seguir as seguintes diretrizes:

A carga horária mínima obrigatória destinada às Atividades Autônomas Complementares no Bacharelado em Som, Imagem e Movimento será de 300 (trezentas) horas.

Os casos omissos e de adaptação curricular (“Outros”, na tabela abaixo) serão resolvidos pelos Colegiados do SIM, conforme o Artigo 8º. da Res. 16/2015 do CONSUNI.

Segue abaixo quadro de atividades e respectivas pontuações para o cálculo das Atividades Autônomas Complementares do SIM:

Quadro 19:

ATIVIDADES AUTÔNOMAS COMPLEMENTARES	
HUMANA E SOCIAL	CARGA HORÁRIA VÁLIDA
Participação em atividades esportivas	Carga horária total da atividade, limitadas a 150h
Participação em projetos ou ações sociais promovidas pela UFSB, ou por ela reconhecidos, ou ações de voluntariado	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Participação efetiva em trabalhos voluntários ou beneficentes, atividades comunitárias, CIPAs, associações de bairros ou similares, brigadas de incêndio, associações escolares ou similares	Carga horária total da atividade, limitadas a 150h
Atuação como instrutor em palestras técnicas, seminários, desde que não remunerados e de interesse da sociedade	Carga horária total da atividade, limitadas a 150h

Engajamento como docente não remunerado em cursos preparatórios, de reforço escolar ou outros cursos de formação	Carga horária total da atividade, limitadas a 150h
Participação em atividades de extensão, não remunerados, e de interesse social	Carga horária do certificado de participação, limitadas a 150h
Participação em projetos institucionais multidisciplinares ou interdisciplinares	Carga horária máxima do certificado de participação, limitadas a 150h
OUTROS (ESPECIFICAR)	
Modo de comprovação: Certificado da instituição responsável.	
ACADÊMICA	CARGA HORÁRIA VÁLIDA
Participação em atividades de Orientação Acadêmica	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Participação em eventos de natureza acadêmica, de divulgação ou de atualização cultural, internos ou externos à UFSB	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC. Média: 4 horas por evento, até no máximo 150h
Participação em Palestras, Conferências	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC. Média: 2 horas por palestra, até no máximo 150h
Participação em Congressos, Simpósios, Fóruns, Encontros, Colóquios, Seminários,	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC. Média: 8 horas por evento, até no máximo 150h
Participação em Cursos de componentes curriculares desta ou de outras instituições.	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Participação em Cursos, Oficinas, Ateliês livres ou de outras instituições para aperfeiçoamento técnico	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Participação em projetos de pesquisa, Iniciação Científica, Bolsa de Auxílio à Permanência	Carga horária máxima proporcional de IC de 120h por ano, até no máximo 150h
Participação em comissões de organização de eventos e atividades didáticas, artísticas, científicas ou culturais na UFSB	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Publicação de resumos em eventos de caráter técnico-científico-artístico (autoria ou co-autoria)	10h por resumo publicado, até no máximo 150h
Publicação em Anais de eventos de caráter técnico-científico-artístico (autoria ou co-autoria)	25h por artigo publicado em Anais, até no máximo 150h
Monitoria, Iniciação à Docência	Carga horária máxima proporcional de IC de 120h por ano, até no máximo 150h

Cursos de Línguas	Até no máximo 150h
Participação em atividades de divulgação do Projeto da UFSB	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
<p>Modo de comprovação: Para o caso da Orientação Acadêmica vale o registro de “Aprovado” no histórico escolar. Declaração da coordenação do evento, com carga horária, local, período e profissional responsável pela atividade. No caso de resumo ou artigo publicado, o comprovante é o próprio objeto da publicação.</p>	
PROFISSIONAL	CARGA HORÁRIA VÁLIDA
Participação (como espectador) em eventos de natureza artística, de divulgação ou de atualização cultural, internos ou externos à UFSB	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Participação (como espectador) em filmes e espetáculos, concertos, teatro, dança, festivais de cinema, etc.	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Visitas a Exposições de Arte, Bienais etc.	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Visitas a mestres dos saberes e/ou a comunidades tradicionais	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Produção e/ou montagem/curadoria de exposição, espetáculo de teatro, espetáculo de dança, performance, trabalho em backstage, cenários, figurinos, outros	30h por montagem, até no máximo 150h
Produção de exposição autoral	30h por exposição, até no máximo 150h
Proferir palestra, ministrar curso, treinamento ou oficina sobre temas relacionados à Cidadania e ao âmbito profissional e ético das Artes	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Realização de Entrevistas e visitas técnicas a artistas e/ou grupos artísticos	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC. Média: 4 horas por visita, até no máximo 150h
Estágio não obrigatório na área do curso ou trabalho com vínculo empregatício na área do curso	Carga horária máxima proporcional de estágio (ou vínculo empregatício) de 120h por ano, até no máximo 150h
Trabalho como empreendedor na área do curso	Carga horária máxima de 150h
<p>Modo de comprovação: Para eventos artístico-culturais: folder, folheto, programa ou bilhete, documentação fotográfica, acompanhado de relatório para cada evento conforme modelo em anexo. Para atividades e eventos, o certificado, Atestado ou Declaração com carga horária, local, período e profissional responsável pela atividade. No caso de</p>	

exposição autoral, além da Declaração do professor responsável, relatório sucinto acompanhado dos materiais de divulgação.

POLÍTICA ESTUDANTIL	CARGA HORÁRIA VÁLIDA
Participação em Diretórios, Centros Acadêmicos, Entidades de Classe, Conselhos e Colegiados da UFSB	15h por participação anual, até no máximo 150h
Participação em Órgãos e Entidades de Classe na sociedade.	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Outros	Até o máximo de 150h

12. ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO

No curso Som, Imagem e Movimento, o cumprimento de 180 horas de Estágio Supervisionado é obrigatório para o formando em Som, Imagem e Movimento e para todas as habilitações.

O artigo 2º da Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes, diz o seguinte:

§ 3º As atividades de extensão, de monitorias e de iniciação científica na educação superior, desenvolvidas pelo estudante, somente poderão ser equiparadas ao estágio em caso de previsão no projeto pedagógico do curso.

No SIM, equipara-se tais atividades – atividades de extensão, de monitorias e de iniciação científica – a Estágio Supervisionado, cientes de que o aprendizado prático pode se dar em uma pluralidade de contextos e situações (mais abaixo oferecemos uma lista de todas as atividades que podem ser consideradas Estágio).

No artigo 3º a Lei n. 11.788 diz que o estágio não cria vínculo empregatício de qualquer natureza, observados os seguintes requisitos:

I – matrícula e frequência regular do educando em curso de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e nos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos e atestados pela instituição de ensino;

II – celebração de termo de compromisso entre o educando, a parte concedente do estágio e a instituição de ensino;

III – compatibilidade entre as atividades desenvolvidas no estágio e aquelas previstas no termo de compromisso.

§ 1º O estágio, como ato educativo escolar supervisionado, deverá ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente, comprovado por vistos nos relatórios referidos no inciso IV do caput do art. 7º desta Lei e por menção de aprovação final.

O Centro de Formação em Artes e Comunicação da UFSB, juntamente do SIM, deve celebrar os devidos convênios de Estágio Supervisionado com instituições, produtoras, agências, estúdios e espaços de cultura que possam receber os/as estudantes, respeitando-se os requisitos acima, e em conformidade com os seguintes artigos da Lei:

Art. 8o É facultado às instituições de ensino celebrar com entes públicos e privados convênio de concessão de estágio, nos quais se explicitem o processo educativo compreendido nas atividades programadas para seus educandos e as condições de que tratam os arts. 6o a 14o desta Lei.

Art. 12o O estagiário poderá receber bolsa ou outra forma de contraprestação que venha a ser acordada, sendo compulsória a sua concessão, bem como a do auxílio-transporte, na hipótese de estágio não obrigatório.

Observa-se que, como os Estágios no SIM são obrigatórios, não há portanto obrigatoriedade de se oferecer bolsas. Contudo, sempre que possível bolsas devem ser oferecidas.

Note-se ainda, nos incisos do art. 7o, as obrigações das instituições de ensino, em relação aos estágios de seus educandos:

I – celebrar termo de compromisso com o educando ou com seu representante ou assistente legal, quando ele for absoluta ou relativamente incapaz, e com a parte concedente, indicando as condições de adequação do estágio à proposta pedagógica do curso, à etapa e modalidade da formação escolar do estudante e ao horário e calendário escolar;

II – avaliar as instalações da parte concedente do estágio e sua adequação à formação cultural e profissional do educando;

III – indicar professor orientador, da área a ser desenvolvida no estágio, como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário;

IV – exigir do educando a apresentação periódica, em prazo não superior a 6 (seis) meses, de relatório das atividades;

V – zelar pelo cumprimento do termo de compromisso, reorientando o estagiário para outro local em caso de descumprimento de suas normas;

VI – elaborar normas complementares e instrumentos de avaliação dos estágios de seus educandos;

VII – comunicar à parte concedente do estágio, no início do período letivo, as datas de realização de avaliações escolares ou acadêmicas.

Por fim, deve-se lembrar o que reza esta Lei no que concerne ao plano de atividades do estagiário: ele deve ser elaborado “em acordo das 3 (três) partes a que se refere o inciso II do *caput* do art. 3o desta Lei, será incorporado ao termo de compromisso por meio de aditivos à medida que for avaliado, progressivamente, o desempenho do estudante”.

A resolução n. 10, de 27 de junho de 2006, do Conselho Nacional de Educação, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de *Cinema e Audiovisual* e dá outras providências, diz o seguinte:

Art. 7o O estágio consiste em estudos e atividades práticas realizados pelo aluno dentro ou fora da unidade em que o curso é ministrado, sob a supervisão de um docente, e que permitem ao discente atuar diretamente no mercado profissional e na iniciação à pesquisa e ao ensino, podendo consistir de:

- a) programas especiais de capacitação;
- b) monitorias;
- c) práticas em laboratórios, além daquelas previstas no currículo regular;
- d) atividades de extensão;
- e) atividades de pesquisa;
- f) trabalho regular em empresas e/ou instituições do setor audiovisual;
- g) trabalho temporário em equipes de produção;
- h) participação em equipes de projetos, entre outras;
- i) intercâmbios universitários;
- j) atividades em incubadoras de empresas.

Parágrafo único. Recomenda-se que os estágios voltados para a inserção profissional do aluno estejam em sintonia com as ênfases ou as especializações oferecidas pelo curso, especialmente aqueles voltados para a produção de obras audiovisuais, possibilitando ao aluno o desempenho de tarefas nas áreas seguintes: direção, captação de imagem ou som, direção de arte, organização e gestão da produção e montagem/edição.

A resolução n. 1, de 16 de janeiro de 2009, do Conselho Nacional de Educação, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de *Artes Visuais* e dá outras providências, diz o seguinte:

Art. 7o O Estágio Supervisionado é componente curricular não obrigatório, direcionado à consolidação de determinados desempenhos profissionais, inerentes ao perfil do formando.

§ 1o Para incluir o Estágio Supervisionado no currículo do curso de graduação em Artes Visuais, a Instituição deverá expedir regulamentação própria, aprovada pelo seu Conselho Superior Acadêmico, contendo, obrigatoriamente, critérios, procedimentos e mecanismos de avaliação.

§ 2o O estágio de que trata este artigo poderá ser realizado na própria Instituição de Ensino Superior, em laboratórios e outros ambientes que congreguem as diversas atividades inerentes à área de Artes Visuais e campos correlatos, em suas múltiplas manifestações.

Tais diretrizes, portanto, estão em sintonia com as diretrizes previstas no Conselho Nacional de Educação para o Audiovisual e com a Lei n. 11.788.

Para a habilitação em Arte e Produção Sonora, na falta de resolução específica para essa formação superior, consideramos o previsto na Resolução de 8 de março de 2004, que aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Música e dá outras

providências, principalmente no que concerne às seguintes diretrizes no parágrafo 3o do artigo 7:

§ 3o Optando a Instituição por incluir, no currículo do curso de Graduação em Música, o estágio supervisionado de que trata este artigo, deverá emitir regulamentação própria, aprovada pelo seu Conselho Superior Acadêmico, contento, obrigatoriamente, critérios, procedimentos e mecanismos de avaliação, observado o disposto no parágrafo precedente.

O Estágio Supervisionado no SIM deve considerar atentamente todas as notações legais supra relatadas, as indicações deste PPC, e as especificidades do SIM. Deve-se ainda observar as diretrizes dispostas na Resolução n. 21 de 2015 da UFSB, que detalha os procedimentos necessários para o Estágio Supervisionado na instituição.

Note-se ainda que as atividades abaixo relacionadas, retiradas da resolução n. 10, de 27 de junho de 2006, do Conselho Nacional de Educação, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Cinema e Audiovisual, **contarão como horas de Estágio para todas as habilitações do SIM:**

- a) programas especiais de capacitação;
- b) monitorias;
- c) práticas em laboratórios, além daquelas previstas no currículo regular;
- d) atividades de extensão;
- e) atividades de pesquisa;
- f) trabalho regular em empresas e/ou instituições criativas no campo do som, da imagem e da imagem em movimento;
- g) trabalho temporário em equipes de produção;
- h) participação em equipes de projetos, entre outras;
- i) intercâmbios universitários;
- j) atividades em incubadoras de empresas.

Essas atividades poderão ser desempenhadas nos laboratórios do CFAC na UFSB, em qualquer um de seus *campi*, ou em instituições com as quais o CFAC e/ou a UFSB possua convênio, nas cidades em que seus *campi* estão presentes. No caso de o Estágio estiver sendo cursado fora da cidade sede do CFAC (Porto Seguro), um professor do CFAC no *campus* em que o/a estudante está matriculado deve orientar o Estágio Supervisionado.

O Estágio Supervisionado no SIM constitui-se de 3 componentes curriculares (CCs) de 60 horas, sendo cada estudante matriculado acompanhado por um/a professor/a orientador/a.

Segundo o artigo 10 da Resolução 21/2015 da UFSB, “a realização do Estágio se dá mediante **Termo de Compromisso de Estágio (TCE)** celebrado, no início das atividades de Estágio, entre a/o estudante, a parte concedente e a UFSB, representada pelo/a Coordenador/a de Curso, no qual são definidas as **condições para o Estágio** e o **Plano de Atividades do estagiário**”.

No início de cada Estágio Supervisionado o/a estudante deve preparar, juntamente ao responsável por supervisionar o Estágio na instituição ou no laboratório do CFAC (professor/a ou coordenador/a do laboratório), o Plano de Atividades que deve ser aprovado pelo orientador de Estágio do CFAC.

Ao final de cada CC de Estágio Supervisionado, o/a estudante deve entregar um **Relatório Final**, que será avaliado pelo/a orientador/a. O/a supervisor/a do Estágio no laboratório ou instituição conveniada deve entregar ao/a professor/a orientador/a uma **Avaliação de Desempenho** do/a estagiário/a. O/a professor/a orientador/a deve avaliar o desempenho do/da estudante no Estágio a partir da análise da sua produção durante o período, a implementação do plano de trabalho previsto, a assiduidade, a Avaliação de Desempenho entregue pelo/a supervisor/a e o Relatório Final entregue pelo/a estagiário/a até 30 dias após o término do Estágio a cada quadrimestre. Ao final, o/a estudante será aprovado ou não aprovado.

Respeitando-se a Resolução 21/2015 da UFSB, art. 24, são atribuições do/a professor/a orientador/a de Estágio no SIM:

- I – Planejar, juntamente com a/o estagiária/o, acompanhar, organizar, coordenar, supervisionar e avaliar as atividades do estágio;
- II – Avaliar as instalações da parte concedente do estágio e sua adequação à formação cultural e profissional da/o educanda/o;
- III – Orientar técnica e pedagogicamente as/os estudantes no desenvolvimento de todas as atividades do estágio;
- IV – Receber e analisar o controle de frequência, relatórios e outros documentos das/os estagiárias/os;
- V – Encaminhar à Secretaria Acadêmica do Campus os documentos relacionados aos estágios;
- VI – Zelar pela celebração e pelo cumprimento do Termo de Compromisso de Estágio;
- VII – Informar à parte concedente do estágio as datas de realização de avaliações acadêmicas, em conjunto com a Secretaria Acadêmica;
- VIII – Prestar informações adicionais quando solicitada/o.

Ainda de acordo com os artigos 13 a 17 desta Resolução, são direitos e deveres do estagiário:

Art. 13. A jornada de atividade em estágio, a ser cumprida pela/o estudante, deverá compatibilizar-se com o seu horário escolar e com o funcionamento do órgão ou empresa concedente do estágio.

§ 1º A carga horária do estágio é reduzida quando a/o estagiária/o estiver realizando verificações de aprendizagem periódicas ou finais, nos períodos de avaliação, devendo esta cláusula estar estipulada no Termo de Compromisso, para garantir o bom desempenho da/o estudante;

§ 2º A jornada de estágio, nos períodos de férias escolares, deve estar devidamente estabelecida de comum acordo entre o estagiário, a parte concedente do Estágio e a UFSB, e estar presente no Termo de Compromisso;

§ 3º A jornada de atividade em estágio não poderá ultrapassar 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais, exceto nos quadrimestres previstos nos Projetos Pedagógicos de Cursos que serão em tempo integral ou em períodos sem aulas;

§ 4º A duração do estágio, na mesma parte concedente, não poderá exceder 2 (dois) anos, exceto quando se tratar de estagiária/o com deficiência;

§ 5o Quadrimestralmente e a cada renovação de Estágio, a/o estudante deve apresentar relatório das atividades aos/às professores/a supervisores/as da instituição e da UFSB, que encaminha o relatório à Secretaria Acadêmica do Campus;

§ 6o O relatório deve conter a avaliação da/o profissional que supervisionou a/o estudante no local do estágio durante a sua realização;

§ 7o Cada renovação do Estágio está condicionada à aprovação do relatório do período anterior pela/o professor/a supervisor/a;

§ 8o A renovação deve ser realizada antes do final da vigência do Estágio, sendo indeferida se for entregue a documentação após o encerramento do prazo de vigência.

Art. 14. Não é permitido à/ao estudante realizar Estágios concomitantes.

Art. 15. A/o estudante, antes de iniciar o Estágio, deve preencher o Plano de Estágio, em conjunto com o/a professor/a supervisor/a e a/o supervisor/a da parte concedente, no qual constam os dados cadastrais da unidade concedente do estágio, as descrições do estágio, uma prévia avaliação da/o estudante e da parte concedente, pelo/a supervisor/a, e as responsabilidades de cada parte.

Art. 16. A cada renovação, ou ao término do estágio, devem ser entregues à Secretaria Acadêmica de cada Campus os seguintes relatórios:

I - Relatório de Atividades do/a Estagiário/a – preenchido pelo/a estagiário/a, com o relato das principais atividades desenvolvidas e sua avaliação das principais aprendizagens, problemas enfrentados e sugestões para o/a professor/a supervisor/a, com vista obrigatória ao/a professor/a supervisor/a e ao/à supervisor/a da parte concedente;

II - Relatório de Atividades da Parte Concedente – preenchido pela parte concedente, com relato das atividades desenvolvidas pelo/a estagiário/a e as principais contribuições e recomendações para o desenvolvimento do/a estagiário/a;

III - Termo de Realização de Estágio – preenchido pela parte concedente com a avaliação de desempenho do/a estagiário/a.

Art. 17. O/a estagiário/a deve entregar, até 30 (trinta) dias após o final do estágio, um relatório final contendo as atividades desenvolvidas, a avaliação do estágio, as principais aprendizagens, devendo o Relatório ser aprovado pelo/a supervisor/a e pela parte concedente, podendo variar o modelo de relatório de acordo com cada Colegiado de Curso.

Obs.: Para o conteúdo completo das definições e diretrizes da Resolução 21/2015, favor consultar o site da UFSB, seção de Resoluções.

Obs. 2: Para mais detalhes sobre o funcionamento do Estágio Supervisionado no CFA, ver Resolução CFAC 001/2018 no site oficial do curso em <ufsb.edu.br>.

13. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A finalização da formação acadêmica profissionalizante do Curso de Bacharelado SIM se concretiza pela produção de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pelo/a estudante, sob a orientação de um/a professor/a do Centro de Formação em Artes e Comunicação da UFSB com a possibilidade de um co-orientador, professor da UFSB, e sua avaliação por uma banca *ad hoc*.

A materialização do processo formativo através de um produto efetivo de sons, de imagens, de imagens em movimento, associada a uma reflexão crítica sobre o processo de produção ou por uma reflexão teórica acerca de questões referentes ao som, a imagem e as imagens em movimento no sentido mais amplo da acepção desses termos constitui uma etapa decisiva na vida acadêmica dos estudantes que, além de comprovar seu processo de aprendizagem e concluir seu ciclo de formação, têm aqui a possibilidade de lançar sua produção ao mundo, bem como para o curso que assim constrói um acervo de suas atividades e posiciona sua identidade.

Entre as diversas possibilidades de produtos a serem desenvolvidos para o TCC podemos enumerar: filmes documentários, filmes de ficção, produção sonora, produção sonora musical, produção sonora para o audiovisual e para a cena, produção gráfica, desenho, pintura, ilustração, editoração de sons, textos, imagens, imagens em movimento, etc.

Tendo em vista a dimensão de equipe ou de coletividade que pode ser necessária para muitas dessas produções, os trabalhos poderão ser desenvolvidos individualmente ou em parceria com outros estudantes.

O estudante cursará dois quadrimestres de TCC, sendo o primeiro dedicado ao desenvolvimento do projeto e início de sua preparação e execução, e o segundo ao desenvolvimento do projeto e sua apresentação. O projeto de TCC apresentará os objetivos do trabalho, a justificativa, as metodologias a serem seguidas, as referências artísticas e as referências bibliográficas, assim como o nome do orientador e do possível co-orientador. Tendo em vista a sequência de 4 laboratórios de desenvolvimento de projetos cursados por cada estudante antes de apresentar seu Projeto de TCC, este consiste numa proposta de culminância do processo de formação artística desenvolvido ao longo do curso que se efetiva num produto artístico com memorial descritivo ou de reflexão teórica na forma de monografia. O projeto de TCC será avaliado por uma banca, indicada pelo orientador/a e o/a estudante, e homologada pelo colegiado do curso.

O desenvolvimento do TCC se efetua em 2 Componentes Curriculares de 60 horas (TCC 1 e TCC 2) e duração de um quadrimestre cada. A repartição da carga horária de trabalho e dos encontros entre estudante e orientador se dará em concordância entre os dois.

O TCC de cada estudante (ou grupo de estudantes) será avaliado por uma Banca Examinadora convidada pelo orientador e pelo(s) estudante(s) composta por no mínimo dois membros que possuam graduação no Ensino Superior, sendo ao menos um deles professor/a doutor do Centro de Formação em Artes e Comunicação da UFSB, podendo o outro membro ser profissional da área de atuação em que o trabalho está compreendido. No caso de trabalhos realizados junto a comunidades tradicionais, poderá ser convidado Mestre ou Mestra dos Saberes Tradicionais, contanto que esteja garantida a composição mínima estabelecida para a Banca Examinadora, que não poderá exceder o número de 4 (quatro) membros e precisará ser aprovada pelo Colegiado do curso. O/a co-orientador/a, se o trabalho possuir, poderá ser convidado/a a participar da banca, sem entretanto participar das arguições ou da avaliação. A banca de defesa de TCC será realizada em

sessão pública, presidida pelo/a orientador/a do trabalho. Após instauração da sessão pelo/a seu/sua presidente, o/a estudante (ou o grupo de estudantes) realizará(ão) uma exposição oral de 15 a 25 minutos, seguida de arguição pela Banca Examinadora.

A avaliação dos Trabalhos de Conclusão de Curso de caráter prático será realizada pela Banca Examinadora seguindo os seguintes critérios:

1. Finalidade, destinação e/ou público evidenciados no próprio Trabalho Prático.
2. Adequação dos meios expressivos empregados no Trabalho Prático à sua destinação, público e/ou finalidade.
3. Coerência entre o Trabalho Prático e a reflexão apresentada no Memorial.
4. Qualidade crítico-reflexiva do TCC em relação ao campo de atuação artística, profissional e/ou acadêmica e seus referenciais.
5. Apresentação e defesa do trabalho para banca examinadora quanto a: a) clareza da argumentação oral e dos elementos de apoio (materiais gráficos e/ou audiovisuais) apresentados pelo/a(s) estudante(s) e domínio da sua área de atuação artística, profissional e/ou acadêmica; b) adequação da apresentação oral inicial à duração de 15 a 25 minutos.

Os critérios de avaliação de Monografias serão definidos pelo Colegiado do curso.

14. SISTEMA DE CREDITAÇÃO

A UFSB adota um regime de creditação compatível com o European Credit Transfer System (ECTS), vigente no Espaço Europeu de Ensino Superior, com dois principais objetivos:

- Acolher com respeito e flexibilidade diferentes tipos de aquisição de conhecimentos e habilidades: formais, não-formais e informais, apresentados pelo estudante e devidamente atestados por um docente orientador e pelo Colegiado de Curso;
- Permitir e valorizar a mobilidade internacional dos estudantes da UFSB, favorecendo o reconhecimento de diplomas e certificados.

O ECTS define sua creditação da seguinte maneira: ano acadêmico = 60 créditos; semestre = 30 créditos; trimestre = 20 créditos. Como a UFSB tem regime quadrimestral, cada quadrimestre corresponderá a 20 créditos.

Na UFSB, cada CC possui Carga horária + Crédito, onde CH é o número de horas semanais de aulas e atividades presenciais ou metapresenciais, incluindo trabalho de laboratório, aulas práticas, aulas de exercícios ou estudos dirigidos, realizadas na Universidade. Uma unidade de crédito (Cr) equivale a 15 horas de trabalho acadêmico ou demonstração de domínio de conhecimento, competência ou habilidade, validados pelo Colegiado. Nesse sistema, o crédito é atribuído ao CC ou atividade de um programa de estudos ou curso. O número de créditos de cada CC ou atividade pode variar em cada curso, a depender da importância atribuída ao volume de trabalho necessário para que o estudante consiga atingir os resultados exigidos no respectivo Projeto Pedagógico do Curso.

A principal característica desse sistema de creditação diz respeito à centralidade do processo ensino-aprendizagem, ao invés do sistema tradicional de ensino centrado na figura do professor e em conteúdos e tarefas prefixados. Contudo, a atribuição de créditos não deve variar de estudante para estudante, considerando-se a unidade pedagógica (atividade, CC ou curso). O crédito, como exposto acima, certifica a atividade e não o estudante e sua nota não será adaptada conforme o estudante tenha apresentado uma performance que se diferencia em qualidade (para mais ou para menos). Este é papel da nota ou conceito e não do crédito.

15. ACESSO AO CURSO, MOBILIDADE ACADÊMICA E APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

15.1 Acessibilidade e diversidade

A UFSB atua na perspectiva da acessibilidade considerando um processo inclusivo que compreenda uma visão de que a diversidade humana seja acolhida. Sendo assim, o conceito de acessibilidade aparece de forma ampla, e não apenas restrito a questões físicas e arquitetônicas, uma vez que o vocábulo expressa um conjunto de dimensões diversas, complementares e indispensáveis para que haja um processo de efetiva inclusão (INEP, 2013).

Para tanto, embora a UFSB seja uma universidade nova, ainda em pleno processo de consolidação de sua estrutura física e de seu quadro de recursos humanos compatíveis com suas metas e funções sociais, o compromisso com a implantação da formação inclusiva e com o atendimento dos dispositivos legais encontram-se contemplados em diferentes perspectivas a serem consolidadas na estrutura universitária.

Para cumprir a regulamentação das Políticas de Inclusão (Dec. N° 5.296/2004) e da legislação relativa às questões étnico-raciais (Leis 10.639/03 e 11.645/08; e Resolução CNE/CP N° 01 de 17 de junho de 2004), a UFSB se propõe a atender a essas demandas a partir da inserção destas temáticas como CCs de seus cursos de formação, bem como, em suas atividades de pesquisa e integração social.

Além da transversalidade desses temas nos currículos de formação de BIs e LIs, a UFSB investe em programa de apoio ao discente sobretudo em sua relação direta com a equipe de orientadores e fomenta a participação dos estudantes em intercâmbios nacionais e internacionais e centros acadêmicos.

15.2 Formas de Ingresso no Curso

O ingresso no curso pode ser realizado através de um dos seguintes processos seletivos:

- Edital de seleção da UFSB para portadoras/es de diploma de graduação de curso autorizado pelo MEC em Instituição de Ensino Superior.
- Edital de progressão para o Segundo Ciclo da UFSB – para estudantes formadas/os em qualquer licenciatura ou bacharelado de Primeiro Ciclo.
- Edital de transferência interna da UFSB – para estudantes matriculadas/os em cursos de Segundo Ciclo específicos.

15.3 Mobilidade Acadêmica e Aproveitamento de Estudos

A mobilidade acadêmica permite que estudantes regularmente matriculadas/os em cursos de graduação da UFSB possam cursar disciplinas em outras Instituições de Ensino Superior (IES) que participam dos mesmos convênios e consórcios, regulados por editais específicos da UFSB.

O aproveitamento de estudos permite que estudantes validem disciplinas cursadas em graduação autorizada pelo MEC em Instituição de Ensino Superior. O limite da carga horária que pode ser validada por meio do aproveitamento de estudos no Bacharelado em Som,

Imagem e Movimento é estabelecido por Resolução específica da UFSB. A dispensa por equivalência e o aproveitamento de estudos são regulados por editais específicos da UFSB.

16. REGIME DE MATRÍCULA E INSCRIÇÕES EM CCS

O/a estudante fará sua inscrição nos CCs quadrimestralmente, usando a ferramenta virtual SIGAA. Os CCs da matriz do SIM estarão disponíveis para matrícula dos estudantes do CFAC sendo ofertados em Porto Seguro. Alguns CCs poderão ser ofertados, a cada quadrimestre, em outros *campi*, conforme combinado prévio com professores do CFAC lotados nos mesmos.

17. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Quadrimestralmente serão utilizadas metodologias quantitativas (questionário estruturado) e qualitativas (conselhos de classe) para promover avaliação dos docentes acerca do curso, assim como identificar o grau de satisfação dos estudantes e o que eles pensam e dizem de seus professores, das suas atitudes, do seu comportamento e da sua capacidade, dos Programas de Aprendizagem, da qualidade das estratégias de ensino, das instalações físicas, da condição das salas de aula, do funcionamento dos laboratórios didáticos e de pesquisa, da atualidade e da disponibilidade do acervo bibliográfico, da articulação entre os módulos do curso, da utilidade do projeto pedagógico para as suas pretensões de formação, entre outras.

É importante ter como referência que a avaliação dos estudantes deve estar pautada tanto no processo de aprendizagem (avaliação formativa), como no seu produto (avaliação somatória). Na avaliação do processo, a meta é identificar potencialidades dos estudantes, falhas da aprendizagem, bem como buscar novas estratégias para superar dificuldades identificadas.

As notas, que refletem desempenho nas avaliações de resultado, permitem ao Colegiado do curso verificar o grau de domínio que os estudantes adquiriram acerca dos diversos saberes e conteúdos previstos em cada etapa do curso. Para os concluintes, será aplicado um questionário com a finalidade de identificar opinião em relação a itens que foram investigados no seu ingresso na universidade (seus interesses culturais, satisfação em relação ao curso e à universidade, concepção de universidade, espaços preferidos de convívio, imagens de futuro etc.).

Com essa análise será possível identificar lacunas e dificuldades no processo ensino-aprendizagem, bem como avaliar e planejar coletivamente estratégias de superação. Outra forma de avaliação do curso pode ser a aplicação de exames anuais, a fim de obter informações acerca do alcance dos objetivos e competências estabelecidos no projeto.

Para acompanhar a aprendizagem no processo, o docente lança mão de atividades e ações que envolvem os estudantes ativamente, a exemplo de seminários, relatos de experiências, entrevistas, coordenação de debates, produção de textos, práticas de laboratório, elaboração de projetos, relatórios, memoriais, portfólios, dentre outros.

Na avaliação dos produtos, devem-se reunir as provas de verificação da aprendizagem ou comprovações do desenvolvimento das competências. O objetivo dessas provas é fornecer elementos para que o educador elabore argumentos consistentes acerca do desempenho e da evolução dos estudantes. Esses instrumentos de avaliação podem ser questionários, exames escritos com ou sem consulta a materiais bibliográficos, arguições orais, experimentações monitoradas em laboratórios, relatórios e descrições de processos produtivos, visitas, elaboração de pôsteres ou outros materiais para apresentação, fichas de

aula, instrumento de autoavaliação, relatórios de estágio e monografias. Ao pontuar e atribuir nota ao produto, o docente deve explicitar com clareza os critérios adotados quanto aos objetivos esperados.

Na UFSB, avaliação é entendida como dispositivo imprescindível do processo ensino-aprendizagem e contém – mas não se limita a – verificação de aprendizagem como testes, provas, trabalhos, e outras atividades pontuais que conduzem a notas ou conceitos.

Os seguintes princípios do Plano Orientador norteiam os processos de avaliação na UFSB:

- I. Interdisciplinaridade: os docentes são estimulados a planejar avaliações conjuntas, envolvendo conhecimentos e saberes trabalhados nos diferentes CCs do quadrimestre, evitando multiplicar produtos avaliativos.
- II. Compromisso com aprendizagem significativa: coerente com metodologias ativas de ensino-aprendizagem, evitando a ênfase conteudista e pontual.
- III. Criatividade e inovação: são valorizadas mediante a instigação à reflexão crítica e propositiva.
- IV. Ética: critérios justos, transparentes, com objetivos claros e socializados desde o início de cada CC.
- V. Espírito colaborativo: trabalhos em grupo e promoção do compartilhamento e da solidariedade são atitudes exercitadas em todas as atividades universitárias.

Durante a primeira semana de aula, dedicada ao acolhimento, o processo avaliativo é apresentado e discutido com os estudantes, evidenciando razões e critérios de avaliação.

A avaliação do processo de ensino-aprendizagem dentro do curso de Bacharelado em Som, Imagem e Movimento inclui tanto a avaliação processual quanto a avaliação de produtos. No Plano de Ensino e Aprendizagem de cada componente curricular, o docente explicita com clareza os critérios adotados para pontuar e atribuir nota, bem como os objetivos esperados. A periodicidade das atividades avaliativas também é explicitada no Plano de Ensino e fica a critério de cada docente.

Nos componentes que incluem práticas artísticas, para a avaliação processual são utilizados seminários e orientações, onde se busca verificar a compreensão das práticas bem como apreensão da teoria, na forma de uma discussão qualificada.

Na avaliação do produto artístico, incentiva-se a pontuação do processo de produção, verificando se o estudante partilhou suas buscas e descobertas com a turma ao longo do desenvolvimento do componente curricular. Estimula-se, desse modo, processos partilhados de construção artística ao invés do perfil do artista desconectado do seu grupo e do seu contexto.

Na UFSB, o desempenho mínimo necessário para aprovação é 6.0, que indica aproveitamento de 60%.

Apresentações públicas dos trabalhos produzidos nos componentes curriculares serão praticadas e estimuladas, entendidas como dispositivos importantes na profissionalização dos estudantes. Desta forma, serão implementadas de forma constante apresentações para a comunidade acadêmica e para o público em geral.

18. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO

A Avaliação do projeto de curso do Bacharelado em Som, Imagem e Movimento será implementada principalmente por meio de:

- Reuniões periódicas do Colegiado do Curso;
- Reuniões periódicas do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso;
- Avaliação dos componentes curriculares pelos estudantes, realizada de forma oral e por escrito;
- Seminários de avaliação do curso, com a participação de docentes, discentes e representantes/membros das instituições parceiras;
- Seminários do curso com a participação de docentes/pesquisadores convidados.

19. GESTÃO DO CURSO

19.1 Corpo docente

Quadro 20:

NOME	TITULAÇÃO	REGIME
ALEMAR SILVA ARAUJO RENA	DOUTORADO	INTEGRAL
ALINE NUNES DE OLIVEIRA	DOUTORADO	INTEGRAL
ANNALINE CURADO PICCOLO	MESTRADO	PARCIAL
ANNE GREICE SOARES LA REGINA	DOUTORADO	INTEGRAL
ARIANE DE SOUZA STOLFI	DOUTORADO	INTEGRAL
AUGUSTIN MAURICE MARIE GONDALLIER DE TUGNY	DOUTORADO	INTEGRAL
BERNARD PEGO BELISARIO	DOUTORADO	INTEGRAL
CINARA DE ARAUJO SOARES	DOUTORADO	INTEGRAL
CLARISSA SANTOS SILVA	MESTRADO	INTEGRAL
CRISTIANE DA SILVEIRA LIMA	DOUTORADO	INTEGRAL
DANIEL FILS PUIG	DOUTORADO	INTEGRAL
DODI TAVARES BORGES LEAL	DOUTORADO	INTEGRAL
EDER RODRIGUES DA SILVA	DOUTORADO	INTEGRAL
ELOISA LEITE DOMENICI	DOUTORADO	INTEGRAL
HAMILTON RICHARD ALEXANDRINO FERREIRA DOS SANTOS	DOUTORADO	INTEGRAL
JULIANA COELHO GONTIJO	DOUTORADO	INTEGRAL
LARA RODRIGUES MACHADO	DOUTORADO	INTEGRAL
LEONARDO DA SILVA SOUZA	DOUTORADO	INTEGRAL
MARCELO SIMON WASEM	DOUTORADO	INTEGRAL
PÂMELA PEREGRINO DA CRUZ	MESTRADO	INTEGRAL

RODRIGO RIBEIRO BARRETO	DOUTORADO	INTEGRAL
ROSANGELA PEREIRA DE TUGNY	DOUTORADO	INTEGRAL
SERGIO BARBOSA DE CERQUEDA	DOUTORADO	INTEGRAL
SILVIA LA REGINA	DOUTORADO	INTEGRAL
SPENSY KMITTA PIMENTEL	DOUTORADO	INTEGRAL
TASSIO FERREIRA SANTANA	DOUTORADO	INTEGRAL

19.2 Colegiado do curso

O Colegiado de Curso é considerado pelo Parecer CONAES N° 4, de 17 de junho de 2010, como um órgão gestor que exerce um "papel administrativo muito forte, resolvendo questões que vão desde a definição das necessidades de professores para atenderem disciplinas até a simples emissão de atestados, passando pela administração ou acompanhamento do processo de matrícula. Tais funções são necessárias, mas, sem dúvida, normalmente se sobrepõem à necessária reflexão sobre a qualidade acadêmica do curso." (ILAPE-CONAES, 2010)

Espera-se que o coordenador do curso seja um professor que possa contribuir na construção da identidade do curso e, ainda, garantir os adequados fluxos de trabalho.

Embora o trabalho do Colegiado de Curso e do NDE possam ser exercidos pelas mesmas pessoas, é importante que não sejam confundidos os seus papéis, funções e objetivos.

A UFSB apresenta o Colegiado como o órgão de gestão acadêmica que tem como finalidade planejar, coordenar e supervisionar as atividades de ensino-aprendizagem tendo em vista o Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Cada curso de graduação e programa de pós-graduação de constituir um Colegiado. Haverá um Colegiado para cada Campus para cursos replicados no território de abrangência da Universidade.

O Colegiado tem como competências a implementação do Projeto Pedagógico de Curso (PPC), aprovado pelo CONSUNI; a análise e emissão de parecer das recomendações de atualização do PPC, encaminhadas pelo NDE; a proposição de políticas para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa, da criação, da inovação e da cooperação técnica no âmbito do curso; a proposição da expansão, modificação e extinção de curso, bem como redução ou ampliação da oferta de vagas; análise e aprovação dos Planos de Ensino-Aprendizagem, Programas e Planos de Atividades dos CC, propondo alterações, quando necessário; apresentação de propostas de atividades extracurriculares necessárias ao bom funcionamento do curso; auxílio no planejamento pedagógico dos CC ofertados a cada quadrimestre-letivo; deliberação sobre processos administrativos de natureza acadêmica; avaliação quadrimestral da execução dos Planos de Ensino-Aprendizagem, Programas e Planos de Atividades dos CC.

O Colegiado de Curso é composto por membros escolhidos por seus pares, mediante votação secreta, em processo eleitoral realizado pela Universidade, preferencialmente por meio eletrônico, para mandatos de dois anos, com direito a uma única recondução.

Os membros são:

- I. Líderes das Equipes Docentes dos Componentes Curriculares ou de Blocos Temáticos obrigatórios do curso, na condição de membros natos;

- II. Um/a representante dos/as servidores/as técnico-administrativos engajados/as em atividades de apoio aos processos de ensino-aprendizagem no Curso;
- III. Representantes do corpo discente do Curso, na proporção de um/a estudante para cada quatro membros docentes;
- IV. Um/a representante de cada colegiado de curso de culturas complementares, escolhidos dentre os/as líderes de Equipes Docentes de CC optativos dessas culturas ofertadas naquele campus.

Ainda, poderão compor o Colegiado de Curso os servidores/as do quadro efetivo da Universidade que atuam nas Equipes Docentes do curso poderão compor o Colegiado na condição de membros voluntários, com direito a voz, bastando para isso firmar termo de compromisso no início de cada período letivo.

Cada Colegiado de Curso terá Coordenador/a e Vice-Coordenador/a escolhidos/as dentre os membros docentes, mediante votação secreta em chapas, preferencialmente por meio eletrônico, para mandatos de dois anos, com direito a uma única recondução.

19.3 Núcleo Docente Estruturante

Conforme o Parecer CONAES N° 4, de 17 de junho de 2010, o Núcleo Docente Estruturante (NDE) foi um conceito criado pela Portaria N° 147, de 2 de fevereiro de 2007, com a finalidade de qualificar o envolvimento docente no processo de concepção e consolidação de um curso de graduação. Ele deve ser considerado não como exigência ou requisito legal, mas como elemento diferenciador da qualidade do curso, no que diz respeito à interseção entre as dimensões do corpo docente e Projeto Pedagógico do Curso.

Na UFSB, a Resolução nº 25/2015, estabelece que o Núcleo Docente Estruturante (NDE) é o órgão consultivo e propositivo da Universidade responsável por concepção, acompanhamento, consolidação, avaliação, revisão e contínua atualização do Projeto Pedagógico do Curso, na Graduação e na Pós-Graduação, com atuação intracampus ou intercampi.

Os artigos 17 e 18 (UFSB-Resolução 25, 2015) apontam para a seguinte composição:

- I. Coordenador/a e Vice-Coordenador/a do Colegiado do Curso;
- II. Mínimo de três membros que exerçam liderança acadêmica no âmbito do Curso, percebida na produção de conhecimentos na área, no desenvolvimento do ensino, e em outras dimensões entendidas como importantes pela instituição, indicados pelo Colegiado.

Caberá à Unidade Universitária do Curso assegurar apoio técnico-administrativo e assessoria para preparar, executar, registrar e difundir suas atividades.

O NDE terá Coordenador/a Geral indicado/a por seus pares, sendo homologado pelo CONSUNI. É de responsabilidade da Coordenação Geral a convocação e coordenação das reuniões do Núcleo, com direito a voto de qualidade; representação do NDE junto aos órgãos da instituição; designação do/a relator/a ou comissão para estudo de matéria analisada pelo NDE; promoção da integração com os demais cursos, órgãos e setores da instituição.

Estão previstas reuniões ordinárias do NDE duas vezes por quadrimestre letivo ou, extraordinárias, mediante justificadas razões, com a presença da maioria absoluta de seus membros. Sua convocação poderá ser feita extraordinariamente por seu/sua presidente ou pela maioria absoluta dos seus membros, com antecipação mínima de 48 horas,

acompanhada das razões que a justificam e da pauta de assuntos a serem analisados. Cada membro terá suplente designado, que assumirá a vaga em caso de vacância do titular.

A presença dos membros do NDE poderá ser concretizada com mediação tecnológica, devidamente registrada em ata. A verificação de quórum, presencial ou virtual, antecederá o início das reuniões, devendo ser realizada pelo/a Coordenador/a Geral, ou por requerimento de qualquer integrante do Núcleo. A convocação poderá ser feita extraordinariamente por seu/sua presidente ou pela maioria absoluta dos seus membros, com antecipação mínima de 48 horas, acompanhada das razões que a justificam e da pauta de assuntos a serem analisados.

20. INFRAESTRUTURA

20.1 Infraestrutura Física

A UFSB *campus* Sosígenes Costa, em Porto Seguro, onde o CFAC está localizado e onde o SIM ocorrerá, conta com a seguinte infraestrutura acadêmica à disposição dos Centros de Formação:

Secretaria Acadêmica
 Secretaria Executiva
 Sala de professores/as
 Gabinetes dos/as professores/as
 Sala de coordenador/a
 Sala do/a decano/a
 Salas de aula com equipamento multimídia
 Biblioteca
 Auditório com palco para apresentações artísticas
 Refeitório
 Campo de futebol

20.2 Infraestrutura Acadêmica

Para o pleno funcionamento do curso Som, Imagem e Movimento, a seguinte estrutura física é prevista:

A. Práticas Sonoras

Estúdio de práticas sonoras e gravação (50 m²)

Pé direito mínimo 4m
 Ar condicionado silencioso
 Tratamento acústico
 Piso acústico de madeira sobre berços de borracha
 Isolamento acústico
 Porta acústica dupla (1m40)

Sala técnica (20 m²)

Abre sobre o estúdio por uma ampla janela de vidro com isolamento acústico
 Porta acústica de acesso ao estúdio
 Porta acústica de acesso à circulação
 Tratamento acústico
 Isolamento acústico

Ar condicionado silencioso
Bancada para mesa de gravação frente à janela
Espaço para três estações de edição

2 estúdios de ensaio (2 x 20 m²)

Ar condicionado silencioso
Iluminação natural com isolamento acústico
Tratamento acústico
Isolamento acústico
Porta acústica dupla

Almoxarifado (12 m²)

Porta dupla (1m40)

B. Práticas da Imagem e da Imagem em Movimento

Estúdio de desenho e pintura (50 m²)

Iluminação natural ampla privilegiando a exposição ao Sul
Ventilação natural ampla
Ocultação por cortinas
2 pontos d'água

Estúdio de artes gráficas (40 m²)

Iluminação natural ampla privilegiando a exposição ao Sul
Ventilação natural ampla
Ocultação por cortinas
Mesas-prancheta para desenho
Mesa dura para trabalho de corte e montagens

Estúdio de vídeo (50 m²)

Pé direito mínimo 4M
Ar condicionado silencioso
Tratamento acústico
Isolamento acústico
Porta acústica dupla (1M40)

Estúdio de edição (30 m²)

Espaço para 6 estações de edição de vídeo
Ar condicionado silencioso
Tratamento acústico

Sala de coordenação (12m²)

Iluminação e ventilação natural

Almoxarifado (9 m²)

Porta dupla (1m40)
Circulações e banheiros com acessibilidade para portadores de deficiência.

Superfície estimada: 654 m² + 15 % de circulação e serviços (banheiros, shafts, etc.) = 752 m²

C. Salas de aula

3 salas de aula para 30 estudantes cada com equipamento multimídia, mesas-pranchetas com bancos, quadro branco, escaninhos e armários.

20.2.1 Recursos Tecnológicos

Quadro 21:

EQUIPAMENTO	MARCA	MODELO
CÂMERA DE VÍDEO - 1	PANASONIC	AG-HPX250P
BATERIA (CGA-D54) - 1	PANASONIC	
AC - 1	PANASONIC	
CARREGADOR - 1	PANASONIC	
CABO MINI-USB - 1	PANASONIC	
CABO MINI-USB - 2	PANASONIC	
CÂMERA DE VÍDEO - 2	PANASONIC	AG-HPX250P
BATERIA (CGA-D54) - 2	PANASONIC	
AC - 2	PANASONIC	
CARREGADOR - 2	PANASONIC	
CARTÃO P2 32GB	PANASONIC	AJ-P2E032FG
TRIPÉ DE VÍDEO + CABEÇA HIDRÁULICA - 1	MANFROTT O	755CX3
TRIPÉ DE VÍDEO + CABEÇA HIDRÁULICA - 2	MANFROTT O	755CX3
TRIPÉ DE VÍDEO + CABEÇA HIDRÁULICA - 3 + BOLSA		
TRIPÉ DE VÍDEO + CABEÇA HIDRÁULICA - 4 + BOLSA		
TRIPÉ DE VÍDEO + CABEÇA HIDRÁULICA - 5 + BOLSA		
TRIPÉ DE VÍDEO + CABEÇA HIDRÁULICA - 6 + BOLSA		
TRIPÉ DE VÍDEO + CABEÇA HIDRÁULICA - 7 + BOLSA		
TRIPÉ DE VÍDEO + CABEÇA HIDRÁULICA - 8 + BOLSA		
TRIPÉ DE VÍDEO + CABEÇA HIDRÁULICA - 9 + BOLSA		
MICROFONE SHOTGUN + PROTEÇÃO ESPUMA + MANOPLA/SUPORTE FLASH - 1	YOGA	EM-9600
MICROFONE SHOTGUN + PROTEÇÃO ESPUMA + MANOPLA/SUPORTE FLASH - 2	YOGA	EM-9600
MICROFONE SHOTGUN + PROTEÇÃO ESPUMA + MANOPLA/SUPORTE FLASH - 3	YOGA	EM-9600
MICROFONE SHOTGUN + PROTEÇÃO ESPUMA + MANOPLA/SUPORTE FLASH - 4	YOGA	EM-9600
MICROFONE SHOTGUN + PROTEÇÃO ESPUMA + MANOPLA/SUPORTE FLASH - 5	YOGA	EM-9600
CÂMERA CYBER-SHOT - 1	SONY	DSC-H300

CÂMERA CYBER-SHOT - 2	SONY	DSC-H300
PLACA DE CAPTURA/PLAYBACK HD-SDI	BLACKMAGIC C	ULTRASTUDIO SDI
TRIPÉ DE FOTOGRAFIA + BOLSA - 1	VISTA	TRAVELER
TRIPÉ DE FOTOGRAFIA + BOLSA - 2	VISTA	TRAVELER
TRIPÉ DE FOTOGRAFIA + BOLSA - 3	VISTA	TRAVELER
NOTEBOOK + CARREGADOR (MAGSAFE2 45W) -3	APPLE	MACBOOK AIR
CÂMERA DSLR T6 - 1	CANON	EOS REBEL T6
LENTE ZOOM - 1	CANON	EFS 18-55MM
CARREGADOR DE BATERIA (T6) - 1	CANON	LC-E10
CABO MINI-USB	CANON	
BATERIA T6 - 1	CANON	LP-E10
CARTÃO SDHC 32GB - 4	SANDISK	SDHC - 32GB

20.2.2 Acervo bibliográfico

Quadro 22:

ADLER, Jazmin. Desmantelando la máquina. Transgresiones desde el arte y la tecnología en Latinoamérica. Buenos Aires: Neural, 2021
ADOLFO, A. O livro do músico. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale Editores, 2020.
ADORNO, Theodor W. A arte e as artes e primeira introdução à Teoria Estética. Trad. Rodrigo Duarte. Rio de Janeiro; Bazar do Tempo, 2017.
AFONSO, Otávio. direito autoral: conceitos essenciais. Barueri: Manole, 2009.
ALBERS, Josef. A interação da cor. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
ALCANTARA, João André e JANOTTI Jr., Jeder. O videoclipe na era pós-televisiva: questões de gênero e categorias musicais nas obras de Daniel Peixoto e Johnny Hooker. Curitiba: Editora Appris, 2018.
ALEIXO, Fernando (Org.) Práticas e poéticas vocais. Uberlândia: EDUFU, 2014.
ALEXANDRE, Marcos Antonio (Org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
ALLOA, Emmanuel (org.). Pensar a imagem. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2015.
ALMEIDA, F. e MOREIRA, P. Produção de A a Z - manual prático para produtores, bandas e artistas. Rio de Janeiro: Autografia, 2021.
ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, FALE/UFMG, 2004.
ALVES, L. Fazendo música no computador. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 2020.
AMBROSE, Gavin, HARRIS, Paul. Tipografia. Porto Alegre: Editora Grupo A Bookman, 2011.
AMORIM, Lauro Maia. Tradução e adaptação. São Paulo: UNESP, 2005.
AMOS, S. W. Tv Radio e Som - Equipamentos Rádio e Tv. São Paulo: Hemus, 2003
ANCHIETA, José de. Cenograficamente: da cenografia ao figurino. São Paulo: Edições SESC, 2015.
ANDRADE, Lourdes. Língua de Sinais e Aquisição da Linguagem. In: Fonoaudiologia: no sentido da

linguagem. São Paulo: Cortez, 1994.
ANDRADE, Maria Muniz de (Mayá). A escola da reconquista. Arataca/BA: Teia dos Povos, 2021.
ANDREW, J. Dudley. As Principais Teorias do Cinema. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
ANTERO, Kalyenne de Lima e Matheus Rodrigues de MELO. Roteiro e storyboard. Curitiba: Editora InterSaberes, 2021.
ARAGON, L. Improvisação Livre: Política da Música e Experimentação Musical. Curitiba: Apris, 2012.
ARANTES, Priscila. @rte e mídia: perspectivas da estética digital. São Paulo: Editora SENAC, 2019
ARANTES, Priscila. Reescrituras da arte contemporânea: história, arquivo e mídia. Porto Alegre: Sulina, 2015.
ARAUJO, Emanuel. A construção do livro. Princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
ARMES, Roy. On Video: O Significado do Vídeo nos Meios de Comunicação. São Paulo: Summus Editorial, 1999.
ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Cengage Learning, 2017.
AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.
AUMONT, Jacques e Michel MARIE. Dicionário teórico e crítico de cinema. 7a. rempressão. Campinas: Papirus Editora, 2020
AUMONT, Jacques et alii. A estética do filme. 3. ed. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2005.
AUMONT, Jacques. A imagem. 8. ed. Trad. Estela dos Santos Abreu, Cláudio César Santoro. Campinas: Papirus, 2004.
AUMONT, Jacques. O olho interminável: cinema e pintura. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
AVELAR, Romulo. O avesso da cena: notas sobre produção e gestão cultural. Belo Horizonte: DUO, 2008.
AVELLAR, José Carlos. A Ponte Clandestina: teorias de cinema na América Latina. São Paulo : Ed. 34, 1995.
BAHIA, A. e BAHIA, S. História da animação. Curitiba: InterSaberes, 2021.
BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
BANZI, M. Primeiros Passos com o Arduino: A Plataforma de Prototipagem Eletrônica Open Source. São Paulo: Novatec Editora, 2015.
BARBOSA, Andréa et I. (orgs.). A experiência da imagem na etnografia. São Paulo: Terceiro Nome, 2016.
BARROS, L. R. M. A cor no processo criativo: um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe. São Paulo: Senac-SP, 2006.
BARTHES, Roland. A Câmera Clara: Nota sobre a fotografia. 5. ed. Trad. Júlio Castanõn Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
BARTHES, Roland. O rumor da língua. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
BAUER, Martin W. et al. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 11. ed. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2011.

BAZIN, André. O que é o cinema? São Paulo: Editora Ubu/Cosac Naify. 2014.
BAZIN, André. O realismo impossível. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
BEIGUELMAN, Giselle; MAGALHÃES, Ana Gonçalves. Futuros possíveis: arte, museus e arquivos digitais. São Paulo: Peirópolis: Edusp, 2014.
BEIGUELMAN, Giselle. Políticas da imagem – Vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: Ubu Editora, 2021
BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. São Paulo: L&PM, 2014.
BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.
BENTO, Maria Aparecida da Silva; SILVEIRA, Marly de Jesus; NOGUEIRA, Simone Gibran (Org.) Identidade, branquitude e negritude - contribuições para a psicologia social no Brasil: novos ensaios, relatos de experiência e de pesquisa. Santa Catarina: Editora Casa do Psicólogo, 2014.
BERNARDET, Jean-Claude. Cineastas e Imagens do Povo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
BERNARDET, Jean-Claude. Cinema brasileiro: propostas para uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
BERNARDET, Jean-Claude. O autor no cinema: a política dos autores - França, Brasil - Anos 1950 e 1960. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.
BISTAFA, S. Acústica Aplicada ao Controle do Ruído. São Paulo: Editora Blucher, 2018.
BITTAR, Carlos Alberto. Direito de Autor. Forense Universitária. 2019.
BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. A arte do cinema: uma introdução. São Paulo: EDUSP, 2014.
BORGES, Jorge Luis. Outras inquisições. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. Buenos Aires: Hidalgo, 2008.
BOURRIAUD, Nicolas. Pós-produção: Como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
BRAGA, N. Brincadeiras e Experiências com Eletrônica - volume 9. Joinville/SC: Clube dos Autores Publicações, 2016.
BRAGA, N. Fundamentos de Som e Acústica - curso de eletrônica. Joinville/SC: Clube dos Autores Publicações, 2015.
BRAGA, Paula. Arte contemporânea: modos de usar. São Paulo: Elefante Editora, 2021.
BRANDÃO, E. Acústica de Salas, Projeto e modelagem. São Paulo: Editora Blucher, 2016.
BRESSON, Robert. Notas sobre o cinematógrafo. São Paulo: Iluminuras, 2005.
BRETT, Guy. Brasil Experimental: arte/vida, proposições e paradoxos. Trad. Renato Rezende. Organização e prefácio de Kátia Maciel. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.
BRITO, T. Hans-Joachim Koellreutter: Idéias de Mundo, de Música, de Educação. São Paulo: Edusp, 2015.
BROTHERSTON, Gordon; MEDEIROS, Sérgio (Orgs.). Popol Vuh. São Paulo: Iluminuras, 2011.
BUCCINI, Marcos. História do Cinema de Animação em Pernambuco. Recife: Serifa Fina, 2017.

BURCH, Noel. Práxis do cinema. Tradutor: Marcelle Pithon e Regina Machado. São Paulo: Perspectiva, 2015.
CABALLERO, Ileana Diéguez. Cenários liminares: teatralidades, performances e política. Uberlândia: EDUFU, 2016.
CAESAR, Rodolfo. Círculos ceifados. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2010.
CAGE, J. De Segunda a um ano. São Paulo: Cobogó, 2013
CAGE, J. Silêncio - Conferências e escritos de John Cage. São Paulo: Cobogó, 2019
CAMARGO, Roberto Gill. Função estética da luz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
CAMARGO, R. Conceito de Iluminação Cênica. Rio de Janeiro: Editora Música & Tecnologia, 2012.
CAMPOS, Augusto de. Música de Invenção 2. São Paulo: Perspectiva, 2016.
CAMPOS, Augusto de. Música de Invenção. São Paulo: Perspectiva, 2007.
CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas. São Paulo, Edusp, 1997.
CAPELASSO, E, NICODEMO, S. MENEZES, V. Produção gráfica: do projeto ao produto. São Paulo: Senac, 2018.
CAPOVILLA, F.C. (Org.). Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: O Mundo do Surdo em LIBRAS. (Vol. 1, de 19 volumes, 340 pp.). São Paulo, SP: Edusp, Vitae, Brasil Telecom, Feneis.
CARA, Milene; et. al. Tipografia vernacular urbana. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2010.
CARVALHO, Letícia. Um Canto que é Escuta. Rio de Janeiro: Synergia, 2019.
CARVALHO, Vinicius Augusto. Efeitos visuais de transição na montagem cinematográfica. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2018.
CASA NOVA, Vera; MAIA, Andréa Casa Nova (orgs). Ética e imagem. Belo Horizonte, C/Arte, 2010.
CASTANHEIRA, José Cláudio (org.) et al. Poderes do som: políticas, escutas e identidades. Florianópolis/SC: Insular Livros, 2020.
CASTRO, Guilherme. A performance do som: produção e prática musical a partir do conceito de sonoridade. Belo Horizonte: Quixote + Do Editoras Associadas, 2017.
CAVALCANTE, Fred Siqueira Criatividade musical: Conceitos e Práticas. São Carlos/SP: EDUFSCAR, 2021
CAVALCANTE, S. A., CAMPELLO, S. B. Ilustração e Artes Gráficas - Periódicos da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco {1875 - 1939}. São Paulo: Blucher, 2014.
CEREZUELA, David Roselló. Planejamento e avaliação de projetos culturais: da ideia à ação. São Paulo: Edições Sesc, 2016.
CERTEAU, Michel de. A escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, 9 edição, Petrópolis: Vozes, 1994.
CESAR, Marisa Flório. Nós, o outro, o distante na arte contemporânea brasileira. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014.
CESARINO, Pedro de Niemeyer (Orgs). Quando a Terra deixou de falar: cantos da mitologia marubo. São Paulo: Editora 34, 2013.
CHARTIER, R. O que é um autor? São Carlos: Edufscar, 2014.
CHAVES, Marcos Machado. De trilhas sonoras teatrais a preparações musicais para atores. Rio de Janeiro: Synergia, 2021.

CHESNEAUX, Jean. As armadilhas do quadripartismo. São Paulo: Ática, 1995.
CHONG, Andrew. Animação digital. Porto Alegre: Editora Grupo A Bookman, 2011.
COELHO, Teixeira: Dicionário Crítico de Política Cultural. São Paulo: Iluminuras, 2004.
COHEN, Renato. Performance como linguagem: criação de um tempo de experimentação. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
COLI, Jorge. Primeira missa e invenção da descoberta. In: NOVAES, Adauto (Org.). A descoberta do homem e do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
COMOLLI, Jean-Louis. Ver e Poder – a inocência perdida: cinema, televisão, ficção e documentário. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
COMPARATO, Doc. Da criação ao roteiro: teoria e prática. São Paulo: Summus Editorial, 2018.
COSTA NETTO, José Carlos. Direito autoral no Brasil. 3. São Paulo: Saraiva, 2018.
COSTA, R. Música errante: o jogo da improvisação livre. São Paulo: Perspectiva, 2016.
D'ALVA, Roberta Estrela. Teatro Hip-hop. São Paulo: Perspectiva, 2014.
DANTO, Arthur. A transfiguração do lugar-comum. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.
DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
DELALANDE, François. A música é um jogo de criança. São Paulo: Peirópolis, 2019.
DELEUZE, Gilles. Cinema 1 – A imagem-movimento. São Paulo: Editora 34, 2018.
DELEUZE, Gilles. Cinema 2 – A imagem-tempo. São Paulo: Editora 34, 2018.
DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil platôs - vol. 1: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995.
DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs - vol.3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34. 3º Ed, 2010.
DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs - vol.4. Revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34. 2ª ed. 2012.
DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs - vol.5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34. 2º Ed, 2012.
DEMORARR, D. Mestres da Serigrafia, Técnicas e segredos dos melhores artistas internacionais da impressão serigráfica. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.
DENNY, Marcelo. Cenografia digital na cena contemporânea. São Paul: Editora AnnaBlume, 2019.
DERDIK, Edith. Formas de Pensar o Desenho. São Paulo: Panda Books, 2020.
DEWEY, J. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante da imagem. Trad.: Paulo Neves. São Paulo; Editora 34, 2013.
DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem visual. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
DROGUETT, Juan e Adriano MIRANDA. Dicionário audiovisual. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2022.
DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 2012.
DULTRA, P. Em - Cena O Iluminador. Rio de Janeiro: Editora Música & Tecnologia, 2012.
EDGAR-HUNT, Robert; MARLAND, John; RAWLE, Steven. A Linguagem do Cinema. Porto Alegre: Editora Grupo A Bookman, 2013.
EDWARDS, B. Desenhando com o Lado Direito do Cérebro: Um curso para estimular a criatividade e a confiança artística. São Paulo: NVersos, 2021.

EISENSTEIN, Sergei. O sentido do filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
ELSAESSER, Thomas; HGENER, Malte; e MARTINS, Mônica Saddy. Teoria do cinema: uma introdução através dos sentidos. 1a. reimpressão. Campinas: Papyrus Editora, 2021.
EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, Marco Antônio (Org). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
FABRIS, Annateresa (org.). Fotografia: usos e funções no Século XIX. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2008.
FARIA, Alessandra Ancona de. Contar histórias com o jogo teatral. São Paulo: Perspectiva, 2011.
FAXINA, E. Edição de Áudio e Vídeo. Curitiba: Intersaberes, 2018.
FERNANDES, Cintia Sanmartin, HERSCHMANN, Micael (orgs.). Cidades Musicais: Comunicação, territorialidade e política. Porto Alegre: Sulina, 2018.
FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. A voz e o sentido: Poesia oral e sincronia. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
FERRAZ. Silvio. Livro das sonoridades. São Paulo: 7 Letras, 2018.
FERREIRA, Joelson. Por terra e território: caminhos da revolução dos povos no Brasil. Arataca/BA: Teia dos Povos, 2021
FIELD, Syd. Manual do roteiro. Tradução Alvaro Ramos. São Paulo: Objetiva/Grupo Companhia das Letras, 1995.
FLUSSER, Vilém. O mundo codificado - por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: UBU, 2017.
FOLTS, James A. Manual de fotografia. Cengage Learning, 2011.
FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
FREEMAN, Michael. A narrativa fotográfica. Porto Alegre: Editora Grupo A Bookman, 2015.
FREIRE, Paulo: Ação cultural para liberdade e outros escritos. 12a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 25ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
FRESQUET, Adriana Mabel; Migliorin, Cezar; ANHORN, Carmen Teresa Gabriel; PEREIRA, Maria Leopoldina; DOMINGUES, Glauber Resende; BARRA, Regina; OMELCZUC, Fernanda; LEANDRO, Anita Matilde. Currículo de cinema para escolas de educação básica. Rio de Janeiro: CINEAD/LECAV, 2013.
FRIEDLANDER, Paul. Rock and Roll: Uma história social. Tradução: A. Costa. Rio de Janeiro: Record, 2002. 366-387 p.
FRUTIGER. A. Sinais e Símbolos. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
FUÃO, Fernando Freitas. A collage como trajetória amorosa. Porto Alegre: UFRGS, 2011.
GAGE, John. A cor na arte. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2012.
GALETTO, U. O Sentido do Som: Uma Introdução à Pós-Produção de Som para o Audiovisual. Curitiba: Appris, 2021.
GATTER, Mark. Produção gráfica para designers. Cotia/SP: Ateliê editorial, 2016.
GAUDREAU, André; JOST, François. A narrativa cinematográfica. Trad. Adalberto Müller, Ciro Inácio Marcondes, Rita Jover Faleiros. Brasília: EdUnB, 2009.

GAUTHIER, Guy. O documentário: um outro cinema. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas: Papirus, 2011.
GAYOTTO, Lucia Helena. Voz partitura da ação. 4. ed. São Paulo: Plexus, 2015.
GENARO, Ednei de. Harun Farocki. Curitiba: Editora CRV, 2018.
GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? São Paulo, Editora Parábola: 2009.
GIACOMELLI, Cinthia Louzada Ferreira. Direito autoral. porto Alegre: SAGAH, 2018.
GIL, José. Movimento total: o corpo e a dança. São Paulo: Iluminuras, 2020. 207 pp.
GINZBURG, Carlo. Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo; Companhia das Letras, 2001.
GLUSBERG, Jorge. A Arte da Performance. Editora Perspectiva, 2009.
GÓES, Maria Cecília Rafael de. Linguagem, surdez e educação. 2ª. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.
GOETHE, J.W. A doutrina das cores. 4a. ed. São Paulo: Nova Alexandria Editora, 2013.
GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
GOLDBERG, RoseLee; CAMARGO, Jefferson Luiz. A arte da performance: do futurismo ao presente. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
GOLDFELD, Márcia. A Criança Surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.
GOMBRICH, Ernst Hans. A história da arte. 16. ed. São Paulo: LTC, 2000.
GONZÁLEZ, Juan Pablo. Pensando a música a partir da América Latina: problemas e questões. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
GRANDO, Monica Andrea. O gesto vocal. São Paulo: Perspectiva, 2015.
GRUBER, Jussara Gomes. Organização Geral dos professores Ticuna bilíngües. O livro das árvores. São Paulo: Global, 2000.
GUATARRI, Felix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografia do Desejo. Petrópolis: Vozes, 2000.
GUATTARI, Félix. Caosmose. 2a. ed. Trad. Ana Lucia de Oliveira. São Paulo: editora 34, 2012.
GUBERFAIN, Jane Celeste (org.). Voz em cena. Volume 1. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.
GUBERFAIN, Jane Celeste e LIGNELI, César (org). Práticas, Poéticas e Devaneios Vocais. Rio de Janeiro: Synergia, 2018.
GUERREIRO, G. A trama dos tambores: a Música Afro-pop de Salvador. São Paulo: Editora 34, 2010.
GUERRINI, Délio Pereira. Iluminação teoria e projeto. 2. São Paulo Erica 2008.
GUIGUE, Didier. Estética da Sonoridade. São Paulo: Perspectiva, 2011.
GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Racismo e Anti-Racismo no Brasil. São Paulo: Editora 34, 1999.
GUIMARAES, Roberto Lyrio Duarte. Primeiro Traço: Manual Descomplicado de Roteiro. Salvador: Edufba, 2009.
GUZMÁN, Patricio. Filmar o que não se vê: um modo de fazer documentários. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.
HAGENER, Malte; ELSAESSER, Thomas. Teoria do Cinema: uma introdução através dos sentidos.

Campinas: Papyrus, 2018.
HALL, Stuart. Da diáspora, identidades e mediações. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
HALUCH, A. Guia Prático de Design Editorial: Criando Livros Completos. Rio de Janeiro: Editora 2AB, 2013.
HANHARDT, John G. Bill Viola. São Paulo: Sesc, 2018.
HENRIQUES, F. Guia de Microfonação. Rio de Janeiro: Editora Música & Tecnologia, 2015.
HENRIQUES, F. Guia de Mixagem 2, Os instrumentos. Rio de Janeiro: Editora Música & Tecnologia, 2008
HENRIQUES, F. Guia de Mixagem 3 Mixando gravações ao vivo e Surround 5.1. Rio de Janeiro: Editora Música & Tecnologia, 2012.
HENRIQUES, F. Guia de Mixagem. Rio de Janeiro: Editora Música & Tecnologia, 2007.
HERSCHMANN, M. Indústria da música em transição. Barueri/SP: Estação das Letras e Cores, 2010.
HERSCHMANN, Micael. O funk e o hip-hop invadem a cena. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
HOCHULI, Jost. O detalhe na Tipografia. São Paulo: Martins Fontes, 2020.
HOLLIS, R. Design Gráfico - uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
HOLZBACH, Ariane Diniz. A invenção do videoclipe: a história por trás da consolidação de um gênero audiovisual. Curitiba: Editora Appris, 2016.
HOWARD, Pamela. O que é cenografia?. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015.
HUI, Yuk. Tecnodiversidade. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
IAZZETTA, Fernando. Música e mediação tecnológica. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2009.
IVO, Gonçalo; KARABENICK, Julie. Métrica da cor / Metric of color. ; Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2017.
JACQUES, Paola Berenstein. Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Rio Arte, 2002.
JESUS, Adriano Miranda Vasconcelos de. Produção audiovisual. Porto Alegre: SAGAH, 2019.
JESUS, Samuel de. Saudade. Da poesia medieval à fotografia contemporânea, o percurso de um sentimento ambíguo. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
KARVINEN, K. Primeiros passos com sensores. São Paulo: Novatec Editora, 2014.
KATZ, Helena; GREINER, Christine (Org.). Arte e cognição: corpomídia, comunicação, política. São Paulo: Annablume, 2015.
KLINGER, Diana. Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
KONECSNI, Ana Carolina. Tradução para dublagem. 2ª ed. Rio de Janeiro: Transitiva, 2016.
LADDAGA, Reinaldo. Estética da emergência. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
LAGROU, Els. Arte indígena no Brasil: agência, alteridade, relação. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2009.
LANA, Feliciano. A origem da noite e como as mulheres roubaram as flautas sagradas. 2. ed. Manaus: EDUA. 2009.
LEAL, Dodi. Luzvesti: iluminação cênica, corpomídia e desobediências de gênero. Salvador: Editora Devires, 2018.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. São Paulo: CosacNaify, 2012.
LÉVI-STRAUSS, Claude. Tristes trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1973 (1955).
LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.
LIGNELLI, César. Sons em cena: parâmetros do som. Brasília: Editora Dulcina, 2014.
LIMA, Evani Tavares. Por uma escritura poética negra. (Palestra). 2012.
LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
LLANSOL, Maria Gabriela. Amar um cão. Sintra: Colares, 1990.
LONGMAN, Eduardo e LONGMAN, Gabriela. Grafite: labirintos do olhar (Edição Bilingue Português e Inglês). São Paulo: Bei, 2017.
LUCAS, Glaura. Os sons do rosário: o congado mineiro dos arturos e Jatobá. Vol. 86. Editoria UFMG, 2002.
LUCENA, Luiz Carlos. Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção. 2a. edição. São Paulo: Summus Editorial, 2011.
LUPTON, Ellen. Pensar com tipos: Guia para designers, escritores, editores e estudantes. Tradução de André Stolarski. São Paulo: Ed. Olhares, 2021
MACHADO, Arlindo. Arte e mídia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
MACHADO, Sílvia De Ambrosio Pinheiro. Canção de Ninar Brasileira. São Paulo: EdUsp, 2017.
MACIEL, Luis Carlos. O poder do clímax: fundamentos do roteiro de cinema e TV. São Paulo: Giostri, 2017.
MAIA, Guilherme; SERAFIM, José Francisco (org.). Ouvir o documentário: vozes, música, ruídos. Salvador: EdUFBA, 2015.
MALAQUIAS, T. A. Introdução ao Folclore Musical perspectivas e abordagens. Curitiba: InterSaberes, 2020.
MANNONI, Laurent. A grande arte da luz e da sombra – arqueologia do cinema. São Paulo: Senac, 2003.
MARCHIORI NUSSBAUMER, Gisele (Org.). Teorias & políticas da cultura. Visões multidisciplinares. Salvador: Editora da UFBA, 2007.
MARIE, Michel et al. A Nouvelle Vague e Godard. Campinas: Papyrus Editora, 2012.
MARTÍN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia. Trad. R. Polito e S. Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. In: Rabetti, Graciela; Arbex, Márcia [Org.]. Performances, exílios, fronteiras: errâncias territoriais e textuais. Minas Gerais: Poslit, 2002. p. 69-91.
MARTINS, Ricardo André Ferreira (org.). Literatura e Cinema: interartes, intersemiose, intermedialidade e transmedialidade. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2015.
MASCARELLO, Fernando (org.). História do cinema mundial. 7a. reimpressão. Campinas: Papyrus Editora, 2020.
MASCELLI, Joseph V. Os cinco Cs da cinematografia. São Paulo: Summus Editorial, 2010.
MATOS, C.N., TRAVASSOS, E. & MEDEIROS, F. T.. Palavra cantada: Ensaios sobre poesia, música e voz. Rio de Janeiro, Editora 7 Letras, 2008.
MÁXIMO, João. A música do cinema. São Paulo: Rocco, vol. 1. 2004.

MCKEE, Robert. Diálogo: a arte da ação verbal na página, no palco e na tela. Tradutor Irineo Baptista Netto. Curitiba: Arte & Letra, 2018.
MCKEE, Robert. Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Tradutor Chico Marés. Curitiba: Arte & Letra, 2018.
MEDEIROS, Maria Beatriz de & ALBUQUERQUE, Natasha de. Composição urbana: surpresa e fuleragem. Palco Giratório: circuito nacional. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2013. p. 24-35.
MELLO, Christine (org.) Extremidades : experimentos críticos - redes audiovisuais, cinema, performance, arte contemporânea. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.
MENDES, Gilberto. Música: cinema do som. São Paulo: Perspectiva, 2013.
MENDONÇA, L. Qualificação Técnica em Design Gráfico. Bauru/SP: Viena, 2014.
MENEZES BASTOS, Rafael José de. A Festa da Jaguatirica. 1 ed. 1 reimpr. Florianópolis/SC: Editora UFSC, 2019.
MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
MIGLIORIN, Cezar (Org.). Ensaio no real: o documentário brasileiro hoje. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.
MONDZAIN, Marie José. Imagem, ícone, economia: as fontes bizantinas do imaginário contemporâneo. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2013.
MORAN, Patricia (org.). Cinemas transversais. São Paulo: Iluminuras, 2016.
MORIN, Edgar. Cultura de Massas no Século XX. Rio de Janeiro: Forense, 1969.
MORTARA, B. Colorimetria aplicada a processos gráficos. São Paulo: Editora Senai-SP, 2016.
MOTA, Luiz Gonzaga. Análise crítica da narrativa. Brasília: EdUNB, 2013.
MOURA, F. Trilhas sonoras: entre o mundo encantado e a vida real. Rio de Janeiro: Editora Música & Tecnologia, 2017.
MOURÃO, Fernanda; BRANCO, Lúcia Castello (Org.). A cura da literatura – breve encontro intenso da psicanálise com o texto de Maria Gabriela Llansol. Belo Horizonte: FALÉ-UFMG Viva Voz, 2013.
MURCH, Walter. Num piscar de olhos: a edição de filmes sob a ótica de um mestre. São Paulo: Zahar/Grupo Companhia das Letras, 2004.
MUSSA, Alberto. Meu destino é ser onça: mito tupinambá restaurado por Alberto Mussa. Rio de Janeiro: Record, 2009.
NAUJORKS, Maria Inês e Leandra Bôer POSSA (orgs.). Cinema e deficiência: a invenção da diferença. Curitiba: Editora CRV, 2013.
NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas: Papius, 2005.
NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva; BUSATO, Susanna; AMORIM, Orlando Nunes de. (Org.). Literatura e representações do eu: impressões autobiográficas. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 89-103.
OLIVEIRA Jr., Luiz Carlos. A mise en scène no cinema: do clássico ao cinema de fluxo. 6a. reimpressão. Campinas: Papius Editora, 2020.
OLIVEIRA MONTARDO, Deise Lucy. Através do Mbaraka. Música, dança e Xamanismo Guarani. São Paulo: EDUSP, 2009.
OLIVEIRA, Amanda Cássia Novais de. A montagem e sua construção de sentidos no videoclipe. Florianópolis: Editus UESC Ed. 2020.

OLIVEIRA, Esther Gomes de; CAMARGO, Hertz Wendell de (Orgs.). Linguagem & Publicidade. Londrina: Syntagma, 2013.
OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Cultura e patrimônio: um guia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
OLIVEIRA, Ronaldo Gonçalves; FERREIRA, Francisco Romão; PRADO, Shirley Donizete (orgs.). Cinema, surdez e comensalidade. Série Sabor Metrópole v. 10. Curitiba: Editora CRV, 2019.
ORLANDI, Eni Puccinelli. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
PAIVA, Ana Paula Mathias de. A aventura do livro experimental. São Paulo: Edusp, 2009.
PALACIN, Vitché. Fotografia teoria e prática. São Paulo: Saraiva, 2008.
PARAIZO, Lucas. Palavras de roteirista. São Paulo: SENAC/SP, 2015.
PARENTE, André. Imagem Máquina – a era das tecnologias. Ed 34. 2011.
PARRAMON EDICIONES . Fundamentos do desenho artístico. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
PEDROSO, Ecila. É preciso pensar: manual prático de roteiro. São Paulo: SESI-SP editora, 2016.
PEIXOTO, Néelson Brissac. Intervenções urbanas: arte/cidade. São Paulo: SENAC, 2002.
PEREIRA DE SÁ, Somine. Música pop-periférica brasileira: videoclipes, performances e tretas na cultura digital. Curitiba: Editora Appris, 2021.
PERLOFF, Marjorie. O gênio não original; poesia por outros meios no novo século. Tradução de Adriano Scandolara. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
PHILP, Beverly; PIYASENA, Sam. Desenhe! Trad. Fatima Finizola. São Paulo: Gustavo Gili Brasil, 2015.
PIETROFORTE, Antonio Vicente. Semiótica visual: os percursos do olhar. São Paulo, Contexto, 2007.
PINTO, B. e SARMENTO, C. Desenho de Som. Curitiba: InterSaberes, 2021.
PINTO, Ivonete. Cinemas periféricos: estéticas e contextos não hegemônicos. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2021.
PINTO, Julio Cesar Machado e Flávia Affonso MAYER (orgs.). Perspectivas contemporâneas em audiodescrição. Curitiba: Editora CRV, 2018.
PIOVEZANI, Carlos. Verbo, corpo e voz: Dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
PLAZA, Julio. Tradução intersemiótica. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
PRAKEL, David. Iluminação. Porto Alegre: Editora Grupo A Bookman, 2015.
PUCCINI, Sérgio. Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção. 8a. reimpressão. Campinas: Papyrus Editora, 2021.
PURVES, Barry. Stop-Motion. Porto Alegre: Editora Grupo A Bookman, 2011.
QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de Sinais Brasileiras: Estudos Lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
QUEIROZ, Carlos Wagner de et al. Animação digital 2D. Porto Alegre: Editora Grupo A Bookman, 2021.
QUINTEIRO, Eudisia Acuña. Estética da voz - Uma voz para o ator. São Paulo: Plexus, 2007.
RAMOS, Alexandre Dias (org.). Sobre o ofício do curador. Porto Alegre: Zouk, 2010.
RAMOS, Alexandre Dias. Mídia e arte: aberturas contemporâneas. Porto Alegre: Zouk, 2006.

RAMOS, Fernão Pessoa e Sheila SCHVARZMAN (orgs.). Nova História do Cinema Brasileiro - Volume I. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.
RAMOS, Fernão Pessoa e Sheila SCHVARZMAN (orgs.). Nova História do Cinema Brasileiro - Volume II. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.
RAMOS, G. Desenho de Observação. Curitiba: InterSaberes, 2022.
RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. Estética e política. Trad. de Mônica Costa Netto. Lisboa: Editora 34, 2005.
RANCIÈRE, Jacques. As distâncias do cinema. São Paulo: Contraponto Editora, 2012.
RANCIÈRE, Jacques. O destino das imagens. Rio de Janeiro; Contraponto, 2012
RENA, Alemar. Do autor tradicional ao agenciador cibernético: do biopoder à biopotência. São Paulo: Annablume: 2008.
RENNÓ, Raquel; BRUNET, Karla (orgs.). Tropixel: arte, ciência, tecnologia e sociedade. Salvador: EDUFBA, 2015.
RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). Povos Indígenas no Brasil: 1996-2000. São Paulo: Instituto SocioAmbiental, 2000.
RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa - Box vols. I, II e III. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.
RISÉRIO, Antônio. Oriki, Orixá. São Paulo: Perspectiva, 1996.
ROCHA, Glauber. O século do cinema. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.
ROTHENBERG, Jerome. Etnopoesia no milênio. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.
ROUILLÉ, André. A fotografia: entre documento e arte contemporânea. Trad. Constancia Igrejas. São Paulo: SENAC/SP, 2009.
RUIZ, T. A Autoprodução Musical. São Paulo: Iluminuras, 2021.
RYNGAERT, Jean-Pierre. Ler o teatro contemporâneo. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
SÁ, Lúcia. Literaturas da Floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.
SÁ, Simone Pereira de (org.). Rumos da cultura da música: negócios, estéticas, linguagens e audibilidades. Porto Alegre: Sulina/Globouniversidade, 2010.
SAMPAIO, Daniele. Elaboração de projetos para o desenvolvimento de agentes e agendas. Belo Horizonte: Javali, 2021.
SANMIGUEL. D. Desenho de Perspectiva. São Paulo: Ambientes e Costumes, 2015.
SANNA, A. Artes Gráficas. São Paulo: Loft, 2010.
SANTAELLA Lucia; NÖTH, Winfried. Imagem: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2005.
SANTAELLA, L. Estética e Semiótica. Curitiba: InterSaberes, 2019.
SANTAELLA, Lucia. Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal. São Paulo: Iluminuras, 2013.
SANTAELLA, Lucia. Percepção fenomenologia, ecologia, semiótica. São Paulo: Cengage Learning, 2016.
SANTAELLA, Lucia. Semiótica aplicada. 2. São Paulo: Cengage Learning, 2018.
SANTANA, Ivani. Dança na Cultura Digital. Salvador: EDUFBA, 2006.

SANTANA, Marcelo Augusto. Haja luz: manual de iluminação cênica. Brasília: SENAC DF, 2015.
SANTIAGO ARAÚJO, Vera Lúcia e Maria F. ADERALDO. Os novos rumos da pesquisa em audiodescrição no Brasil. Curitiba: Editora CRV, 2013.
SANTIAGO ARAÚJO, Vera Lúcia; VIEIRA, Patrícia Araújo; MONTEIRO, Silvia Malena Modesto (orgs.). Guia de legendagem para produções audiovisuais. Curitiba: Editora CRV, 2013.
SANTOS, Gislene Aparecida dos. A invenção do ser negro: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: EDUC/FAPESP/PALLAS, 2002.
SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos; MATOS, Edilene; SEGOLIN, Fernando. Cinema e literatura: narrativas poéticas. Salvador: EDUFBA, 2013.
SANTOS, Laymert Garcia dos. Politizar as novas tecnologias: O impacto sócio-técnico da informação digital e genética. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2003.
SANTOS, Manoel J. Pereira dos. Direito autoral. 2. São Paulo: Saraiva Jur, 2020.
SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. 7 ed. São Paulo: Edusp, 2012.
SANTOS, Richard. Maioria Minorizada: um dispositivo analítico de racialidade. Rio de Janeiro: Editora Telha, Coleção Pensamento Negro Contemporâneo, 2020.
SAUER, Theresa. Notations 21. New York: Mark Batty Publisher, 2009.
SCARASSATTI, Marco Antônio Farias. Walter Smetak, o alquimista dos sons. São Paulo: Perspectiva/SESC-SP, 2008.
SCHAEFFER, P. Ensaio sobre o rádio e o cinema: estética e técnica das artes-relé 1941-1942. Texto estabelecido por Carlos Palombini e Sophie Brunet com a colaboração de Jacqueline Schaeffer. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
SCHAFER, Murray. OuvirCantar: 75 exercícios para ouvir e criar música. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
SCHAFER, R. Murray. A afinação do mundo. São Paulo: UNESP, 2001.
SCHAFER, R. Murray. O Ouvido Pensante. São Paulo: UNESP, 1991.
SCHOEMBERG, A. Fundamentos da Composição Musical. São Paulo: Edusp, 2015.
SCHREIBER, Anderson. Direito e Mídia. São Paulo: Atlas, 2013.
SCHWARTZ, Jorge. Vanguardas Latino-Americanas. São Paulo: Edusp, 2008.
SERRA, Alice; Duarte, Rodrigo; Freitas, Romero (org.) Imagem, imaginação, fantasia. 20 anos sem Vilém Flusser. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2014.
SERRONI, José Carlos. Cenografia brasileira: notas de um cenógrafo. São Paulo: Sesc São Paulo, 2013.
SEVERI, Carlo; LAGROU, Els (Orgs.). Quimeras em diálogo: grafismo e figuração na arte indígena. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.
SHAFER, R. Murry. A afinação do mundo. São Paulo: UNESP, 2009.
SHARP, Willoughby. Videoperformance. Trad. de Ana Ban. eRevista Performatus, Inhumas, ano 1, n. 6, set. 2013.
SHOAT, Ella. STAM, Robert. Crítica da imagem eurocêntrica. São Paulo: Cosacnaify, 2006.
SIJLL, Jennifer van. Narrativa cinematográfica. contando histórias com imagens em movimento. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
SILVA, Dilma de Neto; CALAÇA, Maria Cecília F. Arte africana e afro-brasileira. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

SILVA, Mauri Luiz da. Luz, lâmpadas e iluminação. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2014.
SILVA, Nelson Inocêncio. Museu afro Brasil no contexto da Diáspora: dimensões contra-hegemônicas das artes e culturas negras. Tese de Doutorado em Artes da UNB, 2012.
SIMONE, A. Tradução audiovisual não é um bicho-de-sete-cabecas. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2021.
SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira (org.). O corpo representado: mídia, arte e produção de sentidos. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.
SIQUEIRA, A. Acústica. Curitiba: InterSaberes, 2020.
SKLIAR, C. (org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.
SOARES, Lisbeth. Música, educação e inclusão reflexões e práticas para o fazer musical. Curitiba: InterSaberes, 2020.
SOARES, R. AGUIAR, M. Fechamento de arquivos. São Paulo: Senai-SP, 2016.
SOARES, Wellington. Motion Graphics. Curitiba: Editora Intersaberes, 2021.
SONTAG, Susan. Sobre fotografia. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
SOUCHARD, Philippe Emmanuel. Respiração. São Paulo: Summus Editorial, 1989.
SPIEKERMAN, E. A Linguagem Invisível da Tipografia. São Paulo: Blucher, 2011.
STAM, Robert. A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
STAM, Robert. Introdução à teoria do cinema. 2. ed. Trad. Fernando Mascarello. Campinas: Papyrus, 2006.
STAM, Robert. Multiculturalismo tropical: uma história comparativa da raça na cultura e no cinema brasileiros. São Paulo: Edusp, 2008.
STEVE, C. O Essencial da Ilustração. São Paulo: Senac-SP, 2012.
STOREY, John. Teoria cultural e cultura popular: Uma introdução. São Paulo: Edições Sesc, 2015.
SZENDY, Peter. Escucha: una historia del oído melómano. Barcelona, Paidós, 2003.
TÁPIA, D. ÁUDIO MUSICAL - UMA INTRODUÇÃO. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.
TAPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma M. Haroldo de Campos: transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2014.
TEIXEIRA COELHO, José. Dicionário crítico de política cultural. São Paulo: Iluminuras, 2004.
TEIXEIRA, Elinaldo (org.). Documentário no Brasil: tradição e transformação. 2a. edição. São Paulo: Summus Editorial, 2004.
TEIXEIRA, Rafael Tassi e Sandra FISCHER (orgs.). Espacialidades e narrativas audiovisuais. Curitiba: Editora Appris, 2020.
TELES, J. Do frevo ao maguebeat. São Paulo: Editora 34, 2000.
TETÉ, Martinho e FARKAS, Solange. VideoBrasil: três décadas de vídeo, arte, encontros e transformações. São Paulo: SESC, 2015.
TIBURI, Márcia; CHUI, Fernando. Diálogo / desenho. São Paulo ; Senac SP, 2010.
TINHORÃO, J. Música popular: do gramofone ao rádio e TV. São Paulo: Editora 34, 2014.
TINHORÃO, José Ramos. Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folguedos, origens. São Paulo: Art Editora, 1988.

TRAGTENBERG, Livio. Música de cena: dramaturgia sonora. São Paulo: Perspectiva, 2008.
TREGENZA, Peter. Projeto de iluminação. 2. Porto Alegre Bookman 2015.
TRIGO, T. Equipamento Fotográfico: Teoria e Prática. São Paulo: Senac-SP, 1998.
TUDELLA, Eduardo. A luz na gênese do espetáculo. Salvador: EDUFBA, 2017.
TUGNY, Rosângela Pereira & QUEIROZ, Rubem Caixeta (org.). Músicas africanas e indígenas no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
VALLE, S. Microfones. Rio de Janeiro: Editora Música & Tecnologia, 2015.
VALLE, Solon do. Manual prático de acústica. Rio de Janeiro: Música & Tecnologia, 2009.
VANOYE, Francis; GOLIOT-LETÉ, Anne; e APPENZELLER, Marina. Ensaio sobre a Análise Fílmica. 8a. rempressão. Campinas: Papyrus Editora, 2021.
VARGENS, Meran. A voz articulada pelo coração: ou a expressão vocal para o alcance da verdade cênica. São Paulo: Perspectiva, Salvador: PPGAC/UFBA, 2013
VELOSO, Flávio Denis Dias. Improvisação e o ensino de música aportes à prática docente. Curitiba: InterSaberes, 2020.
VERSIANI, Daniella Beccacia. Autoetnografias. Conceitos alternativos em construção. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.
VIANA, Fausto (ORG.) Diário das escolas: cenografia PQ'11. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2011.
VIANA, Fausto. Figurino e cenografia para iniciantes. São Paulo: Editora Estação das Letras, 2014.
VIANA, Fausto. Figurino Teatral e as renovações do século XX. São Paulo: editora Estação das Letras, 2010.
VIANNA, Hermano. O Mistério do Samba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Editora UFRJ, 2004.
VIÉRTOV, Dziga. Cine-Olho: manifestos projetos e outros escritos. Tradução Luis Felipe Labaki. São Paulo: Editora 34, 2022.
VILLAÇA, Nízia. A periferia pop na idade mídia. São Paulo: Estação Letras e Cores, 2011.
VILLAS-BOAS, Andre. Produção gráfica para designers. São Paulo: Editora 2AB, 2016.
VIRILIO, Paul. O espaço crítico. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
VIT, A. GOMEZ-PALACIO, B. A referência no Design gráfico. Um Guia Visual para a Linguagem, Aplicações e História do Design. São Paulo: Blucher, 2011.
VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia. São Paulo: 34, 2019.
WATTS, Harris. On Camera: O curso de produção de filmes e vídeos da BBC. São Paulo: Summus Editorial, 1990.
WELLS, Paul. Desenho para animação. Porto Alegre: Editora Grupo A Bookman, 2012.
WILLIAMS, Richard. Manual de animação. Senac, 2016.
WISNIK, José Miguel. O som e o sentido: uma outra história das músicas. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
WOLF, P. Dicionário Design Gráfico - Um dicionário visual de termos para um design global. São Paulo: Blucher, 2011.
WONG, Wucius. Princípios e formas de desenho. 2a edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
XAVIER, Ismail (org.). A experiência do cinema: antologia. Rio de Janeiro: Paz & Terra/Grupo Editorial Record, 2018.
XAVIER, Ismail. Alegorias do subdesenvolvimento: cinema novo, tropicalismo, cinema marginal. São

Paulo: Cosac & Naify, 2012.
XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
XAVIER, Ismail. Sertão mar: Glauber Rocha e a estética da fome. São Paulo: Editora 34, 2019.
XAVIER, Ismail. Sétima arte: um culto moderno, o idealismo estético e o cinema. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.
YAMÃ, YAGUARÊ. Sehaypóri; o livro sagrado do povo Satarê-Mawé. São Paulo: Peirópolis, 2007.
ZETTL, Herbert. Manual de produção de televisão. São Paulo: Cengage do Brasil, 2017.
ZUBEN, Paulo. Música e tecnologia: o som e seus novos instrumentos. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.
ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção e leitura. São Paulo: Ubu, 2018

20.2.3 Comitê de Ética em Pesquisa

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) foi instituído por meio da Resolução do Conselho Universitário (CONSUNI) Nº 18/2016, de 05 de agosto de 2016, que dispõe sobre a criação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) desta Universidade. Em 09 de agosto de 2017, o CONSUNI aprovou a Resolução Nº 06/2017, a qual dispõe sobre o Regimento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Em 01 de março de 2018, por solicitação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), o CEP/UFSB realizou uma reunião extraordinária e atualizou o seu Regimento Interno, o qual está em vigência atualmente.

O CEP/UFSB teve seu registro inicial aprovado pela Comissão Nacional de Ética (CONEP), por meio da Carta Circular Nº 64/2018-CONEP/SECNS/MS, recebida em 21 de março de 2018. Em 19 de abril de 2018, o CEP/UFSB foi cadastrado pela CONEP na Plataforma Brasil e foi autorizado a receber protocolos de pesquisa dos membros da comunidade acadêmica da UFSB e da comunidade em geral, já cadastrados na Plataforma Brasil.

O CEP/UFSB consiste em uma Unidade Colegiada de caráter consultivo, deliberativo, educativo e voluntário. O CEP/UFSB é um Colegiado com membros titulares e seus respectivos suplentes, entre os segmentos docente e técnico-administrativo da UFSB e um membro da comunidade externa, representante dos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).

21. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor, HORKHEIMER, Max: “A indústria cultural - o Iluminismo como mistificação das massas” in Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CAMPESATO, Lillian; IAZZETTA, Fernando. Som, espaço e tempo na arte sonora. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM) Brasília – 2006.

COSTA, Rogério. Do tecnocosmos à tecno-arte. In: DOMINGUES, Diana. *A arte no séc. XXI*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

GRUZINSKY, Serge: A guerra das palavras. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia: aproximações e distinções. *Galáxia*, n. 4, 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesus: Dos meios às mediações. Rio de Janeiro: Edufjrj, 2002.

SANTOS, Milton: A natureza do espaço: técnica e tempo, Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

VARGAS, Heron: Hibridismos musicais de Chico Science e Nação Zumbi. Cotia: Ateliê, 2007.

22 EMENTÁRIO

22.1 COMPONENTES CURRICULARES DO SEGUNDO CICLO

22.1.1 OBRIGATÓRIOS

[AUTORIA, DIREITOS AUTORAIS E LEGISLAÇÃO](#)

[CURADORIA, MEMÓRIA E ARQUIVAMENTO](#)

[LABORATÓRIO DE PROJETOS: CORPORALIDADES](#)

[LABORATÓRIO DE PROJETOS: NARRATIVAS](#)

[LABORATÓRIO DE PROJETOS: TECNOPOLÍTICAS](#)

[LABORATÓRIO DE PROJETOS: TERRITÓRIOS](#)

[SOM, IMAGEM E MOVIMENTO NAS ARTES CONTEMPORÂNEAS](#)

[TEORIAS DA IMAGEM](#)

[TEORIAS DA IMAGEM EM MOVIMENTO](#)

[TEORIAS DO SOM](#)

22.1.2 ATIVIDADES ORIENTADAS/SUPERVISIONADAS OBRIGATÓRIAS

[ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO I](#)

[ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO II](#)

[ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO III](#)

[TCC 1](#)

[TCC 2](#)

22.1.3 OPTATIVOS DO SIM

[ACÚSTICA](#)

[ARQUEOLOGIA DA IMAGEM E DA IMAGEM EM MOVIMENTO](#)

[ARQUEOLOGIA DO SOM](#)

[ARTE E ACESSIBILIDADE: AUDIODESCRICÇÃO, AUDIOLIVROS E DUBLAGEM](#)

[ARTE FINAL EM ARTES GRÁFICAS \(LAB\)](#)

[ARTE FINAL EM SOM \(LAB\)](#)

[ARTE FINAL EM VÍDEO \(LAB\)](#)

[ARTE, DOCUMENTO E PROCESSOS DE CRIAÇÃO](#)

[ARTES GRÁFICAS: MATERIAIS, SUPORTES E RECURSOS TÉCNICOS](#)

[ÁUDIO-VÍDEO, INTERFACES FÍSICAS E INSTALAÇÃO \(LAB\)](#)

[CAPTACÃO E EDIÇÃO DIGITAL DE ÁUDIO \(LAB\)](#)

[COR, FORMA, IMAGEM \(LAB\)](#)

[CRIAÇÃO E COMPOSIÇÃO SONORA \(LAB\)](#)

[CRIAÇÃO EDITORIAL \(LAB\)](#)

[DIREÇÃO E CRIAÇÃO \(LAB\)](#)

[GRAVAÇÃO, CAPTURA E EDIÇÃO DIGITAL DE VÍDEO \(LAB\)](#)

[ILUSTRAÇÃO \(LAB\)](#)

[IMAGEM FOTOGRÁFICA \(LAB\)](#)

[LITERATURA E CINEMA: ESTUDOS DE TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA E ROTEIRIZAÇÃO](#)

[LUZ E ESPAÇO](#)

[MIXAGEM E MASTERIZAÇÃO \(LAB\)](#)

[MONTAGEM E EDIÇÃO \(LAB\)](#)

[OFICINA: PRÁTICAS EM ARTES GRÁFICAS](#)

[OFICINA: PRÁTICAS EM CRIAÇÃO SONORA](#)

[OFICINA: PRÁTICAS EM FOTOGRAFIA E VÍDEO](#)

[PRÁTICAS DO DESENHO \(LAB\)](#)

[PROJETO E PRODUÇÃO](#)

[PUBLICAÇÃO, EXIBIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO \(LAB\)](#)

[ROTEIRO E NARRATIVAS EM IMAGEM, SOM E HIPERMÍDIA \(LAB\)](#)

[SONS E MATERIALIDADES \(LAB\)](#)

[TÉCNICAS DE ANIMAÇÃO \(LAB\)](#)

[TIPOGRAFIA \(LAB\)](#)

[TRILHA SONORA E DESENHO DE SOM \(LAB\)](#)

[VÍDEO MUSICAL: A IMAGEM PARA O SOM \(LAB\)](#)

22.1.4 OPTATIVOS DO ACC

[A LINGUAGEM DA LUZ NAS ARTES DO CORPO](#)

[ESTUDOS SOBRE CENOGRAFIA E FIGURINO](#)

[OFICINA DE CANTO PARA A CENA](#)

[OFICINA DE LEITURA EXPRESSIVA E NARRAÇÃO ORAL](#)

[OFICINA DE POÉTICAS DA ORALIDADE](#)

[OFICINA DE TÉCNICA E EXPRESSÃO VOCAL](#)

[TECNOLOGIAS DO SOM E DA IMAGEM APLICADAS À CENOGRAFIA, INSTALAÇÕES E AMBIENTAÇÕES](#)

[VIDEODANÇA E VÍDEO-PERFORMANCE](#)

22.2 COMPONENTES CURRICULARES DO PRIMEIRO CICLO

22.2.1 OBRIGATÓRIOS

[ALTERIDADE E CINEMA NAS AMÉRICAS](#)

[ARTE E TECNOLOGIA](#)

[ARTE, HISTÓRIA E HISTORICIDADE NAS AMÉRICAS](#)

[ARTES E COMUNICAÇÃO NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS](#)

[CINEMA, CRIAÇÃO E EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL](#)

[MODOS DE ESCUTA E CRIAÇÃO SONORA](#)

[PRODUÇÃO CULTURAL E ARTE-CURADORIA](#)

22.2.1 OPTATIVOS

[ARTE, COMUNIDADE E ESPACIALIDADES](#)

[ARTES DA GRAFIA, ESCRIVÊNCIAS, INSCRIÇÕES DE SI E DO OUTRO](#)

[ESTÉTICA DOS POVOS ORIGINÁRIOS DAS AMÉRICAS](#)

[ESTÉTICAS NEGRODESCENDENTES](#)

[ESTÉTICAS OCIDENTAIS NAS AMÉRICAS](#)

[FRUIÇÕES ESTÉTICAS PARA ALÉM DOS "CENTROS"](#)

[LIBRAS \[CE \]](#)

[POÉTICAS AMERÍNDIAS NO BRASIL: LITERATURA, CINEMA E GRAFISMO](#)

[POÉTICAS NEGRODESCENDENTES](#)

[TEORIAS E PRÁTICAS DE TRADUÇÃO](#)

22.1 COMPONENTES CURRICULARES DO SEGUNDO CICLO**22.1.1 OBRIGATÓRIOS**

NOME	AUTORIA, DIREITOS AUTORAIS E LEGISLAÇÃO
CH	30
CÓDIGO	CFA0011
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

Estudos sobre autoria, direitos autorais e legislação no âmbito das práticas criativas em som, imagem e imagem em movimento. Internet, direitos de propriedade e direitos autorais. Copyleft, Creative Commons, formas de contestação e alternativas ao direito de propriedade e intelectual nas artes.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
BITTAR, Carlos Alberto. Direito de Autor. Forense Universitária. 2019.
SANTOS, Manoel J. Pereira dos. Direito autoral. 2. São Paulo: Saraiva Jur, 2020.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AFONSO, Otávio. direito autoral: conceitos essenciais. Barueri: Manole, 2009.
ARANTES, Priscila. Reescrituras da arte contemporânea: história, arquivo e mídia. Porto Alegre: Sulina, 2015.
BARTHES, Roland. O rumor da língua. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, 9 edição, Petrópolis: Vozes, 1994.
CHARTIER, R. O que é um autor? São Carlos: Edufscar, 2014.
COSTA NETTO, José Carlos. Direito autoral no Brasil. 3. São Paulo: Saraiva, 2018.
DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil platôs - vol. 1: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995.
GIACOMELLI, Cinthia Louzada Ferreira. Direito autoral. porto Alegre: SAGAH, 2018.
PERLOFF, Marjorie. O gênio não original; poesia por outros meios no novo século. Tradução de Adriano Scandolara. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
RENA, Alemar. Do autor tradicional ao agenciador cibernético: do biopoder à biopotência. São Paulo: Annablume: 2008.
SCHREIBER, Anderson. Direito e Mídia. São Paulo: Atlas, 2013.

NOME	CURADORIA, MEMÓRIA E ARQUIVAMENTO
CH	30

CÓDIGO	CFA0060
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

Políticas da memória. Oralidade e documento. Organização e curadoria de repertórios e arquivos imagéticos, sonoros e audiovisuais. Estratégias e políticas de preservação e atualização. Arquivamento digital e suas tecnologias. O arquivo, a seleção e a memória na era digital. A arte e suas instituições, espaços e fronteiras.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARANTES, Priscila. Reescrituras da arte contemporânea: história, arquivo e mídia. Porto Alegre: Sulina, 2015.
BEIGUELMAN, Giselle; MAGALHÃES, Ana Gonçalves (org.). Futuros possíveis : Arte, Museus e Arquivos Digitais. São Paulo: Peirópolis, 2014. ISBN: 978-85-7596-346-3
CANCLINI, Nestor G. Culturas híbridas. São Paulo: Edusp, 1997.
RAMOS, Alexandre Dias (org.). Sobre o ofício do curador. Porto Alegre: Zouk, 2010.
SÁ, Simone Pereira de (org.). Rumos da cultura da música: negócios, estéticas, linguagens e audibilidades. Porto Alegre: Sulina/Globouniversidade, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.
CERTEAU, Michel de. A escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
COELHO, Teixeira. Dicionário crítico de política cultural. São Paulo: Iluminuras, 2004.
MARCHIORI NUSSBAUMER, Gisele (Org.). Teorias & políticas da cultura. Visões multidisciplinares. Salvador: Editora da UFBA, 2007.

NOME	LABORATÓRIO DE PROJETOS: CORPORALIDADES
CH	60
CÓDIGO	CFA0062
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

Desenvolvimento de projetos artísticos que implicam o corpo nas artes do som, da imagem e da imagem em movimento. Música e dança; trilha, corpo em cena, cinema e teatro; arte sonora e imersão corporal. Instalação e interação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ELSAESSER, Thomas; HGENER, Malte; e MARTINS, Mônica Saddy. Teoria do cinema: uma introdução através dos sentidos. 1a. reimpressão. Campinas: Papirus Editora, 2021.

GLUSBERG, Jorge. A Arte da Performance. Editora Perspectiva, 2009.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira (org.). O corpo representado: mídia, arte e produção de sentidos. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CASTANHEIRA, José Cláudio (org.) et al. Poderes do som: políticas, escutas e identidades. Florianópolis/SC: Insular Livros, 2020.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs - vol.3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34. 3º Ed, 2010.

GIL, José. Movimento total: o corpo e a dança. São Paulo: Iluminuras, 2020. 207 pp.

HGENER, Malte; ELSAESSER, Thomas. Teoria do Cinema: uma introdução através dos sentidos. Campinas: Papirus, 2018.

NOME	LABORATÓRIO DE PROJETOS: NARRATIVAS
CH	60
CÓDIGO	CFA0061
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

Narrativa oral, narrativa escrita, narrativa visual. Espaços e temporalidades narrativas. A narrativa: os efeitos de real e os efeitos estéticos. Elaboração de Projetos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BAUER, Martin W. et al. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 11. ed. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2011. ISBN: 8532627277

DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. 3. ed. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção A).

STAM, Robert. Introdução à teoria do cinema. 2. ed. Trad. Fernando Mascarello. Campinas: Papirus, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

FREEMAN, Michael. A narrativa fotográfica. Porto Alegre: Editora Grupo A Bookman, 2015.

MOTA, Luiz Gonzaga. Análise crítica da narrativa. Brasília: EdUNB, 2013.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa - Box vols. I, II e III. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

SIJLL, Jennifer van. Narrativa cinematográfica. contando histórias com imagens em movimento. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

NOME	LABORATÓRIO DE PROJETOS: TECNOPOLÍTICAS
CH	60
CÓDIGO	CFA0027
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

A relação entre tecnologia e política nos processos contemporâneos de criação com som e imagem. O remix e a bricolagem no contexto histórico e contemporâneo das mídias analógicas e digitais. Direitos autorais, Creative Commons, copyleft, cultura hacker. As artes da imagem e do som e seus processos criativos e produtivos como espaço de crítica e recombinação da técnica e da tecnologia. Gambiologia e laboratórios de fabricação (fablab). Crowdfunding e outros processos de financiamento coletivo nas redes tecnológicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs - vol.5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34. 2º Ed, 2012.
HUI, Yuk. Tecnodiversidade. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
VIRILIO, Paul. O espaço crítico. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ADLER, Jazmin. Desmantelando la máquina. Transgresiones desde el arte y la tecnología en Latinoamérica. Buenos Aires: Neural, 2021
ARANTES, Priscila. @rte e mídia: perspectivas da estética digital. São Paulo: Editora SENAC, 2019
BEIGUELMAN, Giselle. Políticas da imagem – Vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: Ubu Editora, 2021
SANTOS, Laymert Garcia dos. Politizar as novas tecnologias: O impacto sócio-técnico da informação digital e genética. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2003.
SANTOS, Richard. Maioria Minorizada: um dispositivo analítico de racialidade. Rio de Janeiro: Editora Telha, Coleção Pensamento Negro Contemporâneo, 2020.

NOME	LABORATÓRIO DE PROJETOS: TERRITÓRIOS
CH	60
CÓDIGO	CFA0008
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

A produção contemporânea do som e da imagem e sua relação com o território e a comunidade. Relações históricas e atuais entre arte, espaço e território. Produção artística em coletivos urbanos, coletivos rurais, virtuais, etc. que se ocupem do ou ocupem o território. Arte e cidade. Arte e cartografia. Arte visual urbana, do pixo ao grafite. A música e o som na periferia e a constituição do território.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.
PEIXOTO, Néelson Brissac. Intervenções urbanas: arte/cidade. São Paulo: SENAC, 2002.
SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. 7 ed. São Paulo: Edusp, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRADE, Maria Muniz de (Mayá). A escola da reconquista. Arataca/BA: Teia dos Povos, 2021.
CESAR, Marisa Flórido. Nós, o outro, o distante na arte contemporânea brasileira. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014.
FERREIRA, Joelson. Por terra e território: caminhos da revolução dos povos no Brasil. Arataca/BA: Teia dos Povos, 2021
LONGMAN, Eduardo e LONGMAN, Gabriela. Grafite: labirintos do olhar (Edição Bilingue Português e Inglês). São Paulo: Bei, 2017.
TEIXEIRA, Rafael Tassi e Sandra FISCHER (orgs.). Espacialidades e narrativas audiovisuais. Curitiba: Editora Appris, 2020.

NOME	SOM, IMAGEM E MOVIMENTO NAS ARTES CONTEMPORÂNEAS
CH	30
CÓDIGO	CFA0010
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

A integração das mídias na produção contemporânea. Instalações, videoinstalações, performances e interações. Arte expandida e participação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia. São Paulo: Ed. Zahar, 2007.
PARENTE, André (org.). Imagem Máquina: a era das tecnologias. São Paulo: Editora 34, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ADORNO, Theodor W. A arte e as artes e primeira introdução à Teoria Estética. Trad. Rodrigo Duarte. Rio de Janeiro; Bazar do Tempo, 2017.
BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. São Paulo: L&PM, 2014.

BRETT, Guy. Brasil Experimental: arte/vida, proposições e paradoxos. Trad. Renato Rezende. Organização e prefácio de Kátia Maciel. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

CAVALCANTE, Fred Siqueira. Criatividade musical: Conceitos e Práticas. São Carlos/SP: EDUFSCAR, 2021

MELLO, Christine (org.) Extremidades : experimentos críticos - redes audiovisuais, cinema, performance, arte contemporânea. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

NOME	TEORIAS DA IMAGEM
CH	60
CÓDIGO	CFA0003
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

A origem, a presença e o destino das imagens. Iconoclasmo e iconofilia. A imagem como representação, presença, aparição. Imagens ativas. Construção e representação do imaginário contemporâneo. Do real ao virtual, passagens da imagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALLOA, Emmanuel (org.). Pensar a imagem. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2015.

AUMONT, Jacques. A imagem. 8. ed. Trad. Estela dos Santos Abreu, Cláudio César Santoro. Campinas: Papirus, 2004.

MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia. São Paulo: Ed. Zahar, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. O destino das imagens. Rio de Janeiro; Contraponto, 2012

SANTAELLA Lucia; NÖTH, Winfried. Imagem: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CASA NOVA, Vera; MAIA, Andréa Casa Nova (orgs). Ética e imagem. Belo Horizonte, C/Arte, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante da imagem. Trad.: Paulo Neves. São Paulo; Editora 34, 2013.

GUATTARI, Félix. Caosmose. 2a. ed. Trad. Ana Lucia de Oliveira. São Paulo: editora 34, 2012.

MONDZAIN, Marie José. Imagem, ícone, economia: as fontes bizantinas do imaginário contemporâneo. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2013.

SERRA, Alice; Duarte, Rodrigo; Freitas, Romero (org.) Imagem, imaginação, fantasia. 20 anos sem Vilém Flusser. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2014.

NOME	TEORIAS DA IMAGEM EM MOVIMENTO
CH	60
CÓDIGO	CFA0022
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL

NATUREZA

OBRIGATÓRIO

EMENTA

Teorias formativas e teorias realistas. Poéticas e estéticas da imagem em movimento. Atrações, ficções, experimentações e documentários. Abordagens metodológicas e tipologias imagéticas. Demarcações midiáticas e contextuais. Audiovisual expandido.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AUMONT, Jacques et alii. A estética do filme. 3. ed. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 2005.
BAZIN, André. O que é o cinema? São Paulo: Editora Ubu/Cosac Naify. 2014.
BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. A arte do cinema: uma introdução. São Paulo: EDUSP, 2014.
BURCH, Noel. Práxis do cinema. Tradutor: Marcelle Pithon e Regina Machado. São Paulo: Perspectiva, 2015.
DELEUZE, Gilles. Cinema 1 – A imagem-movimento. São Paulo: Editora 34, 2018.
DELEUZE, Gilles. Cinema 2 – A imagem-tempo. São Paulo: Editora 34, 2018.
GAUTHIER, Guy. O documentário: um outro cinema. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas: Papyrus, 2011.
NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas: Papyrus, 2005.
STAM, Robert. Introdução à teoria do cinema. 2. ed. Trad. Fernando Mascarello. Campinas: Papyrus, 2006.
XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDREW, J. Dudley. As Principais Teorias do Cinema. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
ARMES, Roy. On Video: O Significado do Vídeo nos Meios de Comunicação. São Paulo: Summus Editorial, 1999.
AUMONT, Jacques. A imagem. 8. ed. Trad. Estela dos Santos Abreu, Cláudio César Santoro. Campinas: Papyrus, 2004.
BAZIN, André. O realismo impossível. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
EISENSTEIN, Sergei. O sentido do filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
ELSAESSER, Thomas; HAGENNER, Malte; e MARTINS, Mônica Saddy. Teoria do cinema: uma introdução através dos sentidos. 1a. reimpressão. Campinas: Papyrus Editora, 2021.
MARIE, Michel et al. A Nouvelle Vague e Godard. Campinas: Papyrus Editora, 2012.
OLIVEIRA Jr., Luiz Carlos. A mise en scène no cinema: do clássico ao cinema de fluxo. 6a. reimpressão. Campinas: Papyrus Editora, 2020.
RANCIÈRE, Jacques. As distâncias do cinema. São Paulo: Contraponto Editora, 2012.
SANTAELLA Lucia; NÖTH, Winfried. Imagem: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2005.

NOME	TEORIAS DO SOM
CH	60
CÓDIGO	CFA0009
NÍVEL	GRADUAÇÃO

MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

A compreensão científica, filosófica e artística do som e da escuta, de seu papel nas ecologias do meio ambiente, das relações sociais e da intersubjetividade humana, em diferentes povos, épocas, culturas e situações históricas. O som e os modelos da Física: acústica. Características da audição em humanos e outros animais. Psicoacústica e bioacústica. Fenomenologia da escuta. Ecologia do som. Territórios sonoros. Relações entre pesquisas em áudio, tecnociências e geopolítica. Arte sonora.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAGE, J. Silêncio - Conferências e escritos de John Cage. São Paulo: Cobogó, 2019
SCHAFER, Murray. OuvirCantar: 75 exercícios para ouvir e criar música. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
WISNIK, José Miguel. O Som e o sentido: uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CAESAR, Rodolfo. Círculos ceifados. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2010.
CAGE, J. De Segunda a um ano. São Paulo: Cobogó, 2013
FERNANDES, Cintia Sanmartin, HERSCHMANN, Micael (orgs.). Cidades Musicais: Comunicação, territorialidade e política. Porto Alegre: Sulina, 2018.
GONZÁLEZ, Juan Pablo. Pensando a música a partir da América Latina: problemas e questões. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
MENEZES BASTOS, Rafael José de. A Festa da Jaguatirica. 1 ed. 1 reimpr. Florianópolis/SC: Editora UFSC, 2019.
OLIVEIRA MONTARDO, Deise Lucy. Através do Mbaraka. Música, dança e Xamanismo Guarani. São Paulo: EDUSP, 2009.
ORLANDI, Eni Puccinelli. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

22.1.2 ATIVIDADES ORIENTADAS/SUPERVISIONADAS OBRIGATÓRIAS

NOME	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO I
CH TEÓRICA	30
CH ORIENTAÇÃO	30
CH TOTAL	60
CÓDIGO	CFAC0001
TIPO DO CC	ATIVIDADE
TIPO DE ATIVIDADE	ATIVIDADE INTEGRADORA DE FORMAÇÃO
FORMA DE PARTICIPAÇÃO	ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO COLETIVA
PRÉ-REQUISITO	-

EQUIVALÊNCIA	CFA0001
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

Orientação para a implementação do Estágio Obrigatório Supervisionado.

NOME	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO II
CH TEÓRICA	30
CH ORIENTAÇÃO	30
CH TOTAL	60
CÓDIGO	CFAC0002
TIPO DO CC	ATIVIDADE
TIPO DE ATIVIDADE	ATIVIDADE INTEGRADORA DE FORMAÇÃO
FORMA DE PARTICIPAÇÃO	ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO COLETIVA
PRÉ-REQUISITO	-
EQUIVALÊNCIA	CFA0006
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

Orientação para a implementação do Estágio Obrigatório Supervisionado.

NOME	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO III
CH TEÓRICA	30
CH ORIENTAÇÃO	30
CH TOTAL	60
CÓDIGO	CFAC0003
TIPO DO CC	ATIVIDADE
TIPO DE ATIVIDADE	ATIVIDADE INTEGRADORA DE FORMAÇÃO
FORMA DE PARTICIPAÇÃO	ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO COLETIVA
PRÉ-REQUISITO	-
EQUIVALÊNCIA	CFA0021
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

Orientação para a implementação do Estágio Obrigatório Supervisionado.

NOME	TCC 1
CH	60
CÓDIGO	CFA0087
TIPO DO CC	ATIVIDADE
TIPO DE ATIVIDADE	ATIVIDADE INTEGRADORA DE FORMAÇÃO
FORMA DE PARTICIPAÇÃO	ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO INDIVIDUAL
PRÉ-REQUISITO	-
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

Desenvolvimento de Trabalho de Conclusão do Curso Som, Imagem e Movimento.

NOME	TCC 2
CH	60
CÓDIGO	CFA0088
TIPO DO CC	ATIVIDADE
TIPO DE ATIVIDADE	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
FORMA DE PARTICIPAÇÃO	ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO INDIVIDUAL
PRÉ-REQUISITO	CFA0087
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

Desenvolvimento de Trabalho de Conclusão do Curso Som, Imagem e Movimento.

22.1.3 OPTATIVOS DO SIM

NOME	ACÚSTICA
CH	30
CÓDIGO	CFA0084
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Aspectos físicos e psicofísicos do som. Audibilidade e parâmetros subjetivos. Propagação do som, isolamento e conforto acústico. Processos de digitalização e de geração eletrônica do som.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

SCHAFER, R. Murray. A afinação do mundo. São Paulo: UNESP, 2001.
SCHAFER, R. Murray. O Ouvido Pensante. São Paulo: UNESP, 1991.
VALLE, Solon do. Manual prático de acústica. Rio de Janeiro: Música & Tecnologia, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BISTAFA, S. Acústica Aplicada ao Controle do Ruído. São Paulo: Editora Blucher, 2018.
BRANDÃO, E. Acústica de Salas, Projeto e modelagem. São Paulo: Editora Blucher, 2016.
SIQUEIRA, A. Acústica. Curitiba: InterSaberes, 2020.

NOME	ARQUEOLOGIA DA IMAGEM E DA IMAGEM EM MOVIMENTO
CH	60
CÓDIGO	CFA0012
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Prospecções sobre os processos artísticos de criação com a imagem e com a imagem em movimento. Estudo de práticas artísticas com a imagem e com a imagem em movimento na contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo; Cengage do Brasil, 2016.
BARTHES, Roland. A Câmera Clara. Nota sobre a fotografia. 5. ed. Trad. Júlio Castanõn Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. Estética e política. Trad. de Mônica Costa Netto. Lisboa: Editora 34, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BERNARDET, Jean-Claude. Cinema brasileiro: propostas para uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
FABRIS, Annateresa (org.). Fotografia: usos e funções no Século XIX. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2008.
MACHADO, Arlindo. Arte e mídia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
MANNONI, Laurent. A grande arte da luz e da sombra – arqueologia do cinema. São Paulo: Senac, 2003.

MASCARELLO, Fernando (org.). História do cinema mundial. 7a. reimpressão. Campinas: Papirus Editora, 2020.
RAMOS, Fernão Pessoa e Sheila SCHVARZMAN (orgs.). Nova História do Cinema Brasileiro - Volume I. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.
RAMOS, Fernão Pessoa e Sheila SCHVARZMAN (orgs.). Nova História do Cinema Brasileiro - Volume II. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.
SONTAG, Susan. Sobre fotografia. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

NOME	ARQUEOLOGIA DO SOM
CH	60
CÓDIGO	CFA0025
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Histórias e historicidades da música de tradição oral, popular e erudita. Memórias orais e grafias. Registros sonoros. Reconstrução e tradução. Remixagem e sampleagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CANCLINI, Nestor G. Culturas híbridas. São Paulo: Edusp, 1997.
SÁ, Simone Pereira de (org.). Rumos da cultura da música: negócios, estéticas, linguagens e audibilidades. Porto Alegre: Sulina/Globouniversidade, 2010.
TELES, J. Do frevo ao mangubeat. São Paulo: Editora 34, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.
DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs - vol.4. Revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34. 2ª ed. 2012.
GUERREIRO, G. A trama dos tambores: a Música Afro-pop de Salvador. São Paulo: Editora 34, 2010.
MALAQUIAS. T. A. Introdução ao Folclore Musical perspectivas e abordagens. Curitiba: InterSaberes, 2020.
TINHORÃO, J. Música popular: do gramofone ao rádio e TV. São Paulo: Editora 34, 2014.

NOME	ARTE E ACESSIBILIDADE: AUDIODESCRIBÇÃO, AUDIOLIVROS E DUBLAGEM
CH	30
CÓDIGO	CFA0064
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL

NATUREZA

OPTATIVO

EMENTA

A acessibilidade como forma de tradução nas várias artes: audiodescrição, audiolivros, dublagem e legendagem. Princípios teóricos, técnicas e métodos para a inclusão cultural, social e escolar de pessoas com deficiência visual, auditiva ou intelectual em cinema, teatro, museus, exposições, peças, óperas, balé ou outras manifestações artísticas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PINTO, Julio Cesar Machado e Flávia Affonso MAYER (orgs.). Perspectivas contemporâneas em audiodescrição. Curitiba: Editora CRV, 2018.

PLAZA, Júlio. Tradução Intersemiótica. São Paulo: Perspectiva, 1987.

SIMONE, A. Tradução audiovisual não é um bicho-de-sete-cabeças. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2021.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

KONECSNI, Ana Carolina. Tradução para dublagem. 2ª ed. Rio de Janeiro: Transitiva, 2016.

NAUJORKS, Maria Inês e Leandra Bôer POSSA (orgs.). Cinema e deficiência: a invenção da diferença. Curitiba: Editora CRV, 2013.

OLIVEIRA, Ronaldo Gonçalves; FERREIRA, Francisco Romão; PRADO, Shirley Donizete (orgs.). Cinema, surdez e comensalidade. Série Sabor Metrópole v. 10. Curitiba: Editora CRV, 2019.

SANTIAGO ARAÚJO, Vera Lúcia e Maria F. ADERALDO. Os novos rumos da pesquisa em audiodescrição no Brasil. Curitiba: Editora CRV, 2013.

SANTIAGO ARAÚJO, Vera Lúcia; VIEIRA, Patrícia Araújo; MONTEIRO, Silvia Malena Modesto (orgs.). Guia de legendagem para produções audiovisuais. Curitiba: Editora CRV, 2013.

NOME	ARTE FINAL EM ARTES GRÁFICAS (LAB)
CH	30
CÓDIGO	CFA0070
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Realização orientada de arte-finalização de projetos gráficos em diversas modalidades, construídos a partir de suportes digitais e impressos. Estéticas e técnicas de tratamento de arquivos para impressão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARAÚJO, Emanuel. A construção do livro. Princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

GATTER, Mark. Produção gráfica para designers. Cotia; Ateliê editorial, 2016.

SOARES, R. AGUIAR, M. Fechamento de arquivos. São Paulo: Senai-SP, 2016.
--

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MORTARA, B. Colorimetria aplicada a processos gráficos. São Paulo: Editora Senai-SP, 2016.
--

NOME	ARTE FINAL EM SOM (LAB)
CH	30
CÓDIGO	CFA0072
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Realização orientada de arte-finalização de projetos de arte sonora em diversas modalidades, construídos a partir de suportes digitais. Estéticas e técnicas de tratamento para arquivos sonoros. Renderização.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

RUIZ, T. A Autoprodução Musical. São Paulo: Iluminuras, 2021.

SÁ, Simone Pereira de (org.). Rumos da cultura da música: negócios, estéticas, linguagens e audibilidades. Porto Alegre: Sulina/Globouniversidade, 2010.
--

TÁPIA, D. ÁUDIO MUSICAL - UMA INTRODUÇÃO. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALMEIDA, F. e MOREIRA, P. Produção de A a Z - manual prático para produtores, bandas e artistas. Rio de Janeiro: Autografia, 2021.
--

BOURRIAUD, Nicolas. Pós-produção: Como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
--

GALETTO, U. O Sentido do Som: Uma Introdução à Pós-Produção de Som para o Audiovisual. Curitiba: Appris, 2021.
--

NOME	ARTE FINAL EM VÍDEO (LAB)
CH	30
CÓDIGO	CFA0071
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Realização orientada de arte-finalização de projetos audiovisuais em diversas modalidades, construídos a partir de suportes digitais. Estéticas e técnicas de tratamento para arquivos audiovisuais. Renderização.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARMES, Roy. On Video: O Significado do Vídeo nos Meios de Comunicação. São Paulo: Summus Editorial, 1999.
AUMONT, Jacques. A imagem. 8. ed. Trad. Estela dos Santos Abreu, Cláudio César Santoro. Campinas: Papyrus, 2004.
WATTS, Harris. On Camera: O curso de produção de filmes e vídeos da BBC. Editora Summus: 1990.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CARVALHO, Vinicius Augusto. Efeitos visuais de transição na montagem cinematográfica. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2018.
JESUS, Adriano Miranda Vasconcelos de. Produção audiovisual. Porto Alegre: SAGAH, 2019.
MURCH, Walter. Num piscar de olhos: a edição de filmes sob a ótica de um mestre. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
SANTAELLA, L. Estética e Semiótica. Curitiba: InterSaberes, 2019.
XAVIER, Ismail. Sétima arte: um culto moderno, o idealismo estético e o cinema. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

NOME	ARTE, DOCUMENTO E PROCESSOS DE CRIAÇÃO
CH	60
CÓDIGO	CFA0065
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

O trabalho com o documento em processos artísticos no vídeo, no cinema, na fotografia, no desenho, no documentário, etc. Colagem, montagem e outros procedimentos de reapropriação e de recriação. Os processos ficcionais no documentário.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARANTES, Priscila. Reescrituras da arte contemporânea: história, arquivo e mídia. Porto Alegre: Sulina, 2015.
GAUTHIER, Guy. O documentário: um outro cinema. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas: Papyrus, 2011.
ROUILLÉ, André. A fotografia: entre documento e arte contemporânea. Trad. Constancia Egrejas. São Paulo: SENAC/SP, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARBOSA, Andréa et I. (orgs.). A experiência da imagem na etnografia. São Paulo: Terceiro Nome, 2016.
LAGROU, Els. Arte indígena no Brasil: agência, alteridade, relação. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2009.
LUCENA, Luiz Carlos. Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção. 2a. edição. São Paulo: Summus Editorial, 2011.
NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas: Papirus, 2005.
TEIXEIRA, Elinaldo (org.). Documentário no Brasil: tradição e transformação. 2a. edição. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

NOME	ARTES GRÁFICAS: MATERIAIS, SUPORTES E RECURSOS TÉCNICOS
CH	60
CÓDIGO	CFA0066
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

As etapas da produção gráfica, criação, pré-impressão, impressão e acabamento em suas diversas dimensões técnicas e materiais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARAUJO, Emanuel. A construção do livro. Princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
CAPELASSO, E, NICODEMO, S. MENEZES, V. Produção gráfica: do projeto ao produto. São Paulo: Senac, 2018.
GATTER, Mark. Produção gráfica para designers. Cotia/SP: Ateliê editorial, 2016.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CAVALCANTE, S. A., CAMPELLO, S. B. Ilustração e Artes Gráficas - Periódicos da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco {1875 - 1939}. São Paulo: Blucher, 2014.
DEMORARR, D. Mestres da Serigrafia, Técnicas e segredos dos melhores artistas internacionais da impressão serigráfica. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

NOME	ÁUDIO-VÍDEO, INTERFACES FÍSICAS E INSTALAÇÃO (LAB)
CH	60
CÓDIGO	CFA0067
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Histórico da modalidade “instalação” no contexto das artes de mídia e computacionais. A instalação em áudio e vídeo na arte contemporânea. Instalações em galerias e espaços públicos. Tecnologias: Arduino, projeção, programação. Video mapping. Arte gerativa e interativa. Análise, concepção, desenvolvimento e produção de instalações em áudio e vídeo interativas, computacionais, multimodais, etc.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

HANHARDT, John G. Bill Viola. São Paulo: Sesc, 2018.
RENNÓ, Raquel; BRUNET, Karla (orgs.). Tropixel: arte, ciência, tecnologia e sociedade. Salvador: EDUFBA, 2015.
TETÉ, Martinho e FARKAS, Solange. VideoBrasil: três décadas de vídeo, arte, encontros e transformações. São Paulo: SESC, 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AMOS, S. W. Tv Rádio e Som - Equipamentos Rádio e Tv. São Paulo: Hemus, 2003
BRAGA, Paula. Arte contemporânea: modos de usar. São Paulo: Elefante Editora, 2021.
MORAN, Patricia (org.). Cinemas transversais. São Paulo: Iluminuras, 2016.
PARENTE, André (org.). Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Edições 34, 1993.
TRIGO. T. Equipamento Fotográfico: Teoria e Prática. São Paulo: Senac-SP, 1998.

NOME	CAPTAÇÃO E EDIÇÃO DIGITAL DE ÁUDIO (LAB)
CH	60
CÓDIGO	CFA0020
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Histórias dos processos de gravação. Técnicas de registro sonoro de voz, instrumentos e ambiente. Microfones e captadores. Pré-amplificadores e interfaces. Plugins. Tratamento de som. Efeitos. Edição.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FAXINA, E. Edição de Áudio e Vídeo. Curitiba: Intersaberes, 2018.
HENRIQUES, F. Guia de Microfonação. Rio de Janeiro: Editora Música & Tecnologia, 2015.
SÁ, Simone Pereira de (org.). Rumos da cultura da música: negócios, estéticas, linguagens e audibilidades. Porto Alegre: Sulina/Globouniversidade, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALVES, L. Fazendo música no computador. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 2020.
--

HERSCHMANN, M. Indústria da música em transição. Barueri/SP: Estação das Letras e Cores, 2010.
SCHAFFER, Murray. OuvirCantar: 75 exercícios para ouvir e criar música. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
VALLE, S. Microfones. Rio de Janeiro: Editora Música & Tecnologia, 2015.

NOME	COR, FORMA, IMAGEM (LAB)
CH	60
CÓDIGO	CFA0004
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Fundamentos do estudo da forma, da cor e da composição das imagens em suas relações teóricas, operacionais e inter-relações no terreno específico das artes visuais e audiovisuais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo; Cengage do Brasil, 2016.
DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 1997
GAGE, John. A cor na arte. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALBERS, Josef. A interação da cor. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
BARROS, L. R. M. A cor no processo criativo: um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe. São Paulo: Senac-SP, 2006.
GOETHE, J.W. A doutrina das cores. 4a. ed. São Paulo: Nova Alexandria Editora, 2013.
IVO, Gonçalo; KARABENICK, Julie. Métrica da cor / Metric of color. ; Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2017.

NOME	CRIAÇÃO E COMPOSIÇÃO SONORA (LAB)
CH	60
CÓDIGO	CFA0068
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

O Laboratório gira em torno de questões da escuta, memória, tempo, corpo, criação, imaginação sonora e notação. Busca a interface com outras linguagens artísticas e tem ênfase no uso de novas tecnologias na criação e composição com sons. Estratégias

pedagógicas (dispositivos) e problemas concretos dão início a projetos de criação e composição, levando a debates, relatos, pesquisas, avaliações, sistematizações, apresentações, em torno dos seguintes temas, que podem ser complementados: técnica e poética, material sonoro, diferença e repetição, rítmica, características e parâmetros do som, o som como processo, intermodalidade e trans/intermídia. Os resultados são compartilhados e apresentados a cada quadrimestre do componente curricular, constituindo-se, quando possível, em projetos de pesquisa do Laboratório.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

SANTAELLA, Lucia. Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal. São Paulo: Iluminuras, 2013.

SCHAEFFER, P. Ensaio sobre o rádio e o cinema: estética e técnica das artes-relé 1941-1942. Texto estabelecido por Carlos Palombini e Sophie Brunet com a colaboração de Jacqueline Schaeffer. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

ZUBEN, Paulo. Música e tecnologia: o som e seus novos instrumentos. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ADOLFO, A. O livro do músico. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale Editores, 2020.

BRITO, T. Hans-Joachim Koellreutter: Idéias de Mundo, de Música, de Educação. São Paulo: Edusp, 2015.

BUDASZ, Rogério (Org.). Criação musical e tecnologias: teoria e prática interdisciplinar. Goiânia: ANPPOM, 2010.

DELALANDE, François. A música é um jogo de criança. São Paulo: Peirópolis, 2019.

CAVALCANTE, Fred Siqueira Criatividade musical: Conceitos e Práticas. São Carlos/SP: EDUFSCAR, 2021

FERRAZ, Silvio. Livro das sonoridades. São Paulo: 7 Letras, 2018.

SCHOEMBERG, A. Fundamentos da Composição Musical. São Paulo: Edusp, 2015.

NOME	CRIAÇÃO EDITORIAL (LAB)
CH	60
CÓDIGO	CFA0013
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Práticas analógicas para o planejamento visual e gráfico. Práticas de escrita e edição. Projeto gráfico e Diagramação. Concepção de publicações. Processos artísticos de produção de impressos. Livros de artistas. Fanzines. Arte Postal. Gráfico Amador. Processos digitais de criação editorial para mídia impressa. Impressão offset e publicação online. Softwares livres e proprietários para editoração eletrônica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PAIVA, Ana Paula Mathias de. A aventura do livro experimental. São Paulo: Edusp, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DONDIS, D. A sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
FUÃO, Fernando Freitas. A collage como trajetória amorosa. Porto Alegre: UFRGS, 2011.
HALUCH, A. Guia Prático de Design Editorial: Criando Livros Completos. Rio de Janeiro: Editora 2AB, 2013.
LUPTON, Ellen. Pensar com tipos: Guia para designers, escritores, editores e estudantes. Tradução de André Stolarski. São Paulo: Ed. Olhares, 2021

NOME	DIREÇÃO E CRIAÇÃO (LAB)
CH	60
CÓDIGO	CFA0086
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

O papel e as funções da direção nas produções artísticas do som, da imagem e da imagem em movimento. Autoria e coletividade na criação artística. Teorias, funções e etapas da realização cinematográfica e televisiva. Criação e direção em projetos de produção gráfica, visual e musical. A expansão do campo das artes visuais e suas influências nas artes do som, do audiovisual, da presença e da literatura.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BOURRIAUD, Nicolas. Pós-produção: Como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
CASTRO, Guilherme. A performance do som: produção e prática musical a partir do conceito de sonoridade. Belo Horizonte: Quixote + Do Editoras Associadas, 2017.
ZETTL, Herbert. Manual de produção de televisão. São Paulo: Cengage do Brasil, 2017.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BERNARDET, Jean-Claude. O autor no cinema: a política dos autores - França, Brasil - Anos 1950 e 1960. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.
BRESSON, Robert. Notas sobre o cinematógrafo. São Paulo: Iluminuras, 2005.
LADDAGA, Reinaldo. Estética da emergência. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
VALLE, Solon do. Manual prático de acústica. Rio de Janeiro: Música & Tecnologia, 2009.
XAVIER, Ismail. Sertão mar: Glauber Rocha e a estética da fome. São Paulo: Editora 34, 2019.

NOME	GRAVAÇÃO, CAPTURA E EDIÇÃO DIGITAL DE VÍDEO (LAB)
CH	60
CÓDIGO	CFA0014

NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Procedimentos de captação de vídeo: gravação, iluminação e áudio. Edição não-linear. Filtros e efeitos. Sincronização de áudio e vídeo. Videocast: roteiro, gravação e edição. Formatos digitais e codecs de vídeo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

JESUS, Adriano Miranda Vasconcelos de. Produção audiovisual. Porto Alegre: SAGAH, 2019.
WATTS, Harris. On Camera: O curso de produção de filmes e vídeos da BBC. São Paulo: Summus Editorial, 1990.
ZETTL, Herbert. Manual de produção de televisão. São Paulo: Cengage do Brasil, 2017.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARMES, Roy. On Video: O Significado do Vídeo nos Meios de Comunicação. São Paulo: Summus Editorial, 1999.
GUZMÁN, Patricio. Filmar o que não se vê: um modo de fazer documentários. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.
MASCELLI, Joseph V. Os cinco Cs da cinematografia. São Paulo: Summus Editorial, 2010.
MURCH, Walter. Num piscar de olhos: a edição de filmes sob a ótica de um mestre. São Paulo: Zahar/Grupo Companhia das Letras, 2004.
PUCCINI, Sérgio. Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção. 8a. reimpressão. Campinas: Papirus Editora, 2021.

NOME	ILUSTRAÇÃO (LAB)
CH	30
CÓDIGO	CFA0023
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Conceitos e ideias associadas à técnica, suportes e materiais para ilustração. A relação intersemiótica texto-imagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FLUSSER, Vilém. O mundo codificado - por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: UBU, 2017.
FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DERDIK, Edith. Formas de Pensar o Desenho. São Paulo: Panda Books, 2020.
--

STEVE, C. O Essencial da Ilustração. São Paulo: Senac-SP, 2012.

NOME	IMAGEM FOTOGRÁFICA (LAB)
CH	60
CÓDIGO	CFA0069
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Introdução à imagem técnica em seus aspectos históricos, conceituais e técnicos. Exploração de processos, materiais e equipamentos em abordagens diferenciadas. A imagem fotográfica do analógico ao digital. A imagem fotográfica nas redes sociais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARTHES, Roland. A Câmera Clara: Nota sobre a fotografia. 5. ed. Trad. Júlio Castanõn Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
--

DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 2012.

ROUILLÉ, André. A fotografia: entre documento e arte contemporânea. São Paulo; Ed. Senac, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FOLTS, James A. Manual de fotografia. Cengage Learning, 2011.

JESUS, Samuel de. Saudade. Da poesia medieval à fotografia contemporânea, o percurso de um sentimento ambíguo. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

PALACIN, Vitché. Fotografia teoria e prática. São Paulo: Saraiva, 2008.

SANTAELLA, Lucia. Percepção fenomenologia, ecologia, semiótica. São Paulo: Cengage Learning, 2016.
--

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.
--

TRIGO. T. Equipamento Fotográfico: Teoria e Prática. São Paulo: Senac-SP, 1998.

NOME	LITERATURA E CINEMA: ESTUDOS DE TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA E ROTEIRIZAÇÃO
CH	30
CÓDIGO	CFA0024
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Estudo da tradução entre signos através das chamadas adaptações fílmicas, ou das traduções da literatura para o meio audiovisual. Especial atenção à questão do roteiro e das estratégias tradutórias.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. A arte do cinema: uma introdução. São Paulo: EDUSP, 2014.
PLAZA, Júlio. Tradução intersemiótica. São Paulo: Perspectiva, 1987.
SANTAELLA, Lucia. Semiótica aplicada. 2. São Paulo: Cengage Learning, 2018.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AMORIM, Lauro Maia. Tradução e adaptação. São Paulo: UNESP, 2005.
MARTINS, Ricardo André Ferreira (org.). Literatura e Cinema: interartes, intersemiose, intermedialidade e transmedialidade. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2015.
SANTAELLA, Lucia. Matrizes da linguagem e pensamento sonora visual verbal: aplicações na hipermídia. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.
SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos; MATOS, Edilene; SEGOLIN, Fernando. Cinema e literatura: narrativas poéticas. Salvador: EDUFBA, 2013.
STAM, Robert. A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NOME	LUZ E ESPAÇO
CH	30
CÓDIGO	CFA0085
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Possibilidades de criação artística com a luz e o espaço. Instalações artísticas e montagem de exposições. Iluminação para a fotografia e audiovisual. Exercícios práticos com luz e espaço.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAMARGO, Roberto Gill. Função estética da luz. São Paulo: Perspectiva, 2012.
PRAKEL, David. Iluminação. Porto Alegre: Editora Grupo A Bookman, 2015.
SILVA, Mauri Luiz da. Luz, lâmpadas e iluminação. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2014.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CAMARGO, R. Conceito de Iluminação Cênica. Rio de Janeiro: Editora Música & Tecnologia, 2012.
DULTRA, P. Em - Cena O Iluminador. Rio de Janeiro: Editora Música & Tecnologia, 2012.

LEAL, Dodi. Luzvesti: iluminação cênica, corpomídia e desobediências de gênero. Salvador: Editora Devires, 2018.

TUDELLA, Eduardo. A luz na gênese do espetáculo. Salvador: EDUFBA, 2017.

NOME	MIXAGEM E MASTERIZAÇÃO (LAB)
CH	60
CÓDIGO	CFA0073
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Procedimentos técnicos e artísticos de mixagem e masterização. Princípios de utilização de hardwares e softwares de áudio. Efeitos. Combinações de sistemas acústicos, sistemas MIDI e sistemas de áudio digital.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

HENRIQUES. F. Guia de Mixagem 2, Os instrumentos. Rio de Janeiro: Editora Música & Tecnologia, 2008

HENRIQUES. F. Guia de Mixagem 3 Mixando gravações ao vivo e Surround 5.1. Rio de Janeiro: Editora Música & Tecnologia, 2012.

HENRIQUES. F. Guia de Mixagem. Rio de Janeiro: Editora Música & Tecnologia, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GUIGUE, Didier. Estética da Sonoridade. São Paulo: Perspectiva, 2011.

NOME	MONTAGEM E EDIÇÃO (LAB)
CH	60
CÓDIGO	CFA0074
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Teorias, conceitos e princípios básicos da montagem e aplicações práticas. Montagem e produção de sentido e narrativa. Metodologia de trabalho, tecnologia de execução, processos de montagem e edição, interação com outras fases da produção audiovisual. Montagem e edição no cinema de animação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MURCH, Walter. Num piscar de olhos: a edição de filmes sob a ótica de um mestre. São Paulo: Zahar/Grupo Companhia das Letras, 2004.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LETÉ, Anne; e APPENZELLER, Marina. Ensaio sobre a Análise Fílmica. 8a. reimpressão. Campinas: Papirus Editora, 2021.

VIÉRTOV, Dziga. Cine-Olho: manifestos projetos e outros escritos. Tradução Luis Felipe Labaki. São Paulo: Editora 34, 2022.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CARVALHO, Vinicius Augusto. Efeitos visuais de transição na montagem cinematográfica. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2018.

EDGAR-HUNT, Robert; MARLAND, John; RAWLE, Steven. A Linguagem do Cinema. Porto Alegre: Editora Grupo A Bookman, 2013.

EISENSTEIN, Sergei. O sentido do filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ELSAESSER, Thomas; HAGENER, Malte; e MARTINS, Mônica Saddy. Teoria do cinema: uma introdução através dos sentidos. 1a. reimpressão. Campinas: Papirus Editora, 2021.

GENARO, Ednei de. Harun Farocki. Curitiba: Editora CRV, 2018.

XAVIER, Ismail (org.). A experiência do cinema: antologia. Rio de Janeiro: Paz & Terra/Grupo Editorial Record, 2018.

NOME	OFICINA: PRÁTICAS EM ARTES GRÁFICAS
CH	30
CÓDIGO	CFA0028
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Conhecimento das técnicas de impressão relacionados às artes gráficas. Práticas analógicas e digitais das artes gráficas. Aspectos históricos, conceituais e técnicos de processos de impressão como a Gravura em Metal, a Xilogravura, a Litografia e a Serigrafia. Manejo de prensas, tipografias e tipos móveis. Uso de elementos gráficos enquanto recurso compositivo. Tratamentos de imagem, no que tange seu formato, resolução e aplicação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

HOLLIS, R. Design Gráfico - uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MENDONÇA, L. Qualificação Técnica em Design Gráfico. Bauru/SP: Viena, 2014.

WOLF, P. Dicionário Design Gráfico - Um dicionário visual de termos para um design global. São Paulo: Blucher, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

SANNA, A. Artes Gráficas. São Paulo: Loft, 2010.

VILLAS-BOAS, Andre. Produção gráfica para designers. São Paulo: Editora 2AB, 2016.

VIT, A. GOMEZ-PALACIO, B. A referência no Design gráfico. Um Guia Visual para a Linguagem, Aplicações e História do Design. São Paulo: Blucher, 2011.

NOME	OFICINA: PRÁTICAS EM CRIAÇÃO SONORA
CH	30
CÓDIGO	CFA0007
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

A Oficina busca aproximar estudantes de questões importantes nas práticas de criação com sons presentes na arte contemporânea, em diferentes mídias. Partindo do planejamento participativo, com grande atenção ao tempo disponível, deve cobrir práticas e construção de conhecimento em torno de três ou mais dos seguintes temas: criação com sons em diferentes culturas; canções; música instrumental; improvisação; música experimental; arte sonora; trilha sonora (cinema, dança, teatro, intermídia); ambientação sonora; paisagem sonora; soundwalks; música eletrônica e mista; técnicas da performance com dispositivos, instrumentos e vozes. Espera-se que as práticas possam incluir técnicas de: microfonação de vozes, instrumentos, cenas e ambientes; gravação, edição e mixagem; processamentos (efeitos) e síntese sonora; difusão e espacialização do som (estéreo e multicanal, incluindo cinemas); construção de dispositivos sonoros.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARAGON, L. Improvisação Livre: Política da Música e Experimentação Musical. Curitiba: Apris, 2012.
COSTA, R. Música errante: o jogo da improvisação livre. São Paulo: Perspectiva, 2016.
SCHAFFER, R. Murray. O Ouvido Pensante. São Paulo: UNESP, 1991.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

SOARES, Lisbeth. Música, educação e inclusão reflexões e práticas para o fazer musical. Curitiba: InterSaberes, 2020.
VELOSO, Flávio Denis Dias. Improvisação e o ensino de música aportes à prática docente. Curitiba: InterSaberes, 2020.

NOME	OFICINA: PRÁTICAS EM FOTOGRAFIA E VÍDEO
CH	30
CÓDIGO	CFA0051
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Linguagem audiovisual/cinematográfica. Experimentação com elementos visuais e sonoros, montagem e plano. Novas configurações da produção audiovisual: trabalho individual ou pequenas equipes. Exercícios com câmera. Linguagem aplicada à realização de produtos audiovisuais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

JESUS, Adriano Miranda Vasconcelos de. Produção audiovisual. Porto Alegre: SAGAH, 2019.
ROUILLE, André. A fotografia: entre documento e arte contemporânea. São Paulo; Ed. Senac, 2009.
WATTS, Harris. On Camera: O curso de produção de filmes e vídeos da BBC. São Paulo: Summus Editorial, 1990.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARMES, Roy. On Video: O Significado do Vídeo nos Meios de Comunicação. São Paulo: Summus Editorial, 1999.
AUMONT, Jacques e Michel MARIE. Dicionário teórico e crítico de cinema. 7a. rempressão. Campinas: Papyrus Editora, 2020
DROGUETT, Juan e Adriano MIRANDA. Dicionário audiovisual. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2022.
DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Papyrus, 2012.
PINTO, Ivonete. Cinemas periféricos: estéticas e contextos não hegemônicos. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2021.
ZETTL, Herbert. Manual de produção de televisão. São Paulo: Cengage do Brasil, 2017.

NOME	PRÁTICAS DO DESENHO (LAB)
CH	60
CÓDIGO	CFA0005
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

O desenho como instrumento para ver e entender o mundo. Observação das coisas, dos corpos, dos espaços. Entendimento das formas e das estruturas pela observação atenta assistida pelo desenho. O desenho como instrumento para investigar e projetar o mundo. Organização e projeto dos objetos e dos espaços pelo desenho. O desenho, como veículo construtor de ideias visuais. O desenho como pensamento.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo; Cengage do Brasil, 2016.
PARRAMON EDICIONES . Fundamentos do desenho artístico. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
PHILP, Beverly; PIYASENA, Sam. Desenhe! Trad. Fatima Finizola. São Paulo: Gustavo Gili Brasil, 2015.
SANMIGUEL. D. Desenho de Perspectiva. São Paulo: Ambientes e Costumes, 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

EDWARDS, B. Desenhando com o Lado Direito do Cérebro: Um curso para estimular a criatividade e a confiança artística. São Paulo: NVersos, 2021.
RAMOS, G. Desenho de Observação. Curitiba: InterSaberes, 2022.
TIBURI, Márcia; CHUI, Fernando. Diálogo / desenho. São Paulo ; Senac SP, 2010.
WONG, Wucius. Princípios e formas de desenho. 2a edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

NOME	PROJETO E PRODUÇÃO
CH	60
CÓDIGO	CFA0075
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Articulação entre projeto artístico e produção. Planejamento e execução. Criação e conceituação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FREIRE, Paulo: Ação cultural para liberdade e outros escritos. 12a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
TEIXEIRA COELHO, José. Dicionário crítico de política cultural. São Paulo: Iluminuras, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CEREZUELA, David Roselló. Planejamento e avaliação de projetos culturais: da ideia à ação. São Paulo: Edições Sesc, 2016.
OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Cultura e patrimônio: um guia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
SAMPAIO, Daniele. Elaboração de projetos para o desenvolvimento de agentes e agendas. Belo Horizonte: Javali, 2021.

NOME	PUBLICAÇÃO, EXIBIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO (LAB)
CH	30
CÓDIGO	CFA0076
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Processos de publicação e distribuição dos produtos das artes do som, da imagem e da imagem em movimento. Recursos analógicos e digitais. Circuitos e serviços de distribuição da arte, das galerias à internet. Circuitos alternativos de distribuição da imagem, da imagem em movimento e do som.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BEIGUELMAN, Giselle; MAGALHÃES, Ana Gonçalves. Futuros possíveis: arte, museus e arquivos digitais. São Paulo: Peirópolis: Edusp, 2014.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

PARENTE, André (org.). Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Edições 34, 1993.

NOME	ROTEIRO E NARRATIVAS EM IMAGEM, SOM E HIPERMÍDIA (LAB)
CH	60
CÓDIGO	CFA0077
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Análise de roteiros: o conteúdo, as imagens, as palavras, os efeitos e elementos sonoros, o silêncio, a música, os planos, as personagens. Construção de roteiros no trabalho com o som, a imagem, a imagem em movimento e em ambientes hipermídia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COMPARATO, Doc. Da criação ao roteiro: teoria e prática. São Paulo: Summus Editorial, 2018.

FIELD, Syd. Manual do roteiro. Tradução Alvaro Ramos. São Paulo: Objetiva/Grupo Companhia das Letras, 1995.

PARAIZO, Lucas. Palavras de roteirista. São Paulo: SENAC/SP, 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANTERO, Kalyenne de Lima e Matheus Rodrigues de MELO. Roteiro e storyboard. Curitiba: Editora InterSaberes, 2021.

GUIMARAES, Roberto Lyrio Duarte. Primeiro Traço: Manual Descomplicado de Roteiro. Salvador: Edufba, 2009.

MACIEL, Luis Carlos. O poder do clímax: fundamentos do roteiro de cinema e TV. São Paulo: Giostri, 2017.

MCKEE, Robert. Diálogo: a arte da ação verbal na página, no palco e na tela. Tradutor Irineo Baptista Netto. Curitiba: Arte & Letra, 2018.

MCKEE, Robert. Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Tradutor Chico Marés. Curitiba: Arte & Letra, 2018.

PEDROSO, Eclia. É preciso pensar: manual prático de roteiro. São Paulo: SESI-SP editora, 2016.
--

NOME	SONS E MATERIALIDADES (LAB)
CH	30
CÓDIGO	CFA0078
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

O curso cobre os tópicos abaixo, em ordem de prioridade (não-cronológica), e acontece preferencialmente no ambiente do FabLab. Dispositivos analógicos de produção sonora, eletrônicos e mecânicos: luteria. Hardware hacking e eletrônica básica. Transdução e eletricidade: captação, amplificação, gravação e difusão. Digitalização e materialidades: softwares, processamento digital, síntese sonora e emulação de dispositivos analógicos. Modos de vibração nos sólidos, gases e líquidos, orgânicos e inorgânicos: experimentos práticos; modelos físicos e matemáticos (não-lineares). Som: características e parâmetros, medições, (re)conhecimento pela escuta e memória (complexidade). Gambiarra na arte contemporânea brasileira (Gambiarrologia). O uso da sonificação de dados na pesquisa científica. Explora diferentes relações entre som e matéria, chegando à construção de dispositivos sonoros (constituem acervo para as Equipes de Aprendizagem Ativa), produtos concretos de processos criativos nessa interface. Entrelaça teoria e prática de maneira coerente e efetiva na construção e uso dos dispositivos, do ponto de vista do ensino-aprendizagem acerca do som e suas materialidades. As atividades constituem oportunidade de configurar projetos e de interagir com a educação básica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BANZI, M. Primeiros Passos com o Arduino: A Plataforma de Prototipagem Eletrônica Open Source. São Paulo: Novatec Editora, 2015.
DEWEY, J. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
SCARASSATTI, Marco Antônio Farias. Walter Smetak, o alquimista dos sons. São Paulo: Perspectiva/SESC-SP, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRAGA, N. Brincadeiras e Experiências com Eletrônica - volume 9. Joinville/SC: Clube dos Autores Publicações, 2016.
BRAGA, N. Fundamentos de Som e Acústica - curso de eletrônica. Joinville/SC: Clube dos Autores Publicações, 2015.
CAMPOS, Augusto de. Música de Invenção 2. São Paulo: Perspectiva, 2016.
CAMPOS, Augusto de. Música de Invenção. São Paulo: Perspectiva, 2007.
KARVINEN, K. Primeiros passos com sensores. São Paulo: Novatec Editora, 2014.

NOME	TÉCNICAS DE ANIMAÇÃO (LAB)
CH	60

CÓDIGO	CFA0079
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

História da animação, sua linguagem, técnica e processo evolutivo até a contemporaneidade. Introdução aos diversos processos de animação (desenho, stop motion, recorte, areia, massa, pixilation, animação digital etc.). Técnicas para a síntese de movimento através dos princípios da animação. Noções de dramaturgia para prática de elaboração de roteiros. Roteiro visual (storyboard e animatics).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BAHIA, A. e BAHIA, S. História da animação. Curitiba: InterSabereres, 2021.
WELLS, Paul. Desenho para animação. Porto Alegre: Editora Grupo A Bookman, 2012.
WILLIAMS, Richard. Manual de animação. Senac, 2016.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BUCCINI, Marcos. História do Cinema de Animação em Pernambuco. Recife: Serifa Fina, 2017.
CHONG, Andrew. Animação digital. Porto Alegre: Editora Grupo A Bookman, 2011.
PURVES, Barry. Stop-Motion. Porto Alegre: Editora Grupo A Bookman, 2011.
QUEIROZ, Carlos Wagner de et al. Animação digital 2D. Porto Alegre: Editora Grupo A Bookman, 2021.
SOARES, Wellington. Motion Graphics. Curitiba: Editora Intersabereres, 2021.

NOME	TIPOGRAFIA (LAB)
CH	30
CÓDIGO	CFA0080
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

A história dos tipos. Desenho de tipos e letras. Softwares para desenho de tipos. Técnicas de desenho de letras. A tipografia e a letra enquanto recurso expressivo e compositivo. A palavra e a imagem em processos de criação artísticos e gráficos. A linguagem visual da tipografia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AMBROSE, Gavin, HARRIS, Paul. Tipografia. Porto Alegre: Editora Grupo A Bookman, 2011.
CARA, Milene; et. al. Tipografia vernacular urbana. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2010.
HOCHULI, Jost. O detalhe na Tipografia. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FRUTIGER, A. Sinais e símbolos. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
LUPTON, Ellen. Pensar com tipos. São Paulo: Olhares, 2021.
SPIEKERMAN, E. A Linguagem Invisível da Tipografia. São Paulo: Blucher, 2011.

NOME	TRILHA SONORA E DESENHO DE SOM (LAB)
CH	60
CÓDIGO	CFA0081
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Estudos das diferentes possibilidades de diálogo entre sons e imagens. O som enquanto imagem e a imagem enquanto som. Análise e criação de roteiros sonoros para obras audiovisuais e cênicas (teatro, dança, circo, performances).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MÁXIMO, João. A música do cinema. São Paulo: Rocco, vol. 1. 2004.
SCHAFER, R. Murray. A afinação do mundo. São Paulo: UNESP, 2001.
ZUBEN, Paulo. Música e tecnologia: o som e seus novos instrumentos. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

IAZZETTA, Fernando. Música e mediação tecnológica. São Paulo: Perspectiva, 2009, 232p.
MAIA, Guilherme; SERAFIM, José Francisco (org.). Ouvir o documentário: vozes, música, ruídos. Salvador: EdUFBA, 2015.
MENDES, Gilberto. Música: cinema do som. São Paulo: Perspectiva, 2013.
MOURA, F. Trilhas sonoras: entre o mundo encantado e a vida real. Rio de Janeiro: Editora Música & Tecnologia, 2017.
PINTO, B. e SARMENTO, C. Desenho de Som. Curitiba: InterSaberes, 2021.

NOME	VÍDEO MUSICAL: A IMAGEM PARA O SOM (LAB)
CH	60
CÓDIGO	CFA0082
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

As influências precursoras do videoclipe do cinema de atrações à videoarte. A questão das apropriações artísticas e da intertextualidade. A construção imagética dos artistas musicais. Os tipos de performance no videoclipe. Marcas artístico-expressivas e autorais. Principais realizadoras/es no formato. As formas expandidas de videoclipes na internet.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARMES, Roy. On Video: O Significado do Vídeo nos Meios de Comunicação. São Paulo: Summus Editorial, 1999.
HOLZBACH, Ariane Diniz. A invenção do videoclipe: a história por trás da consolidação de um gênero audiovisual. Curitiba: Editora Appris, 2016.
OLIVEIRA, Amanda Cássia Novais de. A montagem e sua construção de sentidos no videoclipe. Florianópolis: Editus UESC Ed. 2020.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALCANTARA, João André e JANOTTI Jr., Jeder. O videoclipe na era pós-televisiva: questões de gênero e categorias musicais nas obras de Daniel Peixoto e Johnny Hooker. Curitiba: Editora Appris, 2018.
FRIEDLANDER, Paul. Rock and Roll: Uma história social. Tradução: A. Costa. Rio de Janeiro: Record, 2002. 366-387 p.
MAIA, Guilherme; SERAFIM, José Francisco (org.). Ouvir o documentário: vozes, música, ruídos. Salvador: EdUFBA, 2015.
PEREIRA DE SÁ, Somine. Música pop-periférica brasileira: videoclipes, performances e tretas na cultura digital. Curitiba: Editora Appris, 2021.

22.1.4 OPTATIVOS DO ACC

NOME	A LINGUAGEM DA LUZ NAS ARTES DO CORPO
CH	60
CÓDIGO	CFA0063
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Teoria e prática da iluminação cênica. Princípios básicos de eletricidade, de desenho e de colorização para a cena. Projeto de iluminação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAMARGO, Roberto Gill. Função estética da luz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. 174 p. (Coleção estudos ; v. 307).
LEAL, Dodi. LUZVESTI: iluminação cênica, corpomídia e desobediências de gênero. Salvador: Devires, 2018.

SANTANA, Marcelo Augusto. Haja luz: manual de iluminação cênica. Brasília: SENAC DF, 2015.
--

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Cengage Learning, 2017.
--

DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem visual. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GUERRINI, Délio Pereira. Iluminação teoria e projeto. 2. São Paulo: Erica 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
--

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção e leitura. São Paulo: Ubu, 2018
--

NOME	ESTUDOS SOBRE CENOGRAFIA E FIGURINO
CH	60
CÓDIGO	CFA0030
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Principais modalidades do espaço cênico; possibilidades da cena aberta e cena fechada; espacialização – modos da arte operar no espaço; dispositivos cênicos e adereços como operadores do espaço cenográfico. Reflexões sobre indumentária e composição cênica: usos, funções, aspectos e principais concepções. Laboratório teórico-prático que deve perpassar processo/proposição e experimento de propostas de realização, de preferência atrelada a algum laboratório cênico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANCHIETA, José de. Cenograficamente: da cenografia ao figurino. São Paulo: Edições SESC, 2015.
--

HOWARD, Pamela. O que é cenografia?. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015.

SERRONI, José Carlos. Cenografia brasileira: notas de um cenógrafo. São Paulo: Sesc São Paulo, 2013.
--

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CABALLERO, Ileana Diéguez. Cenários liminares: teatralidades, performances e política. Uberlândia: EDUFU, 2016.

DENNY, Marcelo. Cenografia digital na cena contemporânea. São Paul: Editora AnnaBlume, 2019.
--

VIANA, Fausto. Figurino e cenografia para iniciantes. São Paulo: Editora Estação das Letras, 2014.
--

VIANA, Fausto (ORG.) Diário das escolas: cenografia PQ'11. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2011.

VIANA, Fausto. Figurino Teatral e as renovações do século XX. São Paulo: editora Estação das Letras, 2010.
--

NOME	OFICINA DE CANTO PARA A CENA
CH	30

CÓDIGO	CFA0042
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Exercícios de técnica e expressão vocal com foco na voz cantada. Tonicidade, equilíbrio, posturas, apoios corpóreos no trabalho vocal do ator e cantos. Projeção, ressonância, modulação, elasticidade, agilidade, ritmo. Adequação da voz ao espaço cênico. Construção de rotinas de estudo e treinamento para o canto. Compreensão e vivência da expressão do corpo em cena na relação entre música, canto, palavra e movimento.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GUBERFAIN, Jane Celeste (org.). Voz em cena. Volume 1. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.
GUBERFAIN, Jane Celeste e LIGNELLI, César (org). Práticas, Poéticas e Devaneios Vocais. Rio de Janeiro: Synergia, 2018.
MATOS, C.N., TRAVASSOS, E. & MEDEIROS, F. T.. Palavra cantada: Ensaio sobre poesia, música e voz. Rio de Janeiro, Editora 7 Letras, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALEIXO, Fernando (Org.) Práticas e poéticas vocais. Uberlândia: EDUFU, 2014.
CARVALHO, Letícia. Um Canto que é Escuta. Rio de Janeiro: Synergia, 2019.
CHAVES, Marcos Machado. De trilhas sonoras teatrais a preparações musicais para atores. Rio de Janeiro: Synergia, 2021.
GAYOTTO, Lucia Helena. Voz-Partitura da ação. São Paulo: Summus, 1997.
LIGNELLI, César. Sons em cena: parâmetros do som. Brasília: Editora Dulcina, 2014.
LUCAS, Glaura. Os sons do rosário: o congado mineiro dos arturos e Jatobá. Vol. 86. Editoria UFMG, 2002.

NOME	OFICINA DE LEITURA EXPRESSIVA E NARRAÇÃO ORAL
CH	30
CÓDIGO	CFA0029
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Introdução às poéticas da voz. Exercícios de leitura expressiva e narração oral. Exercícios de técnica e expressão vocal com foco na voz falada. Tonicidade, equilíbrio, posturas, apoios corpóreos no trabalho vocal do ator e cantos. Projeção, ressonância, modulação, elasticidade, agilidade, ritmo. Adequação da voz ao espaço cênico. Obs: Componente essencialmente prático que deve perpassar processo/proposição e experimento de propostas de realização, de preferência atrelada a algum Laboratório cênico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FARIA, Alessandra Ancona de. Contar histórias com o jogo teatral. São Paulo: Perspectiva, 2011.
PIOVEZANI, Carlos. Verbo, corpo e voz: Dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia. São Paulo: 34, 2019.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

D'ALVA, Roberta Estrela. Teatro Hip-hop. São Paulo: Perspectiva, 2014.
GAYOTTO, Lucia Helena. Voz partitura da ação. 4. ed. São Paulo: Plexus, 2015.
GRANDO, Monica Andrea. O gesto vocal. São Paulo: Perspectiva, 2015.
QUINTEIRO, Eudisia Acuña. Estéticas da voz - Uma voz para o ator. São Paulo: Plexus, 2007.
STOREY, John. Teoria cultural e cultura popular: Uma introdução. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

NOME	OFICINA DE POÉTICAS DA ORALIDADE
CH	30
CÓDIGO	CFA0055
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Poéticas de criação em torno da oralidade. A experiência dos repentistas, cordelistas, partideiros, sambistas e rappers. A oralidade sob a perspectiva da memória. Performatividade e enunciação: a questão dos atos de fala. Relações entre performance, oralidade e corpo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

D'ALVA, Roberta Estrela. Teatro Hip-hop. São Paulo: Perspectiva, 2014.
FARIA, Alessandra Ancona de. Contar histórias com o jogo teatral. São Paulo: Perspectiva, 2011.
MACHADO, Sílvia De Ambrosio Pinheiro. Canção de Ninar Brasileira. São Paulo: EdUsp, 2017.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. A voz e o sentido: Poesia oral e sincronia. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
GRANDO, Monica Andrea. O gesto vocal. São Paulo: Perspectiva, 2015.
PIOVEZANI, Carlos. Verbo, corpo e voz: Dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
QUINTEIRO, Eudisia Acuña. Estética da voz - Uma voz para o ator. São Paulo: Plexus, 2007.

NOME	OFICINA DE TÉCNICA E EXPRESSÃO VOCAL
CH	30
CÓDIGO	CFA0015
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Exploração de recursos corpo-vocais para potencializar criação e expressão vocal em cena. Fisiologia e uso da voz: respiração, dicção, relaxamento. Ação vocal. Dinâmicas da voz no tempo e no espaço.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GAYOTTO, Lucia Helena. Voz-Partitura da ação. São Paulo: Summus, 1997.
GRANDO, Monica Andrea. O gesto vocal. São Paulo: Perspectiva, 2015.
VARGENS, Meran. A voz articulada pelo coração: ou a expressão vocal para o alcance da verdade cênica. São Paulo: Perspectiva, Salvador: PPGAC/UFBA, 2013

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MACHADO, Sílvia De Ambrosio Pinheiro. Canção de Ninar Brasileira. São Paulo: EdUsp, 2017.
QUINTEIRO, Eudisia Acuña. Estética da voz - Uma voz para o ator. São Paulo: Plexus, 2007.
SOUCHARD, Philippe Emmanuel. Respiração. São Paulo: Summus Editorial, 1989.
VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia. São Paulo: 34, 2019.

NOME	TECNOLOGIAS DO SOM E DA IMAGEM APLICADAS À CENOGRAFIA, INSTALAÇÕES E AMBIENTAÇÕES
CH	60
CÓDIGO	CFA0059
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Teoria e prática da criação sonora para a cena. Teoria e prática da cenografia com o uso de imagens digitais. A cenografia virtual nas artes cênicas. Projeto de cenografia com o uso de imagens digitais para a cena. Projeto de som e imagem para instalação e ambientação. Criação e produção cenográfica. Criação e produção sonora para ambientação e instalação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAMARGO, Roberto Gill. Função estética da luz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SERRONI, José Carlos. Cenografia brasileira: notas de um cenógrafo. São Paulo: Sesc São Paulo, 2013.
TRAGTENBERG, Livio. Música de cena: dramaturgia sonora. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GUERRINI, Délio Pereira. Iluminação teoria e projeto. 2. São Paulo Erica 2008.
LEAL, Dodi Tavares Borges. Luzvesti: Iluminação cênica, corpomídia e desobediência de gênero. Salvador: Devires, 2018.
SANTANA, Marcelo Augusto. Haja luz: manual de iluminação cênica. Brasília: SENAC DF, 2015.
TREGENZA, Peter. Projeto de iluminação. 2. Porto Alegre Bookman 2015.
WISNIK, José Miguel. O som e o sentido: uma outra história das músicas. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NOME	VIDEODANÇA E VÍDEO-PERFORMANCE
CH	60
CÓDIGO	CFA0026
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

História e conceito do videodança. Os principais festivais e mostras de videodança. Experimentação e introdução à prática da criação em videodança. A Live vídeo performance art e seus expoentes.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COHEN, Renato. Performance como linguagem: criação de um tempo de experimentação. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
KATZ, Helena; GREINER, Christine (Org.). Arte e cognição: corpomídia, comunicação, política. São Paulo: Annablume, 2015.
SANTANA, Ivani. Dança na Cultura Digital. Salvador: EDUFBA, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALEXANDRE, Marcos Antonio (Org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
GOLDBERG, RoseLee; CAMARGO, Jefferson Luiz. A arte da performance: do futurismo ao presente. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
PARENTE, André. Imagem Máquina – a era das tecnologias. Ed 34. 2011.
RYNGAERT, Jean-Pierre. Ler o teatro contemporâneo. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
SHARP, Willoughby. Videoperformance. Trad. de Ana Ban. eRevista Performatus, Inhumas, ano 1, n. 6, set. 2013.

22.2 COMPONENTES CURRICULARES DO PRIMEIRO CICLO

22.2.1 OBRIGATÓRIOS

NOME	ALTERIDADE E CINEMA NAS AMÉRICAS
CH	60
CÓDIGO	CFA0106
EQUIVALÊNCIA	((IJA0091) OU (IPF0091) OU (ISC0091))
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

Imagem, diversidade e alteridade nas Américas. Estéticas do cinema nas Américas e seus processos de descolonização. Cinema ameríndio e afro-latino-americano. Cartografia dos sujeitos e circuitos do cinema nas Américas e, em especial, na região sul da Bahia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BERNARDET, Jean-Claude. Cineastas e Imagens do Povo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
BRASIL, André. Formas do antecampo: performatividade no documentário contemporâneo brasileiro . Revista Famecos, Porto Alegre, v. 20, n. 3, set./dez. 2013.
CARELLI, Vincent. Cineastas indígenas: Um outro olhar. Guia para professores e alunos . Olinda, Vídeo nas aldeias, 2010.
ROCHA, Glauber. O século do cinema. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.
XAVIER, Ismail. Alegorias do subdesenvolvimento: cinema novo, tropicalismo, cinema marginal. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AUMONT, Jacques. O olho interminável: cinema e pintura. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
AVELLAR, José Carlos. A Ponte Clandestina: teorias de cinema na América Latina. São Paulo : Ed. 34, 1995.
COMOLLI, Jean-Louis. Ver e poder: a inocência perdida; cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte; EdUFMG, 2008.
GAUDREAU, André; JOST, François. A narrativa cinematográfica. Trad. Adalberto Müller, Ciro Inácio Marcondes, Rita Jover Faleiros. Brasília: EdUnB, 2009.
GAUTHIER, Guy. O documentário: um outro cinema. Trad. Eloisa de Araújo Ribeiro. Campinas: Papirus, 2011.
MIGLIORIN, Cezar (Org.). Ensaio no real: o documentário brasileiro hoje. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.
STAM, Robert. Introdução à teoria do cinema. 2. ed. Trad. Fernando Mascarello. Campinas: Papirus, 2003.
STAM, Robert. Multiculturalismo tropical: uma história comparativa da raça na cultura e no cinema brasileiros. São Paulo: Edusp, 2008.

NOME	ARTE E TECNOLOGIA
CH	60
CÓDIGO	CFA0120
EQUIVALÊNCIA	((IJA0082) OU (IPF0082) OU (ISC0082))
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

Arte e tecnologia: conceitos, história, usos, debates. A tecnologia no ensino-aprendizagem da arte. Projetos artísticos com novas tecnologias: recursos, possibilidades, aplicação. Softwares, microcontroladores, atuadores, transdutores, circuitos integrados, hardware hacking e outros recursos. Dispositivos analógicos e digitais, em diferentes formas de expressão artística. Aspectos criativos, poéticos e estéticos no uso de meios eletrônicos em qualquer área do conhecimento. Projetos de criação voltados para problemas concretos: imaginação, organização, execução e avaliação do processo e de seus resultados. Olhar complexo sobre processos dessa natureza na criação, na educação e na pesquisa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAESAR, Rodolfo. Sujeito e objeto em loop: escutar nas entrelinhas . Anais do III SIMPOM. Rio de Janeiro: UNIRIO/PPGM, 2014.
MACHADO, Arlindo. Arte e mídia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
OBICI, Giuliano L. e FENERICH, Alexandre S. Jardim das Gambiarras Chinesas: uma prática de montagem musical e bricolagem tecnológica . Juiz de Fora: II Encontro Internacional de Música e Arte Sonora, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BERNARDINO, Paulo. Arte e tecnologia: intersecções . In: ARS (São Paulo) [online]. 2010, v.8, n.16, p. 39-63.
BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. Buenos Aires: Hidalgo, 2008.
GALEB, Maria da Glória; SOUZA, Adriana Teles de; LEITE, Elisangela Christiane de P.; GOMES, Fabrícia Cristina. Tecnologia e Arte: cruzamentos possíveis para uma reflexão acerca do ensino contemporâneo . In: Anais do IX ANPED Sul, agosto 2012, Caxias do Sul, RS.
IAZZETTA, Fernando. Música e mediação tecnológica. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2009.
ROSA, Ricardo. Gambiarra: alguns pontos para se pensar uma tecnologia recombinante . Cadernos Video Brasil 02. São Paulo: SESC-SP, 2006.

NOME	ARTE, HISTÓRIA E HISTORICIDADE NAS AMÉRICAS
CH	30
CÓDIGO	CFA0133
EQUIVALÊNCIA	((IJA0175) OU (IPF0175) OU (ISC0175))

NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

A história da arte nas Américas a partir de discussões sobre modos de historicizar a produção artística, mobilizando, ao mesmo tempo, a diversidade de temporalidades encontrada no continente. Partindo de uma crítica à história linear, progressiva e teleológica – exemplificada em numerosos discursos das vanguardas da primeira metade do século XX – pretende-se explorar e experimentar outras formas de agenciar discursos da história da arte, tais como: circularidade das mitologias, desfragmentação pós-moderna e a noção de hibridização.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BENJAMIN, Walter. Walter Benjamin: Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1989.
CANCLINI, Nestor G. Culturas híbridas. São Paulo: Edusp, 1997.
DE CERTEAU, Michel. A escrita da História . Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BORGES, Jorge Luis. Nova refutação do tempo. In: _____. Outras inquisições. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
CHESNEAUX, Jean. As armadilhas do quadripartismo. São Paulo: Ática, 1995.
COLI, Jorge. Primeira missa e invenção da descoberta. In: NOVAES, Adauto (Org.). A descoberta do homem e do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
GINZBURG, Carlo. Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo; Companhia das Letras, 2001.
SCWHARTZ, Jorge. Vanguardas Latino-Americanas. São Paulo: Edusp, 2008.
VIANNA, Hermano. O Mistério do Samba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Editora UFRJ, 2004.

NOME	ARTES E COMUNICAÇÃO NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS
CH	30
CÓDIGO	CFA0132
EQUIVALÊNCIA	((IJA0174) OU (IPF0174) OU (ISC0174))
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

Estudo das formas artísticas das sociedades contemporâneas, a partir dos meios técnicos de reprodutibilidade das obras: fotografia, cinema, música popular, quadrinhos, televisão, vídeo ou artes digitais. Artes tradicionais e modos técnicos de reprodução. Estudo da cultura imagética contemporânea. As formas contemporâneas de circulação das expressões artísticas. Arte, comunicação e relações de poder nas sociedades contemporâneas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas, v.I, 2 e 3. São Paulo: Brasiliense, 1989.
MARTÍN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia. Trad. R. Polito e S. Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
MORIN, Edgar. Cultura de Massas no Século XX . Rio de Janeiro: Forense, 1969.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ADORNO, Theodor. T. W. Adorno. São Paulo: Ática, 1986.
CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas. São Paulo, Edusp, 1997.
DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo . Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

NOME	CINEMA, CRIAÇÃO E EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL
CH	30
CÓDIGO	CFA0140
EQUIVALÊNCIA	((IJA0268) OU (IPF0268) OU (ISC0268))
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

Elaboração de espaços de compartilhamento e invenção coletiva pela prática e fruição da imagem cinematográfica. Abordagem dos meios audiovisuais de escrita e narrativa. Desenvolvimento de ações propostas pelos dispositivos elaborados pelo projeto “Inventar com a diferença”. O cinema como espaço de criação para uma construção subjetiva, comunitária e intercultural.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COMOLLI, Jean-Louis. Ver e Poder – a inocência perdida: cinema, televisão, ficção e documentário. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
GUIMARÃES, César. O retorno do homem ordinário do cinema . Contemporânea – Revista de Cultura e Comunicação, v. 3, n. 2, 2005.
MIGLIORIN, Cezar et alii. Inventar com a diferença – cinema e direitos humanos . Niterói: Editora da UFF, 2014.
MIGLIORIN, Cezar. Cinema e escola. sob o risco da democracia . 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FRESQUET, Adriana (Org). Cinema e educação: a Lei 13.006: reflexões, perspectivas e propostas . Universo Produção. S/D.
FRESQUET, Adriana Mabel; Migliorin, Cezar; ANHORN, Carmen Teresa Gabriel; PEREIRA, Maria Leopoldina; DOMINGUES, Glauber Resende; BARRA, Regina; OMELCZUC, Fernanda; LEANDRO, Anita

Matilde. Currículo de cinema para escolas de educação básica. Rio de Janeiro: CINEAD/LECAV, 2013.

MIGLIORIN, Cezar; PIPANO, Isaac. Cine, igualdad y escuela: la experiencia de Inventar con la diferencia. Toma Uno, v. 1, 2014, p. 199-207.

MIGLIORIN, Cezar. [O ensino de cinema e a experiência do filme-carta](#). E-compós. Revista da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v.17, n.1, jan/abr 2014. p.1-16.

NOME	MODOS DE ESCUTA E CRIAÇÃO SONORA
CH	60
CÓDIGO	CFA0135
EQUIVALÊNCIA	((IJA0206) OU (IPF0206) OU (ISC0206))
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

Possibilidades criativas e expressivas nos campos sonoros: apreciação e prática. Estudos de eventos sonoros que se estabeleceram em diferentes civilizações. Concepções de tempo, espaço sonoro, música, paisagem sonora, timbre e notação perpassando diversas tradições e culturas. Processos de construção de sensibilidades musicais no Ocidente. Proposta de apresentação artística.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAESAR, Rodolfo. [A espessura da sonoridade: entre o som e a imagem](#). Anais do XXIII Congresso da ANPPOM, Natal (RN), 2013.

IAZZETTA, Fernando. [Da escuta mediada à escuta criativa](#). In: Contemporanea, v. 10, n. 1, jan/abr, Salvador: UFBA, 2012.

WISNIK, José Miguel. O som e o sentido. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FELD, Steven. [From Schizophrenia to Schismogenesis: The Discourses and Practices of World Music and World Beat](#). In: MARCUS, G. E. and MYERS, F. R. The Traffic in Culture: Refiguring Art and Anthropology. Los Angeles: University of California Press, 1995.

FREITAS, Alexandre S. [O sonoro e o visual: questões históricas, fenomenológicas e uma abertura à estética comparada](#). Per Musi, Belo Horizonte, n. 19, 2009, p. 91-96.

SAUER, Theresa. Notations 21. New York: Mark Batty Publisher, 2009.

SHAFER, R. Murry. A afinação do mundo. São Paulo: UNESP, 2009.

SZENDY, Peter. Escucha: una historia del oído melómano. Barcelona, Paidós, 2003.

NOME	PRODUÇÃO CULTURAL E ARTE-CURADORIA
CH	60
CÓDIGO	CFA0122

EQUIVALÊNCIA	((IJA0110) OU (IPF0110) OU (ISC0110))
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OBRIGATÓRIO

EMENTA

Políticas para as artes e para a cultura: fomento público e privado, economia criativa, redes de arte e cultura e produção independente. Políticas e espaços da arte: arte no cotidiano, expografias, museografia e curadoria, festivais. A arte-curadoria. Práticas colaborativas, processos de singularização e organização coletiva.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AVELAR, Romulo. O avesso da cena: notas sobre produção e gestão cultural. Belo Horizonte: DUO, 2008.
MARCHIORI NUSSBAUMER, Gisele (Org.). Teorias & políticas da cultura. Visões multidisciplinares. Salvador: Editora da UFBA, 2007.
MARQUEZ, Renata; SCOVINO, Felipe. Escavar o futuro . In: MARQUES, Renata. Geografia portátil. Belo Horizonte: Fundação Clóvis Salgado, 2014.
ORTIZ, Renato. Cultura e Desenvolvimento . Políticas Culturais em Revista, v. 1, n. 1, 2008, p. 122- 128.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COELHO, Teixeira: Dicionário Crítico de Política Cultural. São Paulo: Iluminuras, 2004.
GUIMARÃES, Rafael Siqueira de. Economia criativa e novas formas de subjetivação no contemporâneo. In: Camargo, Hertz Wendell de; Mansano, Sonia Regina Vargas. (Org.). Consumo e Modos de Vida . Londrina: Syntagma, 2013, v. 1, p. 35-39.
MIGUEZ, Paulo. Repertório de fontes sobre economia criativa . Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – CULT/UFBA, Salvador, 2007.

22.2.1 OPTATIVOS

NOME	ARTE, COMUNIDADE E ESPACIALIDADES
CH	60
CÓDIGO	CFA0117
EQUIVALÊNCIA	((IJA0041) OU (IPF0041) OU (ISC0041))
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Lugar, território e espaço. A espacialidade do museu e da casa de espetáculos como construções históricas. O situacionismo e a psicogeografia. O público e o privado, as distintas poéticas e as espacialidades. Arte e comunicações comunitárias: possibilidades no espaço?

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GUATARRI, Felix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografia do Desejo. Petrópolis: Vozes, 2000.
JACQUES, Paola Berenstein. Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Rio Arte, 2002.
MARQUEZ, Renata. Geografias portáteis: arte e conhecimento espacial . Tese. (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. 7 ed. São Paulo: Edusp, 2012.
TAVARES, Andréa. Ficções urbanas: estratégias para a ocupação das cidades. ARS (São Paulo) [online], v. 8, n. 16, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papius, 1994.
DANTO, Arthur. A transfiguração do lugar-comum. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.
GUIMARÃES, César Geraldo. A experiência estética e a vida ordinária . E-compós – Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, [online] Brasília, v. 1, n. 1, dez 2004.
GUIMARÃES, Rafael Siqueira de; BRAGA, Cleber. Por que morar na cidade? Ou a publicidade do empreendimento imobiliário. In: OLIVEIRA, Esther Gomes de; CAMARGO, Hertz Wendell de (Orgs.). Linguagem & Publicidade. Londrina: Syntagma, 2013, p. 219-226.
PEIXOTO, Néelson Brissac. Intervenções urbanas: arte/cidade. São Paulo: SENAC, 2002.

NOME	ARTES DA GRAFIA, ESCRIVIVÊNCIAS, INSCRIÇÕES DE SI E DO OUTRO
CH	30
CÓDIGO	CFA0131
EQUIVALÊNCIA	((ISC0173) OU (IPF0173) OU (IJA0173) OU (CDT0282) OU (CHS0345) OU (PTS0157))
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Elaboração, aprimoramento e sistematização de metodologias para ensino formal/informal de artes da grafia: biografemas, bio-grafias, escrevivências, grafismos a partir da leitura de Barthes, Llansol, Conceição Evaristo, dos Yanomami e dos Huni Kuin; criação de textos a partir da auto-inscrição do sujeito da escrita no mundo; análises e apropriações produtivas das artes de grafar – biografemas, bio-grafias, escrevivências, grafismos – dos gestos autobiográficos e autoetnográficos em práticas artísticas como fotografia, dança, cinema, literatura, artes visuais, música, performance.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARTHES, Roland. A câmara clara. Lisboa: Edições 70, 2005.
EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita.

In: ALEXANDRE, Marco Antônio (Org). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

KLINGER, Diana. Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LLANSOL, Maria Gabriela. [O sonho de que temos a linguagem](#). Revista Colóquio/Letras. Ficção, n. 143/144, Jan. 1997, p. 5-18.

RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). Povos Indígenas no Brasil: 1996-2000. São Paulo: Instituto SocioAmbiental, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LLANSOL, Maria Gabriela. Amar um cão. Sintra: Colares, 1990.

MAGALHÃES, Milena; SISCAR, Marcos A. A circunavegação autobiográfica. In: NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva; BUSATO, Susanna; AMORIM, Orlando Nunes de. (Org.). Literatura e representações do eu: impressões autobiográficas. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 89-103.

MUNDURUKU, Daniel. [Escrita indígena: registro, oralidade e literatura. O reencontro da memória](#). Revista Emília, out. 2011.

VERSIANI, Daniella Beccacia. Autoetnografias. Conceitos alternativos em construção. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

NOME	ESTÉTICA DOS POVOS ORIGINÁRIOS DAS AMÉRICAS
CH	60
CÓDIGO	CFA0138
EQUIVALÊNCIA	((IJA0266) OU (IPF0266) OU (ISC0266))
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Aproximação das ações estéticas dos povos originários das Américas por suas expressões e suportes – música, dança, rituais, máscaras pinturas, tecelagens, grafismos, cerâmicas, cestarias, literatura, cinema. Discussão sobre os mecanismos de qualificação e agência construídos por seus sujeitos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BROTHERSTON, Gordon; MEDEIROS, Sérgio (Orgs.). Popol Vuh. São Paulo: Iluminuras, 2011.

CESARINO, Pedro de Niemeyer (Orgs.). Quando a Terra deixou de falar: cantos da mitologia marubo. São Paulo: Editora 34, 2013.

LAGROU, Els 2002. [O que nos diz a arte kaxinawa sobre a relação entre identidade alteridade?](#). Revista Mana, Rio de Janeiro, v. 8, 2002, p. 29-62.

LAGROU, Els. 2012. [Existiria uma arte das sociedades contra o Estado?](#) Revista de Antropologia, USP. v. 54, p. 747-780.

SÁ, Lúcia. Literaturas da Floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana. Rio de Janeiro: UERJ,

2012.

TRANS. [Revista transcultural de música. Revista arbitrada de la SIBE-Sociedad de Etnomusicología, n. 15](#), 2011. Dossiê Objetos sonoros-visuales ameríndios.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

[ARTE Kusiwa: pintura corporal e arte gráfica wajãpi](#). Brasília, DF: Iphan, 2008.

GALLOIS, Dominique Tilkin (Org.). [Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas. Exemplos no Amapá e norte do Pará](#). São Paulo: Iepé, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O desdobramento da representação nas artes da Ásia e da América". In: _____. Antropologia Estrutural. São Paulo: CosacNaify, 2012, p. 347-387.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Uma sociedade indígena e seu estilo. In: _____. Tristes trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1973 (1955), p. 167-188.

PINHATA, Isaac. [Você vê o mundo do outro e olha para o seu](#). 2009.

YAMÂ, YAGUARÊ. Sehaypóri; o livro sagrado do povo Satarê-Mawé. São Paulo: Peirópolis, 2007.

NOME	ESTÉTICAS NEGRODESCENDENTES
CH	60
CÓDIGO	CFA0143
EQUIVALÊNCIA	((IJA0315) OU (IPF0315) OU (ISC0315))
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Estudo das culturas africanas, diaspóricas e do negro no Brasil. Sistema de arte fundados em práticas culturais negroidescendentes no Brasil. Culturas negras, sistemas de arte ocidentais e autóctones – encontros/confrontos e desdobramentos artísticos. Leituras e releituras da historiografia produzida pelo eurocentrismo; dos Estudos Colonialistas aos Estudos Culturais. "Afro-brasilidade" como unidade cultural – da marginalização eurocêntrica à conjuntura política atual. Arte e cultura: alteridade nas relações entre as matrizes afrodescendentes e outras matrizes culturais presentes no Brasil.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ACEVEDO, Claudia Rosa. NOHARA, Jouliana Jordan. [Interpretações sobre os retratos dos afrodescendentes na Mídia de Massa](#). Curitiba: RAC, Edição Especial. 2008.

HALL, Stuart. Da diáspora, identidades e mediações. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. A invenção do ser negro: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: EDUC/FAPEESP/PALLAS, 2002.

SILVA, Dilma de Neto; CALAÇA, Maria Cecília F. Arte africana e afro-brasileira. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HERSCHMANN, Micael. O funk e o hip-hop invadem a cena. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

SHOHAT, Ella. STAM, Robert. Crítica da imagem eurocêntrica. São Paulo: Cosacnaify, 2006.

SILVA, Nelson Inocêncio. Museu afro Brasil no contexto da Diáspora: dimensões contra-hegemônicas das artes e culturas negras. Tese de Doutorado em Artes da UNB, 2012.

TINHORÃO, José Ramos. Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folguedos, origens. São Paulo: Art Editora, 1988.

TUGNY, Rosângela Pereira & QUEIROZ, Rubem Caixeta (org.). Músicas africanas e indígenas no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

NOME	ESTÉTICAS OCIDENTAIS NAS AMÉRICAS
CH	60
CÓDIGO	CFA0144
EQUIVALÊNCIA	((IJA0338) OU (IPF0338) OU (ISC0338))
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Arte colonial e formas regionais de realização dos modelos europeus. Apropriação histórica de modelos estéticos ocidentais e definição de identidades independentes nas artes nacionais das Américas. Perpetuação, hibridação e transformação dos modelos estéticos ocidentais nas sociedades americanas. Pós-colonialismo nas artes das Américas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. Identidade e arquitetura na América Latina: o transnacional e o transcultural como estratégias do Barroco e do século XXI. *Vária História*, Belo Horizonte, n. 27, julho de 2002. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/varia/admin/pdfs/27p117.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2015.

GOMBRICH, Ernst Hans. A história da arte. 16. ed. São Paulo: LTC, 2000.

KUSH, Rodolfo. [América profunda](#). Lima: Bellido Ediciones E.I.R.L., 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BAUMGARTEN, Jens; TAVARES, André. [O Barroco colonizador: a produção historiográfico-artística no Brasil e suas principais orientações teóricas](#). *Perspective*, la revue de l'INHA [online] publicado em 30 de setembro de 2014.

COSTA, Lúcio. [A arquitetura dos jesuítas no Brasil](#). *ARS* [online]. São Paulo, 2010, v. 8, n. 16, p. 127-195.

FALBELT, Ana. [Cartas da América: Arquitetura e Modernidade](#) e. Seminário Docomono, s.d.

FERREIRA, Lucelena. [O tributo antropofágico: ecos europeus na poesia pau-brasil](#). *Revista Vertentes*, n. 34, 2009.

PIPER, Adrian. [A lógica do modernismo](#). *Revista Poiesis*, n. 11, nov. 2008, p.167-176.

NOME	FRUIÇÕES ESTÉTICAS PARA ALÉM DOS "CENTROS"
------	--

CH	60
CÓDIGO	CFA0145
EQUIVALÊNCIA	((IJA0339) OU (IPF0339) OU (ISC0339))
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Periferia como conceito. Do estigma à poiesis. Folkcomunicação e comunicação comunitária. Formas de subjetivação dos espaços de alteridade. Da precariedade à inventividade: experiências artísticas da América Latina. Práticas culturais espontâneas que esgarçam os cânones da arte. O fazer-viver como fazer artístico. A captação fotográfica e a observação das estéticas do cotidiano. Composições urbanas: instalações e performances na reconfiguração do espaço.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LACAZ, Alessandra Speranza; LIMA, Silvana Mendes & HECKERT, Ana Lúcia Coelho. Juventudes periféricas: arte e resistências no contemporâneo . Psicologia & Sociedade, 27(1), 58-67.
RAMOS, Alexandre Dias. Mídia e arte: aberturas contemporâneas. Porto Alegre: Zouk, 2006.
VILLAÇA, Nízia. Estéticas periféricas na cidade . Revista Periferia, v. 2, n. 1, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
CANCLINI, Néstor García. O precário é condição predominante na criação: entrevista . [14.04.2015]. Rio de Janeiro: Jornal O Globo. Entrevista concedida a Luiz Felipe Reis.
MEDEIROS, Maria Beatriz de & ALBUQUERQUE, Natasha de. Composição urbana: surpresa e fuleragem. Palco Giratório: circuito nacional. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2013. p. 24-35.
SOUSA, Jayme Ricardo da Silva. Estéticas periféricas: cotidiano e cultura visual no ensino da arte . Dissertação. (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
VILLAÇA, Nízia. A periferia pop na idade média. São Paulo: Estação Letras e Cores, 2011.

NOME	LIBRAS [CE]
CH	60
CÓDIGO	ISC0432
EQUIVALÊNCIA	((IPF0432) OU (IJA0432) OU (CAM0404) OU (CDT0334) OU (PTS0265) OU (CHS0401) OU (CTA0371) OU (CFS0217))
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Introdução aos aspectos históricos e conceituais da cultura surda e filosofia do bilinguismo. Processos cognitivos e linguísticos. O cérebro e a língua de sinais. Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) e a modalidade diferenciada para a comunicação (gestual-visual). Ampliação de habilidades expressivas e receptivas em LIBRAS. Vivência comunicativa dos aspectos sócio-educacionais do indivíduo surdo. Conceito de surdez, deficiência auditiva (DA), surdo-mudo, mitos, SignWriting (escrita de sinais). Legislação específica. Prática em Libras – vocabulário.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRADE, Lourdes. Língua de Sinais e Aquisição da Linguagem. In: Fonoaudiologia: no sentido da linguagem. São Paulo: Cortez, 1994.
CAPOVILLA, F.C., RAPHAEL, W. D. (no prelo). Sinais da LIBRAS e o universo da Educação. In: F. C. Capovilla (Org.). Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: O Mundo do Surdo em LIBRAS. (Vol. 1, de 19 volumes, 340 pp.). São Paulo, SP: Edusp, Vitae, Brasil Telecom, Feneis.
GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? São Paulo, Editora Parábola: 2009.
PERLIN, G. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.
QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua Brasileira de Sinais: Estudos Lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 25ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
GÓES, Maria Cecília Rafael de. Linguagem, surdez e educação. 2ª. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.
GOFFMAN, Erving. Estigma e Identidade Social. In: GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
GOLDFELD, Márcia. A Criança Surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.
LACERDA, Cristina B. Feitosa de. A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais: trabalhando com sujeitos surdos. Cadernos Cedes, ano XX, n. 50, abr. 2000.

NOME	POÉTICAS AMERÍNDIAS NO BRASIL: LITERATURA, CINEMA E GRAFISMO
CH	30
CÓDIGO	CFA0119
EQUIVALÊNCIA	((IJA0063) OU (IPF0063) OU (ISC0063))
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Compreensão do conceito “poéticas indígenas”. Relações entre comunidades, línguas e culturas nos processos de criação poética em contextos interculturais. Tradução literal, tradução criativa e transcrição. Apreciação e análise de poéticas contemporâneas dos povos indígenas no Brasil: literatura, grafismo e cinema.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA, Maria Inês de. Os livros da floresta. In.: _____ ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, FALE/UFMG, 2004. p. 195-297.

ALMEIDA, Maria Inês de. [Onze teses para a universidade indígena](#). Tabebuia – índios, pensamento, educação. v. 2, dez. 2012.

LIMA, Amanda Machado Alves de. [O livro indígena e suas múltiplas grafias](#). Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

SEVERI, Carlo; LAGROU, Els (Orgs.). Quimeras em diálogo: grafismo e figuração na arte indígena. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARAÚJO, Ana Carvalho Ziller (Org.). [Cineastas indígenas: um outro olhar. Guia para professores e alunos](#). Olinda, PE: Vídeo nas Aldeias, 2010.

BARRA, Cynthia de Cássia Santos. O fulgor como método de leitura: Llansol e os Maxakali. In: MOURÃO, Fernanda; BRANCO, Lúcia Castello (Org.). A cura da literatura – breve encontro intenso da psicanálise com o texto de Maria Gabriela Llansol. Belo Horizonte: FALE-UFMG Viva Voz, 2013, p. 89-98.

BICALHO, Charles Antônio de Paula. [Koxuk. a imagem do Yãmiy na poética maxakali](#). 2010. Tese (doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

BOX CINEASTAS INDÍGENAS. Coletivo Kuikuro de cinema; Coletivo Hunikui de cinema; Coletivo Panará de cinema. Documentário produzido pelo vídeo nas Aldeias. Brasil, DVD, 2008.

BOX CINEMA TIKMU'UN Maxakali. Projeto Imagem-Corpo-Verdade / Trânsito de Saberes Maxakali e cineastas tiikmu'un da Terra Indígena de Pradinho. Coord. Rosângela de Tugny. Realização: Associação Filmes de Quintal. Brasil, 2013.

GRUBER, Jussara Gomes. Organização Geral dos professores Ticuna bilíngües. O livro das árvores. São Paulo: Global, 2000.

LANA, Feliciano. A origem da noite e como as mulheres roubaram as flautas sagradas. 2. ed. Manaus: EDUA. 2009.

NOME	POÉTICAS NEGRODESCENDENTES
CH	30
CÓDIGO	CFA0123
EQUIVALÊNCIA	((IJA0116) OU (IPF0116) OU (ISC0116))
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

Apropriação de elementos de culturas negrodescendentes como meio de afirmação identitária no campo artístico e/ou nas expressões espetaculares fundadas na tradição popular, no Brasil e na Diáspora. Modos de realização do discurso negro orientado na arte:

formas, princípios, características e estratégias. Identidades, negritude, herança cultural, estética, diáspora e descolonização eurocêntrica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BENTO, Maria Aparecida da Silva; SILVEIRA, Marly de Jesus; NOGUEIRA, Simone Gibran (Org.) Identidade, branquitude e negritude - contribuições para a psicologia social no Brasil: novos ensaios, relatos de experiência e de pesquisa. Santa Catarina: Editora Casa do Psicólogo, 2014.
EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade . 2009.
GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Racismo e Anti-Racismo no Brasil. São Paulo: Editora 34, 1999.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GODI, Antônio. Performance afro-musical: legitimação e pertencimento no contexto eletrônico . S/D.
LIMA, Evani Tavares. Por uma escritura poética negra. (Palestra). 2012.
MARINHO, Vanessa. Militância negra e expressão estética no recife (1980-2003) . Anais do V Colóquio de História da UNICAP. Recife, 2011.
MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. In: Rabetti, Graciela; Arbex, Márcia [Org.]. Performances, exílios, fronteiras: errâncias territoriais e textuais. Minas Gerais: Poslit, 2002. p. 69-91.
SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira . Tempo Social, Rev. Sociol. USP, S. Paulo, v. 5, n1-2, 1993, p. 31-52 (editado em nov. 1994).

NOME	TEORIAS E PRÁTICAS DE TRADUÇÃO
CH	60
CÓDIGO	CFA0139
EQUIVALÊNCIA	((IJA0267) OU (IPF0267) OU (ISC0267))
NÍVEL	GRADUAÇÃO
MODALIDADE	PRESENCIAL
NATUREZA	OPTATIVO

EMENTA

A tradução como campo – saberes e práticas. Processos sógnicos e interculturais nas Artes. Análises de práticas tradutórias colaborativas e interculturais em diferentes linguagens (cinema, vídeo, literatura, teatro e outros). Oficinas para elaboração e execução de projetos de tradução.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRANCO, Lucia (Org.). A tarefa do tradutor de Walter Benjamin: quatro traduções para o português . Trad. Fernando Camacho, João Barreto, Karlheinz Barck, Susana Kampff Lages. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008.
MATO, Daniel. No hay saber "universal". la colaboración intercultural es imprescindible . Alteridades, México, v. 18, n. 35, jun. 2008.
MUSSA, Alberto. Meu destino é ser onça: mito tupinambá restaurado por Alberto Mussa. Rio de Janeiro: Record, 2009.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. São Paulo, Contexto, 2007.

PLAZA, Julio. *Tradução intersemiótica*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

RISÉRIO, Antônio. *Oriki, Orixá*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ROTHENBERG, Jerome. *Etnopoesia no milênio*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

TAPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma M. *Haroldo de Campos: transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2014.